

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DIEGO SANTO MARMENTINI

**O FASCIO E A CRUZ: AS MEMÓRIAS DE UM CAPELÃO ITALIANO
PRISIONEIRO DE GUERRA (1943-1946).**

CURITIBA

2017

DIEGO SANTO MARMENTINI

**O FASCIO E A CRUZ: AS MEMÓRIAS DE UM CAPELÃO ITALIANO
PRISIONEIRO DE GUERRA (1943-1946).**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, no Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Gonçalves

CURITIBA

2017

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Marmentini, Diego Santo

O Fascio e a Cruz: as memórias de um capelão italiano prisioneiro de guerra (1943-1946) / Diego Santo Marmentini – Curitiba, 2017.

129 f.

Orientador: Marcos Gonçalves

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Fascismo – Itália. 2. Guerra mundial, 1939-1945. 3. Prisioneiros de guerra - Itália. I. Título.

CDD 320.533




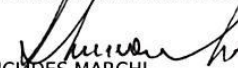
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em HISTÓRIA
Código CAPES: 40001016009P0

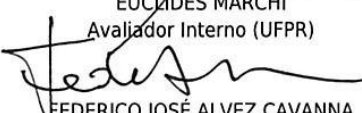
TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **DIEGO SANTO MARMENTINI**, intitulada: " **O FASCIO E A CRUZ: AS MEMÓRIAS DE UM CAPELÃO ITALIANO PRISIONEIRO DE GUERRA (1943-1946)**"., após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO.

CURITIBA, 08 de Março de 2017.


MARCOS GONÇALVES
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


EUCIDES MARCHI
Avaliador Interno (UFPR)


FEDERICO JOSÉ ALVEZ CAVANNA
Avaliador Externo (UNESPAR)



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao grupo da CAPES, que através do apoio financeiro de dois anos foi responsável pela concretização deste trabalho. Vocês contribuíram no aperfeiçoamento de um pesquisador e um professor.

Gostaria de expressar minha imensa gratidão ao professor Marcos Gonçalves, meu Orientador. Foi um privilégio conviver e trabalhar com um profissional tão sério e comprometido. Recordo do momento da entrevista quando expressou interesse com o projeto, do início ao fim se mostrou diligente, cordial e incentivador. Obrigado de coração!

Aos professores Euclides Marchi e Marion Brepohl nosso muito obrigado, na banca de qualificação foram fundamentais com suas críticas e sugestões. Também ao professor Euclides e Federico que na banca final mostraram outras possibilidades de estudo. Obrigado!

Obrigado às professoras que mostraram caminhos essenciais para efetivação deste trabalho ao ministrar as disciplinas: Karina Bellotti, Marcella Guimarães, Marion Brepohl e Ana Paula Martins.

Obrigado Maria Cristina, você sempre foi tão serena com este aluno perdido.

Aos amigos Itacir e Eloir Cadore que me apresentaram ao padre Ermenegildo e também ao padre Élcio por fornecer uma cópia do livro de memórias.

E claro, todos os colegas nessa caminhada: Aline, Antônio, Natasha, Tiago, Ingrid, Flora, Flávia e Clayton.

RESUMO

Esta dissertação propõe analisar o livro de memórias do frei capuchinho e capelão italiano Ermenegildo Bortolato. Seu relato de 304 páginas escrito em Veneza no ano de 1947 discorreu sobre o período em que permaneceu prisioneiro na Inglaterra entre 1943 e 1946. Esta análise pretende entender a originalidade da experiência deste sacerdote católico numa época marcada pela ascensão e queda do regime fascista. Nos Campos de Prisioneiros de Guerra, a violência física e psicológica, a constante vigilância dos oficiais britânicos e a dificuldade de exercer os “serviços espirituais”, foram aspectos abordados no discurso de Ermenegildo. O capelão também expôs suas impressões políticas sobre a Itália fascista, a guerra na Europa, e a Inglaterra, país que sentia aversão. Seu escrito intitulado: “Tre anni di prigionia sotto gli inglesi, dal maggio 1943 all’agosto de 1946”, iniciou com o ano de 1943 e a derrocada do regime mussoliniano na derrota da batalha de El-Alamein, na qual o capelão foi capturado. Entre 1943 e 1946, 400.000 homens do Eixo passaram por campos de prisioneiros na Inglaterra. Os reveses e decepções de Ermenegildo na prisão foram igualmente os da Itália, país pelo qual lutava e rezava. No cárcere, decidiu pela não colaboração com os ingleses, e por isso foi enviado ao campo de prisioneiros 175, um campo de “reeducação”. Conciliar a fé católica, e a “fé” no regime, foi outra faceta de sua vida de prisioneiro. Repatriado em 1946 viu que a Itália assim como ele estava seriamente fragilizada pela guerra.

Palavras-chave: Fascismo Italiano, Segunda Guerra Mundial, capelania militar, prisioneiros de guerra.

ABSTRACT

This dissertation proposes to analyze the book of memories of the Capuchin Friar and Italian Chaplain Ermenegildo Bortolato. His 304 page report, written in Venice in 1947 chronicled the period when he remained a prisoner in England between 1943 and 1946. This analysis seeks to understand the originality of the experience of this Catholic priest in a time marked by the rise and fall of the fascist regime. In the Prisoners of War camps, the physical and psychological violence, the constant vigilance of British officers, and the difficulty of exercising "spiritual services" was the emphasis of Ermenegildo's speech. The chaplain also exposed his political impressions about fascist Italy, the war in Europe, and England, a country that felt aversion. His letter entitled "Tre anni di prigionia sotto gli inglesi, dal maggio 1943 all'agosto de 1946", began with the year 1943 and the collapse of the Mussolini regime in the defeat of the battle of El-Alamein, in which the chaplain was captured. Between 1943 and 1946, 400,000 men of the Axis passed through prison camps in England. Ermenegildo's setbacks and disappointments in prison were also those of Italy, a country for which he fought and prayed. In the jail, he decided not to collaborate with the English, and so was sent to the prison camp 175, a camp of "re-education". Reconciling the Catholic faith, and "faith" in the regime, was another facet of his life as a prisoner. Repatriated in 1946 saw that Italy just as he was seriously weakened by the war.

Key words: Italian Fascism, World War II, military chaplaincy, prisoners of war.

RIASSUNTO

Questa tesi si propone di analizzare le memorie del libro del frate cappuccino e cappellano italiano Ermenegildo Bortolato. Il suo rapporto di 304 pagine scritte a Venezia nel 1947, ha parlato del periodo in cui è rimasto prigioniero in Inghilterra tra il 1943 e il 1946. L'analisi mira a comprendere l'originalità l'esperienza di questo prete cattolico in un momento segnato dalla ascesa e la caduta del regime fascista. Nei campi di prigionieri di guerra, violenza fisica e psicologica, la vigilanza costante degli ufficiali britannici e la difficoltà di esercitare "servizi spirituali" è stato la enfasi del discorso di Ermenegildo. Il cappellano inoltre esposto le loro idee politiche sulla Italia fascista, la guerra in Europa, e in Inghilterra, un paese che si sentiva avversione. La sua scrittura dal titolo "Tre anni di prigionia Sotto gli Inglesi, dal maggio 1943 all'agosto 1946", iniziato con l'anno 1943 e la caduta del regime di Mussolini nella sconfitta della battaglia di El Alamein, in cui il cappellano è stato catturato. Tra il 1943 e il 1946, 400.000 uomini di Axis passarono da campi di prigionia in Inghilterra. Il disgrazie e delusioni di Ermenegildo in carcere sono stati anche d'Italia, un paese per il quale lui ha combattuto e ha pregato. In prigionia, ha deciso di non cooperazione con gli inglesi, e così è stato inviato al Campo di prigionia 175, un campo di "rieducazione". Conciliare la fede cattolica, e "fede" nello regime, è stato un altro aspetto della sua vita in carcere. Rimpatriato nel 1946 ha visto l'Italia come gli era stato seriamente indebolito dalla guerra.

Parole chiave: fascismo italiano, Seconda Guerra Mondiale, cappellania militare, prigionieri di guerra.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - ORAÇÃO AO PADRE ERMENEGILDO	11
FIGURA 2 - ORDENAÇÃO SACERDOTAL DE ERMENEGILDO	60
FIGURA 3 - GUGLIELMO BORTOLATO E PADRE ANTÔNIO CONDOTTA	62
FIGURA 4 - O CAPELÃO ERMENEGILDO EM 1942.....	73
FIGURA 5 - ALTAR CONTRUÍDO ENTRE AGOSTO E OUTUBRO DE 1943	77
FIGURA 6 - GOATHURST CAMP, SOMERSET.....	83
FIGURA 7 - CAPELÃES LIBERADOS PARA “SERVIÇOS ESPIRITUAIS”	92

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - PRINCIPAIS INTERPRETAÇÕES SOBRE O FASCISMO ENTRE 1930-1970	25
---	----

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - MUNICÍPIO DE RIO DAS ANTAS – SC.....	12
MAPA 2 - ITINERÁRIO DE ERMENEGILDO NO NORTE DA ÁFRICA.....	71
MAPA 3 - ITINERÁRIO DE ERMENEGILDO NA INGLATERRA.....	85

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	FASCISMO ITALIANO E CATOLICISMO ROMANO	23
1.1	Fascismo: algumas tentativas de interpretação.....	24
1.2	O caminho para o fascismo italiano	27
1.3	A política na Itália liberal (1901-1914)	30
1.4	A Primeira Guerra Mundial e a queda do liberalismo na Itália.....	36
1.5	O fascismo chega ao poder	41
1.6	O fascismo e a Igreja Católica Romana.....	50
1.7	A sacralização da política na Itália Fascista	54
1.8	A sacralização da política num Campo de Prisioneiros de Guerra.....	57
1.9	O fascismo clerical	60
2	A EXPERIÊNCIA PRISIONAL: DA ÁFRICA AO REPATRIAMENTO	66
2.1	A campanha do norte da África e a captura.....	68
2.2	O dilema da colaboração	74
2.3	Os campos de prisioneiros de guerra da Inglaterra.....	82
2.4	A repatriação.....	87
3	MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E SENTIMENTOS	90
3.1	Os sentimentos nos escritos de Ermenegildo	90
3.2	Ódio	94
3.3	Humilhação.....	97
3.4	Ressentimento.....	101
3.5	Memória ferida	102
3.6	Esquecimento: a luta contra a injustiça	105
3.7	Testemunho: a memória posta à prova	109
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
	FONTES	117
	REFERÊNCIAS.....	117
	ANEXOS.....	122

INTRODUÇÃO

Recordação Iº: Leitor, lembre que os ingleses, são pérfidos, hipócritas, malvados e cruéis. - Recordação IIº: Lembre que os ingleses são violentos, e INIMIGOS satânicos do cristianismo em geral, e do catolicismo em particular. - Recordação IIIº: Lembre que os ingleses, são INIMIGOS, de todo bem ORDENADO e tranquilo viver social. A Inglaterra é verdadeiramente a inimiga capital de toda a HUMANIDADE.¹

Com estas palavras o capelão italiano Ermenegildo Bortolato no dia 27 de agosto de 1947, finalizou as 304 páginas de seu livro de memórias.² Prisoneiro dos ingleses entre 1943 e 1946, o capelão capuchinho evocou no longo e minucioso relato cuja parte transcreveu-se acima, sua experiência de vida cotidiana em campos de prisioneiros de guerra na Inglaterra, durante parte da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Iniciamos com este trecho do discurso do capelão Bortolato porque a análise do que ele escreveu norteará nosso estudo. Pretendemos demonstrar durante esta dissertação as possibilidades que tal discurso fornece para a compreensão de uma época, a partir de alguém afetado diretamente pelos horrores da guerra e pelo radicalismo político do fascismo italiano (1919-1945).

Antes, porém de prosseguirmos na tarefa de revelar quem foi Ermenegildo, adentrarmos no seu discurso, e respondermos questões como: onde escreveu e porque escreveu, cumpre munir o leitor das circunstâncias com as quais tomamos contato com a figura do capelão e esta fonte, e para isto, devemos voltar nosso olhar ao Brasil.

Numa pequena cidade de colonização italiana cresceu uma devoção popular em torno do padre. A oração que pode ser observada abaixo é entoada todos os anos no dia 28 de fevereiro, por centenas de romeiros desde 1999. Reunidos na paróquia Santa Izabel em Ipomeia, localizada no município de Rio das Antas no Oeste do Estado de Santa Catarina, os fieis provêm de cidades do entorno, como Videira e Caçador, para a realização de uma Romaria ao padre conhecido como “Santo vigário de Ipomeia”. A data da romaria foi fixada em 28 de fevereiro, porque neste dia em 1977 a morte de Ermenegildo³ finalizaria seu trabalho que durava mais de décadas na citada comunidade.

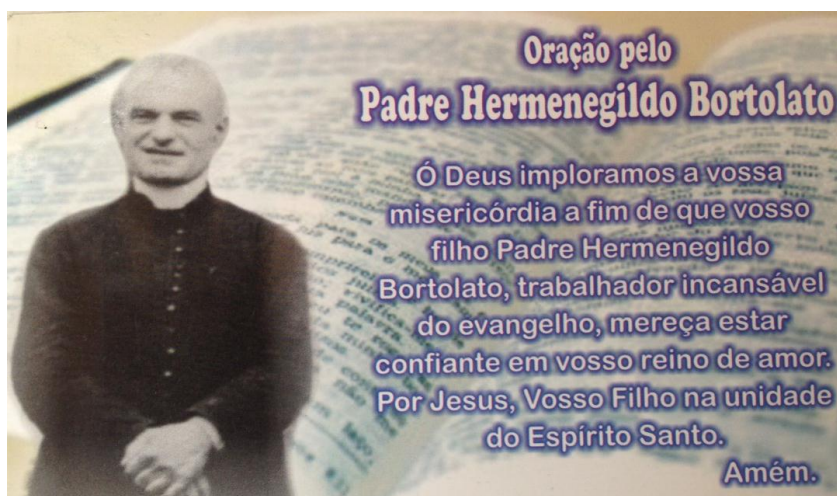
¹BORTOLATO, Ermenegildo. *Tre anni di prigionia sotto gli inglesi*: dal maggio 1943 all'agosto de 1946. Veneza, 1947. p. 304. Grifos do autor. Tradução nossa.

² Ao longo deste trabalho todos os trechos destacados do livro de memórias de Ermenegildo, que foi escrito em italiano em 1947, serão de nossa tradução. Todos os trechos em caixa alta e sublinhados são de Ermenegildo.

³ Decidimos grafar o nome de Ermenegildo sem “h”, porque foi assim que o capelão assinou no seu livro de memórias, nossa fonte principal no trabalho.

Pároco de Ipomeia entre agosto de 1952 e janeiro de 1976, o padre obteve a simpatia dos seus moradores, o que é demonstrado pela forte adesão à romaria.

FIGURA 1 – ORAÇÃO AO PADRE ERMENEGILDO



FONTE: Museu Ermenegildo Bortolato, Rio das Antas – SC.

Na romaria é possível realizar a oração acima, escrita pelo também padre italiano Inocente Bentóglia, sucessor de Ermenegildo em Ipomeia, e vislumbrar o túmulo de Ermenegildo e sua imagem esculpida de mais de 2 metros de altura, ambos no interior da igreja.

Entrecortados pelo hino e a ladainha em sua homenagem, agradecimentos e pedidos de bênçãos são feitos ao padre, bem como orações por sua beatificação. Também é possível visualizar fotos, documentos, roupas, paramentos litúrgicos, instrumentos musicais e objetos dos mais variados pertencentes a ele que foram pouco a pouco compilados por paroquianos. O museu dessas “reliquias” retrata a vida de Ermenegildo no período anterior à vinda ao Brasil em 1951, mas principalmente nos anos de sua passagem por Ipomeia.

Os símbolos descritos acima, reconhecidos, salvaguardados e rememorados todos os anos pelos paroquianos, constituem a materialização de uma rede de significação que permanece viva naquela geração que conviveu com Ermenegildo, e que sobrevive.

MAPA 1 – MUNICÍPIO DE RIO DAS ANTAS – SC



FONTE: Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_das_Antas#/media/File:SantaCatarina_Municip

Acesso em: 5 de nov. 2016.

Os visitantes da paróquia de Santa Izabel acreditam observar alguma escultura surrealista em frente à igreja, de fato é uma das turbinas movidas a água, instaladas no rio do Peixe, com a iniciativa de Ermenegildo, e que possibilitaram na década de 1950 a vinda da energia elétrica em Ipomeia.

Quais as motivações de Ermenegildo em partir da Itália e instalar-se numa pequena cidade de colonização italiana na década de 1950? Seria o fervor missionário de capuchinho, como acreditou seu sobrinho, que sobre ele escreveu uma biografia (hagiografia)? Como explicar essa permanência duradoura na comunidade, a devoção popular, a atribuição de milagres e a presença marcante na memória coletiva em torno deste sacerdote católico? Uma série de questionamentos vem à tona, quando nos confrontamos com sua figura.

A ideia de explorar a vida de Ermenegildo surgiu em 2013, quando eu restava realizando uma pesquisa no mosteiro Trapista Nossa Senhora do Novo Mundo em Campo do Tenente - PR, e da hospedaria pensava por onde iniciar o estudo dos inúmeros documentos arrolados do arquivo dos monges.

Determinado a acordar às 3:00 da manhã para as matinas, afinal estava imerso no ambiente de pesquisa, deitei, e para minha surpresa o olhar perdido fitou o porta-retrato cuja metade saía de minha mochila, tratava-se da foto do padre Ermenegildo Bortolado, personagem que, aliás, já era conhecido por estar afixado na parede da casa de minha avó e de alguns tios e tias da cidade de Videira, incluindo minha mãe, para quem eu afinal levava sem maiores pretensões o porta-retrato do padre.

Quando estive em Ipomeia no final de 2013, pude vivenciar a “fama” de Ermenegildo por alguns instantes na narrativa de Itacir e Eloir Cadore, paroquianos que voluntariamente ajudaram a organizar o museu do padre. Ao ouvi-los, e adentrar o museu, descobrimos outras facetas de Ermenegildo, como quando se referiram ao “Santo Vigário” como um herói de guerra. Uma vestimenta nos chamou a atenção, pelo aspecto e destaque que recebia no museu. A peça se encontrava acima das fotografias, cartas e objetos do padre, e como uma espécie de troféu estava acondicionada num vidro.

Eloir disse que aquele era o uniforme de prisioneiro que Ermenegildo trouxe da Itália. Ele foi aprisionado na Inglaterra, acrescentava. Depois de lermos alguns jornais da região sobre o padre, vimos que de fato Ermenegildo foi capturado por tropas inglesas no norte da África em 1943, sendo repatriado um ano após o final do conflito, em 1946.

Uma cópia de um “diário” no qual Ermenegildo narrava sua experiência prisional, e que não estava no museu, foi então gentilmente fornecida a nós pelo antigo pároco de Ipomeia, padre Élcio Alberton, que havia iniciado um trabalho de tradução do documento de 304 páginas, escrito por Ermenegildo em Veneza no ano de 1947, e trazido ao Brasil por ele em 1951.

Percebemos que Ermenegildo era familiarizado com a máquina de escrever. Seguiu um padrão de escrita do início ao fim, aspectos como a ortografia, o layout do seu texto demonstraram isso. O documento nos chamou a atenção, era cuidadosamente estruturado, com poucos erros de digitação, com parágrafos longos parecia escrito “num único fôlego”. Nas 304 páginas o padre optou em seguir um modelo linear, da captura a repatriação. Seu objetivo não era apresentar uma marca poética. Estava em nossas mãos um relato cru e factual das prisões da Inglaterra, pelo menos assim pensávamos.

A leitura revelou que Ermenegildo se preocupou com os detalhes na narrativa, destacou os nomes dos interlocutores, suas falas, bem como os lugares e o funcionamento dos campos de prisioneiros que passou. O sobrinho de Ermenegildo descreveu o diálogo travado com Ermenegildo em 1947.

Tudo quanto eu contava para o tenente capelão padre Hermenegildo parecia tão absurdo que ele resolveu me convidar para ir até o seu escritório onde me mostrou um diário que havia redigido durante a prisão. As páginas que me permitiu ler descreviam com detalhes o tratamento que havia recebido como capelão militar.⁴

⁴ BORTOLATO, Otello. *Para além das fronteiras*: Pe. Hermenegildo Bortolato, de Noale para o Brasil-capuchinho, capelão militar, missionário. Tradução de Élcio Alberton. Rio das Antas: Clube dos Autores, 2013, p. 57.

Esse diálogo foi o único vestígio que conseguimos a respeito do lugar onde as memórias de prisioneiro foram escritas. Segundo Otello, o capelão teria redigido seu relato na prisão, mas na página final percebemos que o lugar assinalado é Mestre, uma localidade pertencente ao município de Veneza. É bem possível que o padre tenha escrito na prisão um esboço do que organizaria mais tarde no convento, quando dispunha de máquina de escrever. A hipótese mais provável que lidamos é uma delimitação do capelão anterior à elaboração final do relato.

A descoberta desta fonte mudou o foco de nossa pesquisa, porque deslocou a ênfase do trabalho missionário de Ermenegildo no Brasil, para a Itália da ascensão e queda do fascismo italiano (1919-1945), movimento no qual o país de Ermenegildo estava implicado, e ele como centenas de padres cuja missão durante a Segunda Guerra Mundial era desempenhar as funções de capelão militar, estava imerso.

Ermenegildo Bortolato nasceu em Noale, Itália, em 28 de janeiro de 1904, e entrou com 10 anos no seminário da cidade de Rovigo. Em 1919, com 15 anos, professou seus primeiros votos de castidade, pobreza e obediência.

Na infância Bortolato presenciou seu país em guerra. Com a Itália tendo entrado na Primeira Guerra contra a Áustria em um conflito que sacudiu a região do Vêneto, por mais de três anos, Hermenegildo bateu à porta do Seminário de Rovigo.⁵

Sua formação religiosa foi interrompida no ano de 1924 para a prestação do serviço militar, que ainda era obrigatório aos padres na Itália.⁶ Em 1915 ao entrar no seminário, Ermenegildo era um menino de 11 anos. Treze anos de seminário resultariam em 1928 na sua ordenação sacerdotal pelas mãos do cardeal Pedro La Fontaine em Veneza. Novamente em Noale, Ermenegildo, então rebatizado como frei Apollonio, comemoraria a profissão dos votos perpétuos, numa festa também especial para Guglielmo e Ida Bruneta que viram o filho mais velho ser o primeiro a se tornar religioso.

A partir de então o jovem sacerdote iniciou seus trabalhos com uma missão importante. Como afirma o padre José Besen, “De 1928 a 1932 estive a serviço da edição das

⁵ Ibid. p. 30.

⁶ Os integrantes do clero católico romano foram isentos da prestação do serviço militar segundo o art. 1º da Concordata realizada entre o Estado e a Igreja, e assinada em paralelo ao Tratado de Latrão de 11 de fevereiro de 1929. No entanto a mesma Concordata limitava as atividades da Ação Católica e dos eclesiásticos, ordenando-lhes que se mantivessem fora de partidos políticos. MARTINA, Giacomo. *História da Igreja: De Lutero a nossos dias*. IV – A Era Contemporânea. São Paulo: Edições Loyola. 1997, p. 158.

obras de São Lourenço de Brindisi,⁷ em Pádua, em preparação para a declaração de Doutor da Igreja ao Santo.”⁸

Certamente o estudo da obra do santo influenciou decisivamente a trajetória posterior de Apollonio. Assim como Lourenço, Apollonio adotou o serviço militar. O estilo de vida austero e simples, a prática do jejum e o hábito de não comer carne, foram traços que permaneceram no padre, estes últimos comuns aos frades menores, mas cumpridos fielmente por São Lourenço e Apollonio.

Frei Apollonio trabalhou posteriormente em várias paróquias até 1941.⁹ De sua formação religiosa e sua atividade como pároco é importante perceber que a organização da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos a qual pertencia, era inspirada em São Francisco de Assis, e dedicava-se ao auxílio dos pobres, a caridade; seus integrantes prezavam pelo despojamento dos bens materiais e tinham um forte viés missionário.

Apesar de muitos obstáculos externos, muitas vezes inimigos de toda a vida religiosa, a dos Capuchinhos foi capaz de apresentar uma vida franciscana muito apreciada e expressamente elogiosa, muitas vezes, na verdade, comparada com a vida primitiva dos Franciscanos, a vida austera de pobreza e humildade, simplicidade, alegre penitência, vida apostólica e zelo missionário.¹⁰

Após o trabalho pastoral, a vida de Apollonio sofreu uma reviravolta. Pois o frei entrou nas fileiras do exército italiano em 1941. Seguindo a tradição de seu pai, que participou como soldado na Primeira Guerra da Abissínia em 1896, quando a Itália foi derrotada pelas tropas etíopes. O padre deixaria o trabalho paroquial no ano de 1941, para se tornar tenente-capelão no 65º Batalhão de Infantaria Motorizada Trieste, e enfrentaria a partir daí as tropas Aliadas no Norte da África. Nesta divisão da denominada *Afrikakorps*, cujas tropas eram subordinadas ao general alemão Erwin Rommel, permaneceu até 1943, quando foi preso.

Em maio de 1943 se encontrava em Enfidaville, próximo ao litoral tunisiano, e seu batalhão foi surpreendido pelo 8º Exército comandado pelo general britânico Montgomery.

⁷ São Lourenço que pertenceu à Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, além de uma vasta obra que compilada atinge 800 sermões, descreveu por meio de crônicas a vitória obtida sobre os turcos otomanos em 1601. O santo que foi proclamado doutor da Igreja Católica Romana, foi um dos primeiros capelães militares da instituição. Hagiografias atribuem a ele o sucesso contra os “hereges muçulmanos”, ao encorajar as tropas.

⁸ BESEN, José A. *Pe. Hermenegildo Bortolato: Soldado da Pátria, soldado da Igreja*. Disponível em: <https://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/1612-2/> Acesso em: 11/01/2016.

⁹ Ermenegildo trabalhou entre outubro de 1933 e junho de 1935 na paróquia de Villafranca Veronese. De 1936 a 1941 foi vigário coadjutor na Vila del Nevoso em Pirinska Bistrica, à época pertencente à Itália e hoje à Eslovênia.” In.: BORTOLATO, Otello. *Para além das fronteiras*: Pe. Hermenegildo Bortolato, de Noale para o Brasil: capuchinho, capelão militar, missionário. Tradução de Élcio Alberton. Rio das Antas: Clube dos Autores, 2013, p. 34.

¹⁰ MATANIC, Atanasio. *Il Primo Ordine Franciscano: sintesi di storia e spiritualità*. In.: BOSI, Roberto. *Gli ordini religiosi: storia e spiritualità*. Benedettini, Cistercensi, Francescani, Domenicani, Gesuiti. Nardini Editore: Firenze, 1992. p.91

Como prisioneiro de guerra foi enviado para Susa, também na Tunísia, que foi o primeiro campo de prisioneiros pelo qual passou no norte da África,¹¹ até ser finalmente enviado para a Inglaterra, onde iniciou sua experiência prisional narrada no livro de memórias.

Na historiografia inglesa percebemos o quanto o estudo sobre os campos de prisioneiros é um tema recente. De acordo com o pesquisador britânico Roger Thomas, a Inglaterra possuía aproximadamente 500 campos destinados aos soldados capturados,¹² e no auge do encarceramento chegou a ter 400.000 prisioneiros de guerra de diversas nacionalidades,¹³ os números apontam que o episódio foi significativo, e modificou consideravelmente o cotidiano do país.

No entanto, segundo Thomas, pouco sobrou das instalações e documentos, fontes preciosas que foram praticamente destruídas. Esses vestígios dos campos de prisioneiros representavam um triste inconveniente para os ingleses como defendeu Sophie Jackson, pois os ingleses “precisaram conviver durante anos com inimigos no quintal de casa”.¹⁴ Isto explicou em parte, como as lembranças do momento foram propositadamente esquecidas, pelo Estado e pelos ingleses.

Relatos sobre prisioneiros vêm à tona em artigos, monografias e dissertações. O historiador australiano Desmond O’Connor¹⁵ descreveu a organização dos campos de prisioneiros na Austrália, e relatou a experiência do soldado Luigi Bortolotti. O’Connor disse que ao cooperarem com os guardas australianos, os soldados adquiriam regalias. Sair do campo, ou mesmo trabalhar em fazendas próximas inseridos em famílias camponesas, era possível mediante o bom comportamento dos prisioneiros de guerra, essas características estão presentes nos escritos de Ermenegildo, quando fala dos soldados cooperadores.

Bortolotti, por exemplo, cogitou o regresso à Austrália depois do repatriamento, afinal fez amizade com uma família de camponeses na qual trabalhou. Este não foi o caso de Ermenegildo, que teve permissão de sair das dependências dos campos de prisioneiros apenas uma única vez para uma reunião de capelães.¹⁶

¹¹ Depois de Susa, Ermenegildo foi levado para Biserta também na Tunísia, onde fugiu. Foi recapturado e levado para Bona (atual Annaba-Argélia). Era segundo ele um imenso campo de prisioneiros com cerca de 10.000 homens. Em julho de 1943 foi enviado para Philipeville (atual Skikda-Argélia).

¹² THOMAS, Roger J. C. *Prisoner of War Camps (1939-1945)*. Twentieth Century military Recording Project. English Heritage, 2003. p. 10

¹³ Cf. SUTHERLAND, Jon. *Prisoner of War Camps in Britain: during the Second World War*. Golden Guides Press, 2012.

¹⁴ JACKSON, Sophie. *Churchill's unexpected guests: prisoners of War in Britain in World War II*. The History Press, Gloucestershire, 2013. p. 114. Tradução nossa.

¹⁵ O’CONNOR, Desmond. *From Tobruk to Clare: the experiences of the Italian prisoner of war Luigi Bortolotti 1941-1946*. Flinders University Language Group Online, v.1, 2003. p. 72.

¹⁶ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.* p. 85.

Destacamos para breve entendimento de sua personalidade como prisioneiro, que Ermenegildo, foi transferido para o Campo 175 de Rugeley/Stafforshire, em janeiro de 1945. O Green Camp como era conhecido, segundo longos relatos do padre, foi reservado apenas aos *strong fascists*, ou seja, oficiais resistentes aos regulamentos impostos pelos ingleses. O capelão se referia aos ingleses em algumas passagens, extravasando seu pensamento ultra-nacionalista, anti-liberal, aliás como veremos, características dos simpatizantes do fascismo, além do seu anti-anglicanismo. No trecho que segue, constatamos parte disso, quando afirmou que:

Quem crê que a Inglaterra seja uma democracia se engana, é na verdade uma oligarquia, formada quase totalmente pelas famílias mais poderosas, que sabem apontar de tempos em tempos quem ficará no poder [...] Como o demônio é por natureza o disseminador da discórdia no mundo, assim o Serviço de Inteligência é filho primogênito de satanás.¹⁷

Os sentimentos mobilizados pelas memórias do capelão que perpassaram toda a sua narração, ficam evidenciados em trechos como esses. A aversão pelos ingleses e o que representavam no plano político, religioso e social, é um ponto a ser destacado nas suas lembranças.

O discurso de Ermenegildo só pode ser compreendido, se levarmos em conta o contexto, e as condições de sua produção. Para tanto se faz necessário realizarmos uma incursão sobre a realidade política da Itália na qual cresceu Ermenegildo, e especificamente no país do período de 1919-1945 momento no qual ocorreu a formação do então jovem frei Apollonio, que culminou com a ascensão e queda do fascismo de Benito Mussolini.

No primeiro capítulo entenderemos os principais mecanismos de funcionamento do fascismo nas interpretações recentes do fenômeno. O que caracteriza o discurso do fascista? O que motivou o apoio a esse movimento político? Como se comportou a igreja e o clero diante do fascismo?

O desdobramento deste debate nos levará a análise da fonte, em que a problemática central será pensar até que ponto podemos situar o discurso de Ermenegildo neste cenário. Que estratégias discursivas do padre expressavam essa tensão entre Igreja Católica Romana e Estado? Como o capelão conciliou (ou não) a “política mundana”, e a vida religiosa?

Destacamos que o fascismo e seu discurso de ódio e destruição do outro, foi a contraposição do universalismo e amor ao próximo do cristão. Atualmente visto como uma

¹⁷Ibid. p. 303.

contradição, as ideias do fascismo foram adotadas por muitos padres, inclusive ensejando a elaboração do conceito recente de *fascismo clerical*, uma corrente que congregou sacerdotes fascistas, e acomodou como veremos o contraste fascismo/cristianismo. Renomados historiadores como Eatwell e Griffin, mostraram que o fascismo clerical é uma das variações de interpretação possíveis em torno do complexo fenômeno do fascismo.

Dentre os pesquisadores de diversas áreas que estudam o tema, nossa escolha se voltará para o conceito de religião de estado, adotada pelo historiador italiano Emílio Gentile. Entendemos que tal conceito amplia a compreensão de como fascismo se tornou exitoso ao fundir-se na mentalidade dos italianos, como uma força redentora, e explica como foi possível o engajamento de muitos padres, no já citado movimento.

Familiarizados com o contexto histórico amplo, em que buscamos as condições da chegada do fascismo italiano ao poder, da guerra, das tensões entre a Igreja Católica Romana e o Estado, será o momento de no segundo capítulo focarmos o discurso do capelão, o cotidiano dos campos de prisioneiros, e o itinerário percorrido por ele. No terceiro e último capítulo nossa linha de estudo enfatizará a relação memória/esquecimento, a questão do testemunho e suas possibilidades de interpretação, bem como a questão dos sentimentos, que afinal foram agentes decisivos na escrita das memórias de Ermenegildo.

Entendemos como Pierre Ansart, que os afetos geram consequências múltiplas, e por vezes decisivas e dramáticas na vida do indivíduo e na vida em sociedade.¹⁸ Ódio, humilhação e ressentimento são cargas afetivas geralmente escondidas pelos vencidos da história, e por isso, difíceis de serem captadas pelo pesquisador. Imerso no ambiente prisional por três anos, observamos que os dilemas e complexidades de Ermenegildo tornam-se expressões de sentimentos dos mais diversos e:

[...] evidenciam os mecanismos utilizados consciente ou inconscientemente, por esses indivíduos na construção de si mesmos, as disputas, os silêncios e as oscilações subjacentes a essas construções e as imagens que pretenderam projetar para o futuro.¹⁹

No centro do debate estará presente um personagem comum, distante dos centros do poder, esquecido pela memória oficial do pós Segunda Guerra. Visamos não estruturas da sociedade, ou grandes homens, mas uma pessoa “normal”, que se engajou numa causa perdida.

¹⁸ ANSART, Pierre. Op. cit. p. 146.

¹⁹ GOMES, A. C.; SCHMIDT, B. B. (org). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 8.

O historiador Robert Paxton afirmou que ao “[...] enfocarmos apenas os personagens cultos do intelecto e da cultura, estaremos ignorando o registro mais importante: as paixões e emoções²⁰ subterrâneas”.²¹ François Dosse, na mesma linha, discute que ao privilegiar uma trajetória individual, acrescentamos uma peça a princípio sem valor no mosaico²² da história, peça que, no entanto, enriquece o desenho final.

As palavras de Otello Bortolato abaixo nos ajudam a entender os primeiros anos do menino Ermenegildo, que seguiu posteriormente a vida como Apollonio e se engajaria na Segunda Guerra Mundial.

O pequeno Ermenegildo começou a frequentar a escola com a intenção de aprender a ler, escrever e fazer contas. Respeitoso dos ensinamentos cristãos que recebeu dos pais que o acompanhavam com seu testemunho o crescimento espiritual e humano dos filhos. Ermenegildo aprender com facilidade as perguntas e respostas do catecismo do Papa Pio X (que mais tarde foi feito Santo), com isso demonstrava também sua forte ligação aos preceitos religiosos.

Padre Antônio Condotta, pároco de Moniego entre os anos de 1886 a 1937, contava aos pais que o rapazinho era dedicado a oração; frequentemente permanecia na igreja ajudando o sacristão ou o responsável para tocar o sino. Embora tivesse apenas dez anos de idade, tinha prazer em ler os livros que o padre guardava na casa paroquial.²³

As escolhas de Otello, bem como a construção dessa biografia, não serão nosso centro de análise, no entanto, é importante voltamos nosso olhar para a produção que nos fornece um guia sobre a vida do capelão.

Na obra Otello exemplificou uma importante reflexão teórica, suscitada por Bourdieu no que tange as biografias. Isto porque o autor construiu sua narrativa no trecho acima, e ao longo de muitas passagens do livro, exatamente situada na crítica que o sociólogo francês faz a biografia tende a:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.²⁴

²⁰ Para uma conceituação de emoção, sentimento e paixão nos apoiaremos nas reflexões de Pierre Ansart, que entende as emoções como “afetos vivos e limitados no tempo” enquanto as paixões designariam a “afetividade vivenciada e a intensidade da ação”. In: ANSART, Pierre. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, ano 17, n. 33, jul / dez 2000, p. 145-164. p. 153.

²¹ PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 77.

²² DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009. p. 212

²³ BORTOLATO, Otello. *Op. cit.* p. 29-30.

²⁴ BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, J. & FERREIRA, M. M.. *Usos e Abusos de História Oral* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 185.

Otello optou pela descrição do indivíduo desde o nascimento, até a morte, de maneira linear e teleológica, ou seja, acompanhando a vida do biografado como uma sequência lógica de fatos que tendem a um fim irreversível. É comum o uso de expressões como “desde pequeno”, “sempre”, para denotar um indivíduo predestinado. No caso de Ermenegildo teríamos um “homem de Deus”, um fiel devoto e seguidor de São Francisco e da Virgem Maria.

Uma vertente que se destaca quando o objetivo é exaltar os “homens santos” é a hagiografia. As hagiografias são textos que ressaltam os “lugares sagrados, a constância dos santos, e a lógica de suas vidas, orientadas para a intenção de se sacrificar pelos semelhantes”.²⁵ Prevalece nas hagiografias o caráter sagrado dos biografados.

Este tipo de discurso guarda inúmeras aproximações com a escrita de Otello. Isto porque o autor não poupou elogios a Ermenegildo, resgatando sua vida, como um exemplo de entrega, de sacrifício pela pátria e pelo catolicismo romano, e a intenção do padre de buscar a santidade, através da ajuda aos necessitados.

Quando no ano de 1940, a Itália entrou na Segunda Guerra Mundial, Frei Apollonio, com a intenção de sustentar espiritual e moralmente os nossos soldados, ingressou nas forças armadas como capelão militar. Em novembro de 1941 estava na África como tenente capelão de uma tropa italiana unida ao *Afrikakorps* comandada pelo marechal de campo Erwin Rommel de quem admirava a ordem e o heroísmo.

O objetivo de Otello foi ressaltar Ermenegildo como um modelo moral, transmissor de virtudes e valores. O autor fez questão de construir a imagem do tio como alguém cercado desde cedo por santos. “Lia o catecismo do papa Pio X”,²⁶ quando morou em Pádua em 1933, “conheceu e conviveu com o frei Leopoldo de Mandic que depois tornou-se santo; colaborou na redação da biografia de São Lourenço de Brindisi”,²⁷ são alguns dos trechos que evidenciam esta disposição.

O fato de comprovar que viveu ao lado de pessoas de “feitos memoráveis” e ambientes sacralizados, é uma estratégia discursiva que visa identificá-lo a tais pessoas, a fim de dotá-lo das mesmas características que elas, ou como alguém capaz de absorvê-las pela presença tão próxima. A narração de Otello, não escondeu a proximidade e o desejo de engrandecer os feitos e a personalidade do tio.

Ao construir uma identidade fixa de alguém cujas ações foram desprovidas de incertezas e descontinuidades, Otello interpretou o fim de Ermenegildo como padre, a um

²⁵ DOSSE, Françoise. *Op. cit.* p. 139.

²⁶ OTELLO, Bortolato. *Op. cit.* p. 29.

²⁷ *Ibid.* p. 34.

dado inquestionável diante de sua infância de “menino pio”, caracterizando o que Bourdieu, chamará de “ilusão biográfica”.

Sabemos pouco sobre Ermenegildo e seu meio familiar. A saída da casa dos pais foi precoce, basta constatar que com 11 anos já entrara no seminário em Rovigo. Entre a formação escolar e a ordenação passou por Thiene onde cursou filosofia, e Veneza para o curso de Teologia.²⁸ Logo após a ordenação em 1928, Ermenegildo, agora com o nome de frei Apollonio, permaneceu no convento dos capuchinhos em Pádua até 1933, e iniciou a partir de então o exercício do sacerdócio em diversas paróquias.

Depois de permanecer por cinco anos em Pádua, Frei Apollonio fez uma experiência pastoral na paróquia de Villafranca Veronese (outubro de 1933 a junho de 1935) e de pároco diocesano na vila de Fiume desde setembro de 1935 a setembro de 1941. No coração de frei Apollonio batia o vigor de frade capuchinho cujo olhar tinha por finalidade principal ajudar as pessoas.²⁹

Não pretendemos realizar uma biografia de Ermenegildo na tentativa de rotular o padre como religioso santo, ou capelão fascista pecador. Tampouco valorizar ou diminuir seus atos. Nosso recorte que se limitou ao período de três anos da sua vida, dos quais possuímos seu relato escrito, já mostra nossa pretensão de não dominar a totalidade de informações sobre ele. Mesmo que tivéssemos mais dados (a maior parte de sua trajetória não têm qualquer vestígio) seria indevido abrir ainda mais o foco de nosso estudo.

Mesmo não militando oficialmente no Partido Fascista até porque isto não era permitido aos padres da época, Ermenegildo expôs nas memórias certas características do poderíamos caracterizar como o *ethos* de um fascista. Uma visão nacionalista de estado, uma concepção hierarquizada da sociedade, uma postura rígida diante do conceito de família e costumes, aproximaram o capuchinho do fascismo. Aliás, como discutimos no final do Capítulo I, essas características eram pontos de contato entre o catolicismo romano e o fascismo.

O sociólogo Michael Mann explicou que certos nichos da sociedade eram mais suscetíveis ao doutrinamento e as ideias do fascismo, para ele, as regiões italianas de fronteira Alto-Adige/Áustria/Iugoslávia aproximavam os habitantes ao nacionalismo apregoado pelo fascismo, porque as pessoas eram temerosas das pretensões expansionistas dos países vizinhos,³⁰ além disso, destacamos que os moradores na região de fronteira ao norte da Itália, que estiveram mais próximos ao cenário e as consequências da Primeira Guerra Mundial,

²⁸ Ibid. p. 30.

²⁹ Ibid. p. 34.

³⁰ MANN, Michael. *Op. cit.*, p. 147.

nutriam sentimentos revanchistas e xenofóbicos. Em particular o Nordeste italiano se transformou num campo fértil para o fascismo clerical. Ermenegildo trabalhou em diversas paróquias, na já citada região fronteiriça.

Principalmente na figura dos jovens que passaram pelo alistamento militar, seminaristas e ex-combatentes, foi que o fascismo demonstrou sua força renovadora. Esses jovens eram especialmente sensíveis à propaganda do regime. Tais grupos, de acordo com Mann, eram acostumados a regras e uma rigidez disciplinar. Os seminaristas se identificavam fortemente com as ideias do fascismo, pois nos discursos o ideal de redenção, do sacrifício ao partido, da perenidade do regime, e mesmo da transcendência do partido e do líder, faziam com que os prováveis seguidores, compreendessem ser o campo da política a encarnação de uma “verdade religiosa”.

Veremos no capítulo I que a tendência dos estudos sobre o fascismo nas pesquisas recentes de Michael Mann e Robert Paxton, para utilizarmos dois exemplos importantes que nos guiarão ao longo do texto, postulam a existência de “fascismos”, ou seja, em cada realidade/país, que os comportou, o fenômeno adotou aspectos únicos, se adaptando.

O título do livro de Paxton, “Anatomia do Fascismo”, forneceu uma metáfora inteligente, para expressar sua compreensão do fascismo como um corpo biológico, um sistema complexo, cujo funcionamento guarda aspectos gerais, como o anti-liberalismo, o anti-comunismo e o nacionalismo, mas que apresenta órgãos de funcionamento específico, que seriam as variantes do fenômeno espalhadas pelo mundo. Nessa multiplicidade que o corpo funcionou e se moldou a cada realidade.

Transpondo esta constatação para a experiência prisional de Ermenegildo, podemos afirmar que ao estudar sua narrativa, adicionamos uma peça ainda não encaixada no mosaico mais amplo do fenômeno. O indivíduo objeto deste estudo certamente é um elemento subterrâneo da história “esquecida” dos campos de prisioneiros.

A proposta do primeiro capítulo é a realização da dialogia entre o entendimento do contexto amplo do surgimento e chegada do fascismo ao poder, e a compreensão do sujeito histórico. Nossa opção metodológica partirá de uma história política da ascensão do fascismo. Cujas raízes iremos buscar no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial.

O distanciamento do objeto de estudo no início do trabalho se justificou, pois visamos nos munir das ferramentas conceituais, e construir o campo sob o qual entenderemos de forma mais nítida as opções políticas do capelão e de que maneira foram possíveis.

CAPÍTULO 1: FASCISMO ITALIANO E CATOLICISMO ROMANO.

Este capítulo confere um tratamento conceitual ao fenômeno político do fascismo, e visa compreender como se estabeleceu o diálogo entre o fascismo italiano e o catolicismo romano. As circunstâncias que promoveram o surgimento do fascismo italiano como um movimento político em 1919, como veremos, foram complexas e gestadas antes desse momento.

Para o historiador Stanley Payne, “antes de 1919 não havia uma doutrina, ou um partido fascista, somente a partir de então, teria se inaugurado a Era Fascista na Europa”.³¹ Como um movimento político radical de raízes europeias, surgido logo após a Primeira Guerra Mundial, o fascismo, se originou na Itália, e quando chegou ao poder em 1922 com a liderança de Benito Mussolini, teria se espalhado por todo o continente até o final da Segunda Guerra Mundial em 1945.

Nesse sentido o fato de se utilizar *fascismos* para se referir a esses movimentos, contraria àqueles que sustentam uma exclusividade/originalidade do fenômeno na Itália ou mesmo na Alemanha, porque nestes dois países o fascismo triunfou, e se estabeleceu como governo. Defensores dos diversos *fascismos*, como Robert Paxton, admitem que houve paralelismos na Áustria, Hungria, Romênia, Espanha, enfim, países que compartilhavam características em comum, no que se convencionou chamar de fascismo “genérico”.

Hobsbawm numa perspectiva marxista pontuou o que seriam estes elementos genéricos presentes em todos os fascismos, quando diz que “o fascismo compartilhava nacionalismo, anticomunismo, antiliberalismo com outros elementos não fascistas da direita.”³² Segundo Mann, o historiador alemão Ernest Nolte, teria identificado o fascismo também como uma série de “antis”: “antimarxismo, antiliberalismo e anticonservadorismo, acrescentando ainda o princípio de liderança, um partido exército, e o objetivo de tornar-se um Estado Total.”³³ Hobsbawm e Nolte apesar de descreverem de maneira semelhante o fascismo genérico, formam uma parcela ínfima em torno da literatura sobre o tema, marcada pela diversidade de posicionamentos, o que caracterizou o fascismo como um dos movimentos políticos mais vagos e difíceis de se compreender.

³¹ PAYNE, Stanley. *El Fascismo*. Alianza Editorial, 2005. p. 5.

³² HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. p. 120-121

³³ MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 23.

Dentre as diversas perspectivas de análise, Paxton, por exemplo, prefere não centrar seus estudos no fascismo teórico, o autor privilegia as ações dos governos fascistas, o fascismo real, e descreve em sua obra “Anatomia do Fascismo”, as medidas que esses fascismos adotaram em cada realidade que os comportou.

Angelo Tasca, um comunista que presenciou o “nascimento do fascismo”, aliás, sendo este o título de sua obra mais conhecida, dizia que o próprio Mussolini se esquivava de etiquetas e definições para o movimento que liderava. Nas palavras do Duce: “Os fascistas não são nem republicanos, nem monarquistas, nem católicos, nem anti-católicos, nem socialistas, nem anti-socialistas; são problemistas e realizadores [...] Nós os fascistas, não temos uma doutrina estabelecida, nossa doutrina é a ação”.³⁴

Basta lembrar que apenas em 1932 organizou-se o verbete na Enciclopédia Italiana, escrita a duas mãos, pelo filósofo oficial do regime, Giovanni Gentile e o próprio Mussolini. Naquele momento já se passavam 10 anos da Marcha que levava os fascistas ao poder. Em 1932 tratava-se de dar uma nova configuração ao regime, que a pretexto de realizar uma “revolução permanente”, apresentava-se também como uma metamorfose permanente.

Emilio Gentile,³⁵ um dos principais historiadores italianos do tema, aposta que o caráter contraditório, entre os discursos e a prática fascistas, e a falta de uma cartilha que o definisse, parecem elementos que dificultam a análise, mas que de fato não impedem de se chegar a natureza do seu funcionamento.

Nesse primeiro momento, apresentaremos parte deste labirinto de interpretações formuladas sobre o fascismo. Problematizada, mas longe de fechada uma questão em torno disso, nosso caminho estará aberto para compreender numa segunda parte do capítulo, as relações ondulantes que se processaram entre o Fascismo e o Catolicismo Romano na Itália.

1.1 FASCISMO: ALGUMAS TENTATIVAS DE INTERPRETAÇÃO

Em 1976 ao publicar *Le interpretazione del Fascismo*, uma obra que tornou-se clássica sobre o tema, o historiador italiano Renzo De Felice, também autor de uma biografia monumental de Mussolini em quatro volumes, pretendeu historicizar as interpretações sobre o fascismo, partindo da década de 1930 até 1970.

³⁴ TASCA, Angelo. *El Nacimiento del Fascismo*. Barcelona: Ariel, 1967. p. 44.

³⁵ GENTILE, Emilio. *Itália Fascista: do partido armado ao Estado Totalitário*. in. GENTILE, Emilio & FELICE, Renzo de. *A Itália de Mussolini e a Origem do Fascismo*. São Paulo: Ícone Editora, 1988 (p. 7-65). p. 11.

Segundo Mario Sznajder, o conjunto da obra deste historiador, juntamente com Ernest Nolte, foi uma das primeiras tentativas de compreensão analítica do fenômeno,³⁶ isto porque segundo Sznajder, os estudos dedicados ao fascismo no momento de seu surgimento e posterior tomada do poder, não eram distanciados o suficiente do tema, configurando uma análise prematura. Até os anos 1930, portanto, a maioria dos estudos sobre o fascismo, tinha cunho jornalístico, tornando-os muito superficiais,³⁷ ou mesmo provinham de relatos memorialísticos, como o do fundador do Partido Comunista da Itália, Angelo Tasca, que demonstram sua experiência antifascista no período que antecedeu a Marcha Sobre Roma de 1922, e a instalação do regime fascista no país. A maneira apaixonada com que relata o tema, não impede que Tasca desenvolva os fatos com riqueza de detalhes.

Com vistas a entender o debate entre os pesquisadores e a multiplicidade de interpretações, é que organizamos a tabela a seguir, baseada na obra de Renzo De Felice. Que dividiu-as entre clássicas, “menores”, e realizadas pelas “ciências sociais”,³⁸ elas estão contidas na primeira parte da sua obra.

QUADRO 1 – PRINCIPAIS INTERPRETAÇÕES SOBRE O FASCISMO ENTRE 1930-1970.

Interpretações	Alguns teóricos e o período de formulação.	Aspectos fundamentais
Fascismo como doença moral;	Benedetto Croce – 1943	Fascismo foi uma perda de consciência coletiva, uma depressão cívica, um período em que estava em baixa na sociedade a consciência da liberdade;
Fascismo como uma lógica da história;	Edmonde Vermeil – 1939	O fascismo estaria ligado ao atraso, à fragilidade e à desordem da economia, no atraso na unificação e nos conflitos de independência dos países que mais tarde abraçariam esses regimes;
Fascismo como reação capitalista e antiproletária;	Maurice Dobb – 1937 Otto Bauer – 1936	O fascismo ligado a uma crise do capitalismo, ligado a uma “classe média” antiproletária; Fascismo ascendeu graças ao fracasso dos países em adquirir colônias; Fascismo ligado ao atraso capitalista de alguns países, ainda semifeudais;
Interpretação católica;	Jacques Maritain – 1934-1936 Augusto Del Noce – 1934-1936	O fascismo teria triunfado graças ao fim da unidade espiritual dos cristãos, e isto foi impulsionado pelo individualismo e o liberalismo; O fascismo levou as pessoas a idolatrias de personalidade e de raças;
Fascismo como manifestação do totalitarismo;	Hannah Arendt – 1949	Fascismo ligado ao declínio do Estado nacional, e ao imperialismo, ou seja, um processo iniciado em fins do século XIX. Teria sua origem ligada ao apoio de uma massa amorfa da sociedade, cheia de ódio e não representada pelos

³⁶ SZNAJDER, Mario. *Fascismo e Intolerância*. In.: CARNEIRO, Maria L. Tucci, CROCI, Federico. Tempos de Fascismos: Ideologia, Intolerância, Imaginário. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, p. 22.

³⁷ GENTILE, Emílio. *Op. Cit.*, p. 67.

³⁸ DE FELICE, Renzo. *Explicar o Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1976. p. 55.

		partidos;
Fascismo como fenômeno transpolítico;	Ernest Nolte – 1963	Fascismo como um fenômeno da época, capaz de nascer somente do sistema liberal, e ser um desafio ao bolchevismo;
Interpretação psicossocial	Harold Lasswell – 1933 Wilhelm Reich - 1933 Erich Fromm - 1941 T. W. Adorno – 1950	Fascismo como a predominância do caráter irracional do homem, e a oportunidade para a liberação de forças antes reprimidas, e artificialmente contidas; Fascismo seria um amálgama de emoções rebeldes e ideais reacionários; Fascismo para Fromm teria origem na atração de milhões de indivíduos, que cansadas e resignadas na política, voltaram-se a esses regimes políticos; Fascismo como um sistema unificado, capaz de captar as tendências potencialmente autoritárias presentes em todas as pessoas, e influenciá-las, subordinando-as, inculcando-lhes a obediência e a agressividade;
Interpretação sociológica	Karl Mannheim - 1927	O Fascismo seria um movimento político representativo e integrador de massas irracionais, guiadas por intelectuais marginais.
Interpretação sócio-econômica;	Kenneth Organski - 1965	Fascismo seria uma união de forças entre as elites agrícolas e industriais, na tentativa de frear a ascensão das massas para uma modificação social.

FONTE: DE FELICE, Renzo. *Explicar o Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

As interpretações dominantes na literatura sobre o fascismo, na primeira metade do século XX, seguiram basicamente três eixos. 1 - o fascismo como produto da irracionalidade das massas, um período em que as nações estariam moralmente doentes, fazendo com que os indivíduos fossem incapazes de discernir entre o bem e o mal. 2 – o fascismo seria uma decorrência do desenvolvimento e unificação tardia das nações que o adotaram e 3 – as interpretações marxistas, que encaravam o fascismo como o fim do capitalismo, ou ainda como a aliança da burguesia com elementos da direita radical, focando os embates entre as classes como geradoras do fascismo, uma tentativa de reprimir o proletariado.

Definições como as do sétimo Congresso da Comintern de 1935, caracterizaram o fascismo como uma ditadura terrorista, reacionária, chauvinista, com elementos imperialistas do capitalismo financeiro.³⁹ As análises marxistas caracterizavam o fascismo como uma força ideológica de extrema-direita aliada dos burgueses.

Mais recentemente, o sociólogo Michael Mann, aponta que “carecemos de uma teoria geral do fascismo”, mas num esforço de síntese, pretendeu dividir as interpretações em duas escolas de pensamento, nomeadas pelo autor de “nacionalista” e “classista”.⁴⁰

A primeira estaria mais ligada aos pesquisadores que privilegiaram os componentes ideológicos da doutrina fascista. Segundo os seguidores desta escola, um dos pontos para se

³⁹ GRIFFIN, Roger. *The nature of fascism*. New York: Routledge, 2006. p. 3.

⁴⁰ MANN, Michael. *Op. Cit.*, p. 15.

justificar o surgimento do fascismo, é voltar-se para história desses países. Assim o nazismo alemão teria origens no período de reunificação do país no século XIX, enquanto o fascismo italiano seria explicado pelo *Risorgimento*, eventos que foram traumáticos para ambos, e que gestaram ressentimentos contra Inglaterra e França, nações que saíram na dianteira da dominação colonial. O Tratado de Versalhes, os reveses políticos italianos de 1919 da sua “vitória mutilada”, que trataremos em seguida, teriam criado revanchismos, fomentado um nacionalismo radical, promovendo o ódio contra minorias tidas como problemas na busca de uma unidade nacional.

A partir de todo um arcabouço interpretativo que discutiremos, criaram-se valores como a pureza nacional, a ancestralidade, a violência como qualidade elevada, doutrinas voluntaristas que valoravam a ação, a força da destruição e sua capacidade de gerar uma nova sociedade, com um “homem novo”. Características, que guardadas as devidas proporções seriam compartilhadas tanto pelo fascismo italiano, quanto pelo nazismo alemão.

Na outra frente interpretativa, estariam os autores da escola “classista”, que veriam o fascismo sob a ótica das questões econômicas, e também da relação entre as classes. Nela se localizam as interpretações marxistas do imediato pós-guerra, que viam o fenômeno sob a ótica do anti-socialismo, e nascido em países cujo sistema econômico liberal não era mais eficaz contra as crises geradas pelo capitalismo.

O fascismo representava uma terceira força política, capaz de impedir o universalismo socialista, e enfrentar a debilidade dos sistemas liberais. A visão defendida por Eric Hobsbawm segue nessa linha, uma vez que para o autor as “[...] classes médias conservadoras eram, está claro, defensoras potenciais ou mesmo convertidas do fascismo, devido à maneira como se traçavam as linhas de combate político no entreguerras”.⁴¹

Mann sugere que o fascismo seja decorrente de uma mistura de fontes de poder, ideológicos, econômicos, militares e políticos.⁴² É tentador partir da premissa de que existe um fator que explique integralmente o fascismo, seja sob o viés classista ou nacionalista. Entendemos assim como Mann, que uma interpretação satisfatória do tema, deva necessariamente abarcar essas fontes de poder.

1.2 O CAMINHO PARA O FASCISMO ITALIANO

⁴¹ HOBBSBAWM, Eric. A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 126.

⁴² MANN, *Op. cit.* p.16.

É dito por muitos que o fascismo foi o fenômeno político mais original do século XX. A palavra fascismo derivou do elemento simbólico, o fascio, que talvez tenha expressado da maneira mais significativa o fenômeno. Tal símbolo não foi criado a partir de uma ideia de Mussolini ou seus companheiros.

Do latim, *fascēs lictoris*, o símbolo é proveniente da República Romana e consistia num feixe de varas amarradas e envolvidas num machado, geralmente utilizado nas procissões públicas diante dos magistrados, representando a união e a força do Estado Romano. Os fascēs empunhados nas mãos de soldados, se necessário irrompiam pela multidão, se esta os impedia de passar, num claro sinal de que o Estado e as lideranças detinham autoridade máxima sobre os indivíduos que se antepusessem ao seu caminho.

O *fascio littorio* (em italiano), também designava a prevalência da justiça, ou ainda, “fazer justiça”, inclusive figurando mais tarde na Revolução Francesa, com sentido libertário e republicano, e mesmo antes de 1914, identificando esquerdistas e aspectos como a solidariedade e a luta conjunta contra os privilégios das classes dominantes. Entre 1893-1894, camponeses que se revoltaram na Sicília, se intitularam *Fasci Siciliani*, e em fins de 1914, grupos de esquerda, se identificaram como o *Fascio Rivoluzionario d’Azione Interventista*.⁴³ Coincidentemente a própria historicidade do termo *Fascio* e suas apropriações por movimentos socialistas, republicanos ou mesmo autoritários, prefigurou a heterogeneidade daqueles que iriam compor mais tarde o movimento fascista em 1919, transformado no PNF (*Partito Nazionale Fascista*), em novembro de 1921.

Em fins da Primeira Guerra, Benito Mussolini teria nomeado de fascismo, o movimento que congregava junto dele, veteranos da guerra (Mussolini participara da Primeira Guerra), como também ex-liberais, tecnocratas, ex-conservadores⁴⁴ que estavam descontentes com os rumos pelos quais tomava a Itália após o conflito. O *fascio* era apenas um dos vários símbolos que iriam identificar este movimento com outras referências da romanidade, como a conhecida saudação com o braço direito estendido e a palma da mão aberta.

No seu conjunto, os gestos, ritos, canções, cenários e monumentos, que foram resignificados ou mesmo criados ao longo do período em que o fascismo governou a Itália, integravam um sistema simbólico complexo, cujo objetivo era integrar as massas, forjando uma unidade em torno dos objetivos de homens como Mussolini. No entendimento de Bourdieu, tais símbolos, que no fundo se ligam ao exercício de um poder, visavam dar sentido

⁴³ PAXTON, Robert. *Op. Cit.* p. 15

⁴⁴ *Ibid.* p. 49.

para o mundo no qual se vivia.⁴⁵ Habilmente o fascismo soube aproveitar a capacidade que tais símbolos têm, de unir as massas, e construir uma identidade para parcelas expressivas da população italiana desorientadas, “órfãs” de uma bandeira a qual empunhar, de um líder a qual seguir. Essa sensação foi típica daqueles anos que se seguiram a Primeira Guerra Mundial.

A partir do fascismo, pensar no bem da Itália, pertencer à nação italiana, estava diretamente ligado ao exercício das qualidades concebidas pelos fascistas. Comungar de seus propósitos, estar inserido nesse universo simbólico, era prontificar-se com uma luta cotidiana, trazendo a política para dentro de casa, numa entrega pessoal e incondicional ao partido. Tanto liberais quanto socialistas eram os principais inimigos odiados⁴⁶ pelos fascistas. Os primeiros representavam o retrocesso de um estado falido e ineficaz em resolver os conflitos de classe, os segundos, inimigos da pátria e da ordem.

Interessante perceber que a exaltação dessa simbologia que retoma temas ancestrais dos antigos romanos, ao ser reintroduzida buscava justamente reviver os anos de glória do passado romano, de dominação, espírito combativo, veneração ao líder, em contraposição a uma Itália debilitada sob o peso da guerra, carente de lideranças e projetos. Na medida em que deslocou paulatinamente sua identificação de um simples agrupamento de homens dos mais variados matizes ideológicos, congregados primeiro nos chamados *fasci di combattimento*, e depois no PNF, esses símbolos tornar-se-iam o novo emblema da nação. O fascismo assumiu o papel de cimentar o nacionalismo, numa Itália que desde sua unificação tardia, havia sido marcada pela instabilidade política.

Paxton chamou a atenção ao fato de a maior parte dos estudos sobre o Fascismo privilegiar suas origens. Ele lançou críticas a tais estudos, por que buscavam justificar, elencando as causas que o gestaram, responsáveis segundo ele, por um processo teleológico. Mas ao mesmo tempo o autor não descarta a ideia de o fascismo ter “precondições de longo prazo”.

Não pretendemos recusar essas precondições de longo prazo, porque pensamos que elas nos fornecem importantes chaves para a compreensão do fenômeno, e é por isso que buscamos fornecer um panorama que precedeu a proliferação dos *fasci*, e a tomada do poder pelos fascistas em 1922. Aspectos da sociedade, economia e política italianas são aqui analisados, e se revelam fundamentais para o sucesso da mobilização das massas pelo fascismo. Robert Paris, por exemplo, explica como no caminho para o fascismo, o

⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000. p. 10.

⁴⁶ PAXTON, Robert. *Op. Cit.*, p. 44.

nacionalismo, o sindicalismo revolucionário e o futurismo, contribuíram para seu sucesso.⁴⁷ Uma análise desse tipo é trabalhada também pelo historiador Donald Sassoon, com o qual dialogaremos a partir de agora. Não queremos dizer que a Itália seguia um caminho irreversível ao fascismo, pretendemos elucidar as bases sob as quais o fascismo se ergueu.

1.3 A POLÍTICA NA ITÁLIA LIBERAL (1901-1914).

Oficialmente unida em 1861 sob o comando de Vítor Emanuel II, da casa de Savoia, a nova nação da Itália, experimentaria desde o início um governo não identificado com a maioria da população. O parlamento alçou o rei ao poder, foi eleito por uma minoria de 200.000 eleitores. No período 400 mil homens eram aptos para o voto, numa população de 20 milhões de habitantes.⁴⁸ Cumpre destacar que a explicação para o percentual baixo de votos, é perceber que por determinação papal, os eleitores católicos não se envolviam nas eleições, e a ascensão de Vítor Emanuel se confrontava com os interesses da Igreja Católica Romana principalmente no que tocou a Questão Romana,⁴⁹ naquele momento o papa inclusive teve que abandonar o país e se refugiar na França.

Não devemos esquecer que a figura do papa e dos católicos sempre desempenhou um papel importante e decisivo nos rumos da política italiana, mesmo que até o fim da Primeira Guerra Mundial não estivessem representados por um partido, foram peça chave para a governabilidade do Estado.

O território unificado não mais configurando uma colcha de retalhos, ainda não era composto pela região do Vêneto, anexada em 1868, e por Roma, somente em 1870, quando se tornou a capital da jovem nação. O novo rei seria desafiado, comprova isso a célebre frase de Massimo d' Azeglio, para quem “feita à Itália era necessário fazer os italianos”, numa clara referência de que a nacionalidade italiana estava apenas artificialmente constituída.⁵⁰

Para termos uma ideia da necessidade de se “construir os italianos”, basta verificar que no novo Reino da Itália, sicilianos não se entendiam com piemonteses pelo simples fato de que não falavam a mesma língua: “quando da unificação não mais que 2,5% da população

⁴⁷ Cf. PARIS, Robert. *As Origens do Fascismo*. Tradução de Elisabete Perez. São Paulo: Perspectiva S.A., 1976.

⁴⁸ MONTANELLI, Indro. *Storia D'Italia: 1861-1919*. Edizione Per Oggi: Milano, 2006. p.15.

⁴⁹ A Questão Romana foi uma disputa travada entre o papado e o Estado Italiano que ocorreu entre 1861 e 1929. Durante o processo de Unificação a Itália anexou os Estados Pontifícios, o que resultou na excomunhão do rei pelo papa Pio IX. A Questão Romana somente foi resolvida em 1929 com o Tratado de Latrão, e a criação do Estado do Vaticano, que deu soberania aos domínios da Igreja Católica Romana.

⁵⁰ BERTONHA, João Fábio. *Os Italianos*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 56.

falava italiano”.⁵¹ Vitor Emanuel claramente precisava criar situações que gerassem o desejo dos italianos de estarem unidos, isso num ambiente em que a maioria nem sequer se identificava com sua liderança.

O rei era uma figura com poderes limitados, ainda que tivesse certa importância diante das crises políticas, que dividiram a Itália entre dois grupos, a *Destra* e a *Sinistra*. Os primeiros, em geral conservadores, eram defensores das restrições ao voto, da manutenção dos privilégios dos proprietários, e do Liberalismo⁵² Clássico. Enquanto a *Sinistra* propunha a participação popular e um maior controle do Estado sobre a economia.

A instabilidade política foi a tônica das duas décadas que se seguiram a unificação. Marcada por escândalos políticos, a humilhação das tropas italianas em 1896 na Etiópia, os distúrbios em Milão em 1898, que resultaram em 78 mortos, e ainda pelo assassinato do rei Umberto I em 1900,⁵³ a democracia parlamentar italiana dava mostras de fragilidade.

Não havia partidos fortes no parlamento italiano, o que imperava era o sistema denominado *transformismo*. Como nos explica o historiador inglês Donald Sassoon, o termo foi usado para designar os arranjos políticos entre *Destra* e a *Sinistra* de 1882, predominando durante as décadas que se seguiram. Nesse sistema, os parlamentares, em geral defensores de interesses locais, e provenientes de elites nobiliárquicas, mudavam de posição de acordo com a conjuntura de cada momento, longe de defenderem bandeiras ideológicas ou nacionais, eles “arrancavam recursos do governo para distribuí-los entre os seguidores. O que predominavam eram coalizões construídas pela habilidade do primeiro-ministro, e pela troca de favores que advinham de tais alianças”.⁵⁴

⁵¹ Id.

⁵² Para Paxton, o termo liberalismo é tão complicado de conceituar quanto o fascismo. Para ele, os liberais clássicos “interpretavam a liberdade como liberdade individual, defendendo governos constitucionais, o livre mercado e a não intervenção estatal, enquanto os liberais do século XX, eram defensores da igualdade e da fraternidade como os ideais da Revolução Francesa. Cf. PAXTON, Robert. *Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 47.

Domenico Settembrini assim como Paxton, ressalta que se deve analisar os países e contextos nos quais o liberalismo esteve presente. No seu entendimento, o fenômeno não deve ser entendido como mera ideologia política ou simples ligação a partidos, mas como uma ideia presente nas instituições políticas e estruturas sociais. Tendo suas raízes localizadas na Idade Moderna, em geral o liberalismo combateu os absolutismos monárquicos, estando ligado a partir deste embate, com os governos democráticos. Ele teria várias formas de expressar-se, o autor apontou uma definição de liberalismo, que enfatizaria o individualismo, a ação autônoma do indivíduo frente o governo, e outra que veria o Estado como garantidor da liberdade individual. O liberalismo estimulou a existência de instituições representativas e a participação dos cidadãos na política. No liberalismo, está presente a ideia da competição e do conflito, e o valor dado à pluralidade, em contraposição à rigidez e uniformidade dos governos absolutos. Cf. SETTEMBRINI, Domenico. *Liberalismo*. In.: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora UNB, 1 ed. 1998. p. 686-705.

⁵³ CORNER, Paul. *State and Society in Italy, 1901-1922*. Liberal and Fascist Italy. OUP. Oxford, 2001. p. 1.

⁵⁴ SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do fascismo*. São Paulo: Agir, 2009. p. 73.

Se levarmos em conta a mudança dos primeiros ministros, teremos entre 1861 e 1922, com a ascensão do Fascismo, um total de 27 diferentes gabinetes, o que resulta em linhas gerais, numa média de pouco mais de dois anos de duração para cada primeiro-ministro no poder.

Como exceção a esse quadro de instabilidade institucional, o início do século XX abriu espaço para o otimismo e confiança numa Itália que seguiria o rumo do progresso, agora sob a bandeira liberal do político piemontês Giovanni Giolitti, que assumiu por cinco vezes o posto de primeiro ministro, entre 1893 e 1921.

A “Era Giolitti” (1901-1914), como ficaram conhecidos os quatorze anos nos quais esteve à frente do governo (sem contar os breves governos de 1893 e 1921), coincidiu com um momento de expansão da indústria italiana, maior escolarização e profissionalização da população e uma urbanização sem precedentes na história do país. Graças ao seu hábil posicionamento em manejar os interesses da *Destra* e da *Sinistra*, Giolitti, foi capaz de conciliar os anseios de uma burguesia em ascensão, e de um operariado crescente. Como nos afirma o historiador Fábio Bertonha,

Ele era próximo da *Sinistra* histórica, mas representou cada vez mais um governo de centro perante uma Direita que se tornava cada vez mais conservadora e uma esquerda que assumia aos poucos tons socialistas. [...] De forma coerente com seu posicionamento no centro do espectro político, Giolitti manteve uma política menos repressiva no tocante ao movimento operário e procurou cooptar outras forças sociais e políticas em ascensão.⁵⁵

Tais forças em ascensão eram os católicos e socialistas. Entre os últimos, por exemplo, existiam ramos revolucionários e reformistas. Giolitti manejava o apoio dos dois grupos, ora cedendo aos socialistas ao conciliar os interesses dos operários e patrões, ora aliando-se aos católicos. Indro Montanelli defendeu que Giolitti não estabeleceu uma “ditadura parlamentar”, sabendo conciliar os desejos dos industriais ao norte, dos quais não tinha é certo apoio total, mas principalmente recebendo apoio na região do Mezzogiono (sul da Itália), que lhe deu maioria no parlamento durante boa parte de seus governos. Sobre as principais características da Era Giolitti, Montanelli, ressalta que,

Os resultados não se podem discutir. Sobre o signo de Giolitti a Itália saiu definitivamente de um longo período de recessão que a havia afligido, fez um grande salto em direção a industrialização, equilibrou o orçamento, conseguiu o seu

⁵⁵ BERTONHA, João Fábio. *Op cit.* p. 192.

primeiro sucesso militar – a conquista da Líbia –, iniciou uma legislação social, e atuou na mais audaz de todas as reformas: o sufrágio universal.⁵⁶

O historiador apontou como a mais audaz das tarefas o sufrágio, porque a abertura das massas ao voto, habilmente pensada por Giolitti, ofereceria uma oportunidade de desvencilhar-se dos arranjos com a *Destra* e a *Sinistra* históricas, com o apoio dos socialistas em ascensão, cujos núcleos eleitorais se concentravam nos centros urbanos, e dos católicos.

Tais medidas davam o tom de uma Itália que já não era a mesma de fins do século XIX. Os governos liberais-progressistas de Giolitti alçaram o país num novo patamar econômico e social. No norte formou-se um parque industrial importante entre Milão, Turim e Gênova. Dessa época nasceram Pirelli, Olivetti, Fiat e Alfa Romeo para citar apenas algumas das gigantes italianas. Apesar da divisão entre o norte industrializado e o sul agrário ainda ser significativa, a Itália firmava-se como uma nação unitária, recuperando os anos de atraso que marcaram o pós 1861. Entre 1896-1913, pode-se afirmar que o país viveu uma “revolução industrial”. Bertonha cita que “a produção de aço decuplicou, dobrou-se o número de operários nas indústrias, e a riqueza do país dobrou de tamanho”.⁵⁷

Mas a prosperidade italiana, com seus grandes centros urbanos em formação, não escondia as contradições do modelo liberal giolittiano. A distância entre norte industrializado e o sul agrícola e atrasado aumentou ainda mais, fazendo com que a população do sul se deslocasse para o norte. Nos territórios do sul, mais de 50% da população ainda era analfabeta, e grassavam ali altas taxas de mortalidade infantil, doenças infecciosas e desnutrição.⁵⁸

Ao inaugurar seu governo em 1901, Giolitti sabia que uma reforma com vistas a equilibrar as finanças era necessária, e por isso o ano foi conturbado. O governo propunha fazer uma reforma cujo efeito prático foi o descontentamento da classe operária, com medidas que aumentaram impostos de alimentos e serviços. Entre os mais ricos, igualmente impuseram-se taxações, que custaram a Giolitti o desgaste político ante a aristocracia agrária, e a burguesia fabril.

Nessas condições o socialismo ganhou forças, principalmente organizando-se em nível local. Em 1904 a primeira greve geral da nação foi iniciada, e a resposta do governo não foi reprimi-la, mas convocar novas eleições, que levaram ao poder Alessandro Fortis, aliado

⁵⁶ MONTANELLI, Indro. *L'Italia di Giolitti* (1900-1920), Milano: Rizzoli, 1974. p. 373.

⁵⁷ BERTONHA, João Fábio. *Op cit.* p. 125.

⁵⁸ CORNER, Paul. *Op Cit.*, p. 4

de Giolitti. As eleições de 1904 também puseram em evidência a força política adormecida dos católicos.

Em 1874 o papa Pio IX, redigiu o documento intitulado *Non expedit*, proibindo os católicos de participarem do parlamento do Reino da Itália, isso incluía não votar, e não candidatar-se. A determinação, no entanto, não excluía a participação política em nível local.⁵⁹ Em 1904, Pio X, permitiu que nas eleições parlamentares o *Non expedit* fosse relaxado, o que resultou na candidatura de católicos e sua aliança com os liberais moderados, ligados a Giolitti. Em troca o governo italiano não tocava em questões importantes para a Igreja Católica Romana, como o divórcio, a educação, e ainda olharia para a Questão Romana. Esta aliança representou a extinção gradual do *Non expedit*, e a criação de núcleos de democratas-cristãos, base para a criação de partidos católicos posteriores. Para Mario Bendiscioli, o papado, via com receio a ascensão do bloco socialista, vendo o liberalismo como um mal menor diante daquelas circunstâncias.

Procedia assim não tanto por simpatia pelos liberais, mas pelo avanço do socialismo, que se considerava como um perigo para a religiosidade do povo e para a estabilidade das bases do Estado Italiano, que se considerava como uma coisa estabelecida e que havia de proteger contra as desordens revolucionárias. O movimento católico seguiu adotando uma atitude de resistência; protestava contra qualquer ataque a autoridade e o prestígio da Igreja.⁶⁰

Interessante perceber que os católicos não formavam um bloco único de apoio a Giolitti. Existiam os denominados moderados, que ao aliar-se ao governo, pretendiam combater o sindicalismo e o anarquismo, e uma corrente católica que não conciliou com Giolitti, e provinha em sua maioria justamente da região sul, historicamente excluída, e que mais padecia com as crises econômicas e ajustes do governo liberal. Luigi Sturzo e Romolo Murri foram padres que representaram *Liga Democrática Cristiana* fundada em 1911. Ambos contestavam o governo conciliador de Giolitti, que pretendia atrair setores mais moderados dentre os católicos.

Percebemos que a estratégia de Giolitti de atrair o apoio dos católicos e socialistas, fez emergir fortes críticas de correntes católicas como as de Sturzo e Murri. Defensores de uma participação livre e autônoma dos católicos na política, eles não admitiam sujeitar-se ao

⁵⁹DI MAIO, Tiziana. *Between the Crisis of the Liberal State, Fascism and Democratic Perspective: The Popular Party in Italy*. In.: KAISER, Wolfram, WOHNOUT, Helmut. *Political Catholicism in Europe 1918-1945*. v. 1. Routledge: New York, 2004. p. 112.

⁶⁰BENDISCIOLI, Mario. *La Santa Sede y los gobiernos europeos*. In.: JEDIN, Hubert. *Manual de historia de la Iglesia: La Iglesia entre la adaptación y la resistencia*. v. VIII. Editorial Herder: Barcelona, 1978. p. 677. Tradução do autor.

liberalismo giolittiano. A democracia cristã de Sturzo e Murri, foi o embrião do que seria uma das principais forças políticas italianas da pós-guerra, o Partito Popolare Italiano (PPI), fundado por Sturzo em 1919.

No plano externo, a conquista da Líbia em 1911, gerou um efeito de sentido oposto ao esperado por Giolitti. Tal empreitada militar gerou duras críticas por parte do Partito Socialista Italiano (PSI)⁶¹ contrário a guerra, e ainda fomentou um sentimento nacionalista extremado, entre os nacionalistas radicais.

O liberalismo, o parlamentarismo e a democracia italianas, começaram a sofrer uma gradual rejeição, como se demonstrou pela criação de grupos como a *Associazione Nazionalista Italiana*, dirigida por Enrico Corradini. Junto do grupo, congregaram-se socialistas, sindicalistas e nacionalistas, que viam a Itália dos grupos políticos, como a representação de divisão e atraso, e a impossibilidade da ascensão do país à vocação de potência econômica e militar.

Para tal grupo, a inferioridade diante da Inglaterra e França, e o fato da Líbia trazer mais ônus do que benefícios econômicos eram fatores menores, frente o simbolismo que caracterizou a conquista pela Itália de sua primeira colônia, os nacionalistas estavam certos de que uma nova ordem política deveria emergir, sobrepondo-se aos partidos tradicionais.

Na esteira da contestação política anti-liberal, também estavam os intelectuais futuristas, encabeçados por Filippo Marinetti. Em 1909, dois anos antes da campanha militar líbia, redigiram o Manifesto Futurista, no qual exaltavam o militarismo, o patriotismo, a destruição e o desprezo pela mulher.⁶² Tanto nacionalistas quanto futuristas tinham em comum a perspectiva de mobilizar as massas num nacionalismo do tipo imperialista,⁶³ que desprezava a liberdade, a garantia democrática da pluralidade de posicionamentos, em nome de um Estado orgânico. Em troca da negação das liberdades individuais, os italianos estariam lutando numa frente única pela nação, recusando sectarismos partidários e ideologias internacionalistas.

Nas eleições de 1913, através do sufrágio universal masculino, aprovado no ano anterior, o percentual de eleitores saltou de 3,3 milhões para 8,7 milhões. Mais uma vez o protagonismo dos católicos foi posto em evidência. Estabeleceu-se um acordo com a União Eleitoral Católica, cuja presidência cabia a Vincenzo Gentiloni. Os católicos foram chamados

⁶¹ O PSI foi fundado no Congresso de Gênova em 1892, caracterizando-se em geral por uma postura reformista, criticada pelos sindicalistas radicais, que não concordavam com a postura do partido de integrar-se ao sistema democrático para gradualmente implantar o socialismo.

⁶² SASSOON, Donald. *Op. Cit.*, p. 36.

⁶³ GENTILE, Emílio. *Op. Cit.*, p. 18

mais uma vez, a dar suporte eleitoral a Giolitti. O Pacto Gentiloni como foi conhecido, determinava que o ensino religioso fosse garantido nas escolas, o divórcio fosse combatido, e as organizações católicas fossem representadas nos departamentos do trabalho.⁶⁴ Isto custou caro a Giolitti porque perdeu o apoio dos liberais anti-clericais ainda numerosos, assim como dos socialistas, culminando com sua saída do governo em março de 1914, em favor de Antônio Salandra, um liberal da *Destra*.

1.4 A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E A QUEDA DO LIBERALISMO NA ITÁLIA

Os meses que antecederam ao início da Primeira Guerra Mundial foram turbulentos na Itália. No Parlamento estava clara a falência do sistema de coalizão adotado por Giolitti. Os tempos de mediação estavam prestes a acabar. Salandra estava disposto a frear os distúrbios sociais advindos das críticas ao governo, e à frente do governo, adotou uma postura ofensiva, reprimindo greves por todo o país.

O auge da tensão se deu quando o governo reprimiu com força policial uma manifestação em Ancona, resultando em três mortes. Vários protestos e insurreições contra a ação do governo tomaram a Itália Central. Anarquistas, republicanos, socialistas revolucionários e sindicalistas aderiram,⁶⁵ tornando ainda mais complicada a situação política, e aprofundando também o descontentamento de correntes antiliberais e antiparlamentares com o governo. Apenas dois meses após as mortes da “Semana Vermelha”, como foi conhecido o episódio de repressão, o assassinato de Francisco Ferdinando, mergulhou a Europa na Primeira Guerra Mundial, dividindo mais uma vez a Itália.

A entrada ou não da Itália no conflito contrapunha neutralistas e intervencionistas. Os primeiros eram contrários à entrada do país na guerra, e eram representados por católicos e socialistas,⁶⁶ apesar de entre eles haver exceções, como o já citado Luigi Sturzo, que posicionou-se como intervencionista. Basta lembrar que apesar da divisão, a maior parte da população não concordava com a guerra. Salandra pensava que uma vitória rápida dos Aliados, traria o consenso para o seu governo,⁶⁷ nem a vitória, nem o esperado consenso ocorreu.

A atenção dos católicos também se voltava à Praça de São Pedro, isto porque o conclave de agosto de 1914 elegeu Giacomo Della Chiesa, Bento XV, um papa que se revelou

⁶⁴ BENDISCIOLI, Mario. *Op. Cit.*, p. 679.

⁶⁵ CORNER, Paul. *Op. Cit.*, p. 11.

⁶⁶ SASSOON, Donald. *Op. Cit.*, p. 33.

⁶⁷ CORNER, Paul. *Op. Cit.*, p. 13.

defensor incondicional da paz e da neutralidade da Igreja Católica Romana, atitude que lhe rendeu impopularidade, diante de um episcopado filonacionalista numeroso, principalmente no norte da Itália.⁶⁸ Segundo o historiador Giacomo Martina, Bento XV não poupou esforços na tentativa de buscar soluções pacíficas, sua atitude diplomática contava com a contribuição de Eugênio Pacelli, futuro Pio XII. Pacelli viajava por todo o continente no esforço de promover a paz. Aliás, anseio defendido em todas as encíclicas de Bento XV, em que o papa condenava o nacionalismo extremado e o “derramamento de sangue inútil” da guerra.

Dentre os intervencionistas estavam logicamente os nacionalistas, os liberais e socialistas de várias vertentes. Estes últimos contavam com Benito Mussolini, um conhecido integrante do PSI (Partido Socialista Italiano) e diretor do jornal *Avanti!*, o principal veículo de comunicação do partido, fundado em 1896. Ao contrário de muitos de seus companheiros socialistas, ele defendia uma postura agressiva e belicista do governo italiano. Tal campanha pela guerra custou ao jovem Mussolini repreensões, pois contrariava as orientações do partido que desde a guerra da Líbia, tinha em líderes como Filippo Turati a defesa do pacifismo.

Em 29 de novembro de 1914, o belicismo de Mussolini lhe rendeu a expulsão do PSI, tornando-se diretor de outro jornal, o *Il Popolo d'Italia*. Não podemos menosprezar a força dos jornais, pois configuravam o meio mais eficaz de propagação das informações, sendo seus editores investidos de grande popularidade.

As justificativas iniciais dos neutralistas favoráveis ao não ingresso na guerra se confirmaram. A Itália não tinha condições materiais suficientes no caso de um prolongamento das batalhas, o parque industrial não possuía mínimas condições de suprir uma guerra longa. As fábricas tiveram que readequar-se ao esforço de guerra, redirecionando a produção, e imprimindo uma disciplina rigorosa entre os operários, que passaram a trabalhar 16 horas por dia. Em 1917 iniciou-se o racionamento de alimentos, causa de rebeliões em várias cidades, em especial Turim, onde em agosto a repressão policial matou mais de 50 manifestantes.⁶⁹ Neste ano os salários estavam em média 27% menores que em 1913.⁷⁰ As inúmeras conquistas sociais do período giolittiano, como a inserção das massas na economia, os direitos trabalhistas, a expansão das indústrias, sofreram um tremendo retrocesso.

Igualmente revelou-se a fragilidade militar italiana perante a Inglaterra, sua aliada. Uma vez assinado o Tratado secreto de Londres em abril de 1915, a Itália se comprometeu na vitória sobre os austríacos, e em troca dividiria as colônias da África, conquistadas dos

⁶⁸ MARTINA, Giacomo. *Op. Cit.* p. 133.

⁶⁹ CORNER, Paul. *Op. cit.*, p. 15.

⁷⁰ SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial: História Completa*. São Paulo: Contexto, 2013. p. p. 461.

alemães, receberia um empréstimo de 50 milhões de libras esterlinas, entre outras concessões territoriais, reivindicadas há décadas.⁷¹

A Primeira Guerra inaugurou um tipo de conflito antes nunca visto, a população foi colocada como alvo, situação que não ocorria na história militar, uma vez que os conflitos se travavam unicamente entre os combatentes. Os países envolvidos na guerra esperavam que ela tivesse um desfecho rápido, e por isso se mobilizaram para uma guerra total. A realidade mostrou-se outra, na medida em que o conflito se prolongou, e ficava cada vez mais difícil saber de fato quem o venceria. A guerra das trincheiras como ficou conhecida, foi marcada pelo imobilismo das tropas.

20 milhões de pessoas inválidas e desfiguradas, 8,5 milhões de soldados mortos, e estimativas que chegam a morte de 13 milhões de civis, este foi o saldo assustador dos anos 1914-1918, que nas palavras de Bento XV, representaram “o suicídio da Europa civil”. De fato a desestruturação social decorrente destes anos, marcou a fogo a memória do europeu como a “Grande Guerra”.⁷² Mesmo que, vale lembrar, sua destruição e morte terem sido inferiores a 1939-1945, o período mergulhou o continente europeu numa crise sem precedentes, com os parques industriais destruídos, uma agricultura devastada, e uma economia cuja inflação atingiu níveis antes inimagináveis.

Apesar de estar do lado “vencedor”, a sensação dos italianos ao fim do conflito, foi caracterizada como lembra Gabrielle D’Anunzio, num de seus poemas, a “vitória mutilada”. Isto porque o país apenas anexou ao seu território, áreas italianas que estavam nas mãos dos Áustro-húngaros, parte em função dos EUA que saíram fortalecidos no pós-guerra, e não consideravam as cláusulas secretas do Tratado de Londres, por isso os norte-americanos não cederam às demandas italianas. Logicamente a Itália pesara pouco na balança da Entente e necessitaria, assim como os demais Aliados, seu suporte econômico para reerguer-se.

Para os italianos a guerra custou 650 mil mortos, e 1 milhão de feridos, um preço alto demais em vista dos territórios conquistados. Ainda que a vitória decisiva diante dos exércitos austríacos desmotivados em Vittorio Veneto em 1918, tenha animado o sentimento patriótico, ele não compensou outubro de 1917, quando metade do exército italiano (300 mil homens) tornou-se prisioneiro em Caporetto,⁷³ naquele que foi o maior revés militar da história do país.

⁷¹ “Os franceses e os britânicos prometeram mais: não apenas a região do Trentino, com a maioria de seus habitantes de fala italiana, mas também o sul do Tirol (Trentino-Alto Adige) até o Passo Alpino de Brenner (a fronteira geográfica e natural do Tirol cisalpino); Trieste, Veneza Júlia, a Dalmácia e várias ilhas do Adriático (mas não o Fiume); reconhecimento da soberania italiana nas ilhas do Dodecaneso; parte da região turca da Adalia [...]”. SASSOON, Donald. *Op. cit.* p. 38.

⁷² HOBBSBAWM, *Op. Cit.*, p. 34.

⁷³ SONDHAUS, Lawrence. *Op. Cit.*, p. 348.

Para o historiador norte-americano Lawrence Sondhaus, a Primeira Guerra foi impactante, não apenas no plano das terríveis perdas materiais e humanas. Ela atuou no nível psíquico assim como uma revolução atua no plano material. O conflito "redefiniu o modo de aceitar, suportar ou justificar, e por isso se destacou como um marco na experiência humana pelo tanto que dessensibilizou a humanidade para a desumanidade da guerra moderna".⁷⁴ A crença de que a força e a violência estavam acima da política e da diplomacia, foi um dos êxitos da Primeira Guerra. Prova disso é o fato de na Itália, os posicionamentos moderados e pacifistas serem desacreditados em favor dos "partidários da guerra", veteranos desmobilizados, e ressentidos com os resultados do conflito, engrossavam as fileiras daqueles que não aceitaram o fim desenhado em 1918. O sentimento de derrota e inconformismo prevalecia dentre eles, direcionando-os a grupos como a *Associazione Nazionale Combattenti*, que em 1919 tinha 300 mil membros.⁷⁵ Os primeiros *Fasci di Combattimento*,⁷⁶ o movimento de Gabriele D'Annunzio que resultou na tomada da cidade de Fiume.⁷⁷

Estava claro para estes homens, que as instituições políticas que dominaram a Europa até o conflito, foram incapazes de impor as exigências da Itália, e por isto eram consideradas incompetentes e inertes. A Conferência de Paris de 1919, que como se sabe, impôs através do Tratado de Versalhes, duras punições a Alemanha, reputando-lhe a total responsabilidade pelo conflito, e o ônus na reconstrução dos países Aliados, foi decepcionante para os italianos, reforçando o ódio dos nacionalistas mais exaltados.

A Europa sinônimo de civilização, valores democráticos, liberdade e racionalidade, recaiu em 4 anos de barbárie, suficientes para minar diante da opinião pública, as instituições que até então guiavam os destinos das nações europeias. Os parlamentos foram desacreditados, e seus membros como nunca, foram estereotipados como indivíduos em busca de privilégios e interesses próprios.

Durante a guerra, o governo conservador de Salandra buscou a diminuição do poder do parlamento, como uma forma de enfraquecer as alianças reformistas de Giolitti. A postura

⁷⁴ SONDHAUS, Lawrence. *Op. Cit.*, p. 11.

⁷⁵ SASSON, Donald. *Op. Cit.*, p. 57.

⁷⁶ Um paralelo interessante com os *Fasci di Combattimento* da Itália, são as associações de voluntários e ex-combatentes que na Alemanha eram designadas como *Freikorps*, organizadas em milícias armadas. Prevalencia nos *Freikorps*, um ativismo violento, que assim como nos *Fasci* italianos, iria caracterizar a disposição nazista de eliminar seus inimigos. Para Norbert Elias, os jovens que aderiram aos *Freikorps* da Alemanha de Weimar eram em sua maioria da classe média. Elias afirma que: "Disciplina militar, firmeza e coragem seriam então altamente valorizadas de novo, como mereciam; falta de fibra, vacilação e escrúpulos morais de uma espécie burguesa atrairiam o desprezo [...]" Cf. ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 177.

⁷⁷ A ocupação de Fiume, proporcionou ao fascismo um modelo para a formação das milícias armadas, para os uniformes, os gritos de guerra, as liturgias, as marchas cadenciadas. Gabrielle D'Annunzio será copiado por Mussolini. Cf. TASCA, Angelo. *El Nacimiento del Fascismo*. Barcelona: Ariel, 1967, p. 59.

autoritária do governo durante a guerra, através de imposições como os racionamentos, a repressão a motins, a condenação à morte de milhares de soldados desertores, geraram grandes descontentamentos, desgastando o governo, e por conseguinte os partidos liberais que o apoiavam. Evidentemente tais regulamentações fugiam a lógica do liberalismo adotado até então na Itália, em que os partidos e o Parlamento tinham autonomia, e a economia era regida pelas regras do mercado. Sassoon nos ajuda a entender o ambiente parlamentar italiano do pós-guerra, em que a instituição do parlamento foi mais sensível a tais intervencionismos, deixava claro que no momento da guerra, medidas rápidas deveriam prevalecer sobre a morosidade do parlamento. Por isso,

O parlamento fora consideravelmente enfraquecido pela guerra. Não só a entrada da Itália no conflito fora decidida sem aprovação parlamentar, como a subsequente concentração de poderes nas mãos do Executivo foi mais pronunciada do que em qualquer país beligerante [...] Entre 1915 e 1917, a Câmara dos Deputados italiana reuniu-se 158 vezes, a francesa, 371 e a Câmara dos Comuns britânica, 423. A guerra redundava num virtual suicídio político por parte das elites políticas, pois era no Parlamento que estava sua força.⁷⁸

O pós-guerra deu lugar a uma nova conformação política na Itália, o largo espectro de partidos que se identificavam com o liberalismo tivera uma derrota considerável nas eleições de 1919, os eleitores apostavam em partidos que apresentassem novas maneiras de enfrentar as crises. Destacavam-se dois, o *Partito Popolare*, dos católicos, e o *Partito Socialista*, que juntos conquistaram quase 53% dos votos, ou 256 cadeiras no parlamento composto de 508 deputados.⁷⁹ Com o fim da guerra, a Itália tornou-se um país endividado, o governo se confrontou com altos índices inflacionários, cujo combate foi feito através do aumento dos impostos, inclusive dos ricos, indispondo ainda mais os estratos privilegiados com a classe política. Por outro lado um consenso no parlamento ficava cada vez mais difícil, porque os socialistas como demonstra Sassoon, eram demasiado anticlericais para se aliarem ao PPI, e anticapitalistas para aliar-se aos partidos liberais. Junto a isso a Itália do pós-guerra veria a força dos trabalhadores se organizar como nunca. O país tinha o maior percentual de sindicalizados da Europa, algo em torno de 3,5 milhões.⁸⁰

Os sindicalistas queriam mudanças radicais, o que era visto com preocupação pelos socialistas do parlamento. Estes, apesar de alguns discursos revolucionários, estavam

⁷⁸ SASSOON, Donald. *Op. Cit* p. 66.

⁷⁹ *Ibid.* p. 68.

⁸⁰ *Ibid.* p. 89.

comprometidos com reformas pontuais e avanços graduais para a derrubada do capitalismo, enquanto os sindicalistas preconizavam o momento da ruptura completa com o capitalismo. Paxton defende a tese de que a aceitação por parte dos socialistas em fazer parte da coalizão governamental na Itália, desacreditou o partido,⁸¹ afinal o apaziguador Giolitti tentou uma aproximação com os socialistas em 1921, lhes prometendo concessões vagas. Quem se desiludia com essa “servidão” do socialismo moderado, se voltava ou para o bolchevismo, ou para o sindicalismo radical. Uma terceira via de poder estava prestes a emergir, desbancando o socialismo e os demais partidos de uma maneira que ninguém previra.

1.5 O FASCISMO CHEGA AO PODER

O pós-guerra gerou uma crise de representatividade no parlamento italiano, vários setores da sociedade não se alinhavam com os partidos tradicionais, sob os políticos recaía uma enorme rejeição. Parte disso é explicado pelo fato de países como a Itália não terem sido capazes de introduzir as massas na participação política eficazmente. As elites da política viam as massas como potencialmente revolucionárias, tomando distanciamento e aversão delas.

Nesse ambiente pós 1918, uma nova classe de eleitores, composta por veteranos da guerra ressentidos, intelectuais futuristas, nacionalistas, socialistas patrióticos e sindicalistas, grupos que apesar de ideologicamente heterogêneos, tinham em comum o desprezo pela política dos arranjos e troca de favores. Desejavam em outras palavras, mudanças radicais.

Vale lembrar que do ponto de vista intelectual, vários autores embasaram o descontentamento desses setores. Friedrich Nietzsche (1844-1900), George Sorel (1847-1922), Gaetano Mosca (1858-1941), Oswald Spengler (1880-1936), são alguns dos intelectuais empenhados na crítica social do período. Segundo Payne,

Las nuevas teorías de la psicología de las multitudes (Le Bon) y de la propaganda y la movilización revolucionarias (Sorel) se basaban en la manipulación de las emociones, lo irracional y lo subconsciente, haciendo hincapié en la función primordial del mito entre las masas. El antiguo cientificismo de mediados del siglo XIX había perecido, al principio, alentar al liberalismo, la democracia y al igualitarismo; el nuevo cientificismo alentaba las doctrinas raciales, el elitismo, la jerarquía y la glorificación de la guerra y la violencia. A fines del siglo XIX el darwinismo social era la última moda y abarcaba varias esferas científicas y teorías sociales.⁸²

⁸¹ PAXTON, Robert. *Op. Cit* 82-83

⁸² PAYNE, Stanley. *Op. Cit.*, p. 26.

O historiador Enzo Traverso, quando discute as origens culturais do fascismo apoiado nas teorizações de Zeev Sternhell, discute que o movimento perseguia fins revolucionários, assim como o comunismo, mas enquanto este ambicionava realizar uma revolução econômica e social, o fascismo, ao contrário, não pretendia destruir o capitalismo, mas sim realizar a revolução “cultural, moral, psicológica e política”, o fascismo atacaria as ideias iluministas de liberdade, individualismo, racionalidade.⁸³

Os fascistas se apoiavam para tal “revolução”, numa ciência que emergia desde fins do século XIX, cujo discurso propunha adoção de novos valores, a primazia da ação, da vontade, a supremacia do grupo frente ao indivíduo. Tais ideias foram apropriadas e resignificadas, fornecendo nas palavras de Paxton, o hùmus intelectual e cultural,”⁸⁴ para o “nacionalismo, o racismo, a estética do instinto e da violência, que alimentou os grupos citados acima.

Gradativamente os discursos anti-liberais, anti-socialistas e anti-clericais, dirigidos contra os principais partidos do parlamento, foram redundando em ações violentas tanto nas cidades quanto no campo. O ambiente de intolerância que marcou o ano de 1919, foi protagonizado por movimentos que compartilhavam o nacionalismo e o ímpeto revolucionário.

Se pudéssemos escolher uma personalidade para exemplificar esse contingente tão radical, poderíamos apontar Benito Mussolini, um leitor voraz da literatura acima, que se destacara como militante do Partido Socialista e diretor do jornal *Avanti!*. Expulso do partido por defender a guerra, ele mesmo posteriormente lutou no *front*, tornando-se um dos porta-vozes do descontentamento generalizado.

Em 23 de março de 1919, Benito Mussolini e outros 190, reuniram-se na Aliança Industrial e Comercial de Milão, localizada na Praça San Sepolcro. Pouco noticiada pela imprensa, ali surgia um novo movimento, denominado na ocasião de *Fasci di Combattimento*. Entre os participantes constavam intelectuais futuristas, veteranos da guerra e sindicalistas.⁸⁵ Da reunião saiu um programa radical, extremamente ousado para um grupo sem nenhuma representação política de peso.

Sassoon destaca que entre as propostas do movimento, estariam a desapropriação das propriedades e bens da Igreja, abolição do senado, sufrágio para as mulheres, jornada de trabalho de 8 horas, voto a partir dos 18 anos, impostos sobre as fortunas e lucros da guerra, a formação de uma assembleia constituinte, e a participação dos operários na administração das

⁸³ TRAVERSO, Enzo. *Interpretar el fascismo*: Notas sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell y Emilio Gentile. Ayer, 2005. p. 227-258. Traducción de Sara Prades Plaza. p. 238-239.

⁸⁴ PAXTON, Robert. *Op. Cit* 64.

⁸⁵ PAXTON, Robert. *Op. Cit* 16

fábricas.⁸⁶ Um programa revolucionário em muitos aspectos, que buscava congregar os anseios dos grupos que o compunham, e acima de tudo buscava negar praticamente tudo: conservadorismo, clericalismo, monarquia e liberalismo. Ou seja, as bases sob as quais se assentava o Estado Italiano.

Satisfazendo tanto a sindicalistas quanto a socialistas radicais, além de agradar os veteranos, o programa do *Fasci di Combattimento* de Milão, caracterizou-se como algo “novo”, diferente de qualquer partido, com sua mistura de ultra-nacionalismo-socialista. Já em dezembro do mesmo ano, Mussolini apostou nas eleições do parlamento de Milão, obtendo 4.796 votos, menos de 1% da totalidade.⁸⁷ O fracasso foi compensado pelos meses que seguiram, os *fascisti* como passaram a ser conhecidos pelo país, ficaram conhecidos pelo terrorismo e o medo propagado pelos seus militantes.

Jovens provenientes de pelotões de elite do exército, os *arditi*, organizaram-se naquilo que seria o braço armado dos *Fasci di Combattimento*, os chamados *squadristi*,⁸⁸ ou esquadrões. Em sua grande maioria formada por jovens que conheceram a disciplina militar com idade média de 18 a 21 anos,⁸⁹ os componentes dos *squadristi* eram guiados por um senso de coragem, de disciplina e obediência cega ao líder do grupo, passaram a colocar em prática aquilo que aprenderam nas trincheiras da guerra.

Ferruccio Vecchi que era amigo de Mussolini, e *arditi* chefe do esquadrão de Milão, e vários companheiros, alimentados por ódio visceral contra os socialistas, taxados de pacifistas, atacaram violentamente o jornal *Avanti!* em abril de 1919, resultando em quatro mortos e 39 feridos, além da destruição completa de todos os equipamentos do jornal.⁹⁰ Assim irrompeu, com um ato de extrema violência, e sob o olhar compassivo do governo, o Esquadrismo. No ano de 1920, os *squadristi* deslocaram seu terrorismo centrado nas cidades para o campo, no Vale do rio Pó, existia um motivo para isto.

Desde as eleições de 1919 os socialistas já eram a terceira força política do parlamento, e nessa região a luta do partido se concentrava na distribuição de terras, organização de greves e das chamadas Câmaras de Trabalho, locais nos quais os donos das terras contratavam os camponeses. Impulsionados pelas más colheitas de 1920, pelos aumentos dos salários e diminuição da carga de trabalhos dos camponeses, os latifundiários

⁸⁶ SASSOON, Donald. *Op. Cit* p. 63-64.

⁸⁷ PAXTON, Robert. *Op. Cit.*, 99.

⁸⁸ Segundo Payne, essas milícias não foram inventadas por Mussolini, a tática do terrorismo armado de pequenos grupos, se assenta numa tradição revolucionária jacobina, foi utilizada por Garibaldi com os seus “Camisas Vermelhas”, e ainda por Lênin em 1917. A novidade seria a utilização dessas milícias como a base do PNF, o “partido exército” fundado em outubro de 1921. PAYNE, Stanley. *Op. Cit.* p. 31.

⁸⁹ MANN, Michael. *Op. Cit.*, 147.

⁹⁰ PAXTON, Robert. *Op. Cit.*, 19.

nutriam ressentimentos crescentes dos socialistas. Segundo Tasca, os *squadristi*, chegavam em caminhões a lugar fixado para a ação, agrediam com bastões aqueles que estavam nas ruas, uns tinham camisas vermelhas, arrombavam as portas das Bolsas de Trabalho, dos Sindicatos e Cooperativas, e Casas do Povo, os livros, mobiliários e mercadorias eram postos na rua e queimados.⁹¹

Os *squadristi* atraíram a simpatia dos proprietários, através de perseguições violentas contra os socialistas empenhados na defesa dos camponeses. Os números revelam que as ações não somente no Vale do Pó, mas por todo o centro e nordeste da Itália foram intensas, não podendo mais passar despercebidos das autoridades. Afirma Tasca que:

Nos seis primeiros meses de 1921, os esquadrões destruíram 17 jornais e gráficas, 59 Casas do Povo (as sedes socialistas), 119 Câmaras de Trabalho (as agências de emprego socialistas), 107 cooperativas, 83 Ligas Camponesas, 151 clubes socialistas e 151 organizações culturais.⁹²

Nos primeiros quatro meses de 1921, 102 pessoas foram mortas: 25 fascistas, 41 socialistas, 20 policiais e 16 outras.⁹³ Esses acontecimentos demonstram o quanto os fascistas não tinham problemas em adaptar-se às circunstâncias. Para atrair a simpatia das classes médias agrárias e industriais, Mussolini e demais dirigentes hábeis dos *Fasci di Combattimento* renegaram aos poucos o programa de 1919. Com discursos menos agressivos contra a monarquia e o clericalismo, puderam conquistar amplas camadas da sociedade, e buscar apoio de alas “menos socialistas” do PPI. Basta lembrar que os camisas negras de Mussolini atacam com a mesma ferocidade os sindicatos organizados pelos católicos conhecidos como “bolchevistas” do PPI.

Em novembro de 1921, de movimento armado, os *Fasci* passaram a ser um partido político armado: o PNF (*Partito Nazionale Fascista*).⁹⁴ O novo partido já contava em abril do mesmo ano com 35 deputados eleitos no parlamento, integrando a coalizão que apoiava Giolitti, um número ainda baixo, mas que contava com uma imensa base popular de apoio. Os integrantes do PNF sabiam que era uma questão de tempo para chegar ao poder diante daquelas circunstâncias, pois os dois principais partidos perdiam progressivamente seu apoio

⁹¹ TASCA, Angelo. *Op. Cit.* p. 116.

⁹² Ibid. p. 136.

⁹³ PAXTON, Robert. *Op. Cit.*, 110.

⁹⁴ “Os fascistas que em 1920 não tinham mais de uma centena de fascios, com 30.000 filiados, contavam neste momento com 2.200 fascios e 320.000 filiados. Estes pertencem sobretudo a burguesia agrária e as classes médias. Um censo feito então pelo secretariado do partido, referente a 151.644 filiados, lança luz sobre a composição social do movimento: 18.084 proprietários agrícolas, 13.878 comerciantes, 4.269 industriais, 9.981 membros de profissões liberais, 7.209 funcionários públicos, 1.680 professores, 19.782 estudantes. TASCA, Angelo. *Op. cit.* p. 184.

e sua representação. O PNF tinha quando de seu nascimento a mesma proporção de filiados que os dois maiores partidos, o PPI e o PSI, algo em torno de 217.072.⁹⁵

Com a morte de Bento XV, em 22 de janeiro de 1922, assumiu o papado Pio XI, um anticomunista virulento.⁹⁶ As tentativas de aproximação entre o PPI e os socialistas perderam um importante apoio na Sé de Roma. Mussolini que praticamente cessou seus ataques ao clero, compreendia que a união entre o PPI e o PSI era cada vez mais improvável, os socialistas tinham também enorme rejeição das classes altas.

Junte-se a isso a incapacidade dos liberais divididos em vários partidos, e tinha-se um quadro completo, com o qual o PNF tornava-se um partido da união nacional, e Mussolini o homem capaz de devolver a ordem, e fornecer a direção para o país que desde fins da Primeira Guerra estava profundamente dividido. Paradoxalmente o partido de união nacional, era uma organização confusa de diversos setores, inclusive com interesses conflitantes entre si, o PNF não adotava inteiramente qualquer dos programas dos partidos tradicionais, era em outras palavras um “anti-partido”.

El fascismo se había convertido, como observó Mussolini al principio, en el gran “antipartido”, opuesto a la mayor parte de las ortodoxias de izquierda, derecha y centro; pero también se había convertido en el único nuevo partido panitaliano, representante de sectores sociales y regionales diversos, e incluso de actitudes culturales diversas.⁹⁷

Em 1921 os *squadristi*, as organizações paramilitares do PNF, centravam suas atividades terroristas na ocupação de cidades inteiras, destituindo os prefeitos socialistas, e mesmo dominando completamente regiões como Trento e Bolzano.⁹⁸ À margem da legalidade, e através de uma violência justificada, a milícia armada do PNF iniciava a construção de um Estado dentro de outro.

Em 24 de outubro de 1922 no Congresso Fascista, Mussolini ordenou que os Camisas Negras (como se vestiam os militantes fascistas) se deslocassem para Roma.⁹⁹ Enquanto isso, permaneceria em Milão, e deixava a organização da Marcha, que tinha como objetivo “conquistar” a capital, a cargo de Italo Balbo, Emilio de Bono, Michele Bianchi e Cesare Vecchi.

⁹⁵ GENTILE, Emilio. *Op. Cit.*, p. 25

⁹⁶ SASSOON, Donald. *Op. Cit.*, p. 123

⁹⁷ PAYNE, Stanley. *Op. Cit.*, p. 33.

⁹⁸ SASSOON, Donald. *Op. Cit.*, p. 127.

⁹⁹ PAXTON, Robert. *Op. Cit.*, p. 152.

Enquanto isso, o primeiro-ministro Luigi Facta organizava a defesa, inclusive preparando-se para o estado de sítio, com tropas fiéis ao governo. Proposto ao monarca, o decreto do estado de sítio não foi assinado por um Vitor Emanuel, que demonstrava sua disposição de não interferência nos assuntos políticos. No dia 28 de outubro confluíram para a entrada da cidade cerca de 9.000 Camisas Negras, mal alimentados, com armas impróprias e debaixo de muita chuva, não pareciam fazer parte de um exército prestes a conquistar o poder. No dia 30, Mussolini, chegou a capital, entronizado pelos cerca de 20.000 Camisas Negras, que tinham sido barrados nas estações próximas a Roma. O blefe orquestrado pelos fascistas, contrariando qualquer expectativa, tinha resultado em êxito. Vitor Emanuel III apesar da opção de conferir a chefia do novo governo ao conservador Salandra, ou ao experiente Giolitti, decidiu não usar a força contra os fascistas, nem dar ao chefe dos *fasci* um simples ministério, mas nomeou-o primeiro-ministro.

O monarca concorda em dar ao líder de um partido minoritário, e extremamente violento os destinos da nação, paradoxalmente num momento em que os italianos estavam há anos vivendo sob um clima de crises políticas e econômicas. Porta-voz dos católicos, Pio XI, declararia mais tarde após a Concordata com a Igreja Católica Romana de 1929, que Mussolini seria o homem trazido pela providência,¹⁰⁰ o mesmo que em 1919 em Milão era abertamente anticlerical.

Até 1925, o fascismo comportou-se como um partido qualquer, tendo à frente Mussolini como seu principal representante, nada muito diferente dos partidos de coalizão que até aquele momento existiam no parlamento. Estando ciente da força dos fascistas, Mussolini deixa transcorrer normalmente as eleições de 1924, nela os fascistas conquistaram 66,3 % dos votos, obtiveram 374 deputados do total de 535,¹⁰¹ o que lhes dava folga e um consenso para governar.¹⁰² Apesar de estruturado militarmente, o PNF subira ao poder de maneira democrática. Interessante perceber que Mussolini gozava de enorme prestígio, mas era um dos dirigentes do alto escalão do partido. Para Hobsbawm,

A novidade do fascismo era que , uma vez no poder, ele se recusava a jogar as regras dos velhos jogos políticos, e tomava posse completamente onde podia. A transferência total de poder, ou a eliminação de todos os rivais, demorou bastante mais na Itália que na Alemanha (1933-4), mas, uma vez realizada, não havia mais limites políticos internos para o que se tornava, caracteristicamente, a desenfreada ditadura de um supremo “líder” populista (*Duce, Führer*).¹⁰³

¹⁰⁰ MARTINA, Giacomo. *Op. cit.*, p. 160.

¹⁰¹ DE FELICE, Renzo. *Breve Storia del Fascismo*. Mondadori: Milano, 2000, p. 28.

¹⁰² PAYNE, Stanley. *Op. Cit.*, p. 45.

¹⁰³ HOBSBAWM, Eric. *Op. Cit.*, p. 130.

Apesar do PNF ter maioria, isto não quer dizer que todos pensassem da mesma forma. O partido ainda era um agregado de homens com interesses múltiplos, nos primeiros 3 anos que seguiram a Marcha sobre Roma. Panunzio, Olivetti, Grandi e Rossoni herdeiros da tradição sindicalista, defendiam um estado cuja política fosse organizada de maneira orgânica, Bottai e Rocca mais moderados, tinham uma visão mais constitucional, defendendo a adaptação do fascismo a política vigente, Farinacci, líder dos *squadristi* de Ferrara, defendia a radicalização do fascismo e a instauração de uma ditadura monopartidária, e Rocco e Carli, ex-nacionalistas, que eram simpáticos à intervenção estatal, e a expansão da Itália Imperial.¹⁰⁴ Todos esses posicionamentos, eram fruto da diversidade dos quadros que compuseram o fascismo até ali, mas a partir de 3 de janeiro de 1925 isso mudaria drasticamente.

O assassinato por um membro dos *squadristi*, do deputado socialista Matteotti, um dos principais porta-vozes da oposição ao fascismo, causou grande comoção. A suposição de que o próprio Mussolini teria ordenado o crime, fez com que o líder fascista justificasse a repressão policial, passando de simples dirigente conciliador, a ditador.¹⁰⁵ Desde então a diversidade dos quadros do PNF seria paulatinamente suprimida, e as decisões centralizadas na sua figura do Duce.

Aos poucos o PNF transformava-se de partido, a parte integrante do próprio governo. Mussolini percebeu que o funcionamento dos *squadristi*, e seu modo de operação local e autônomo, poderiam fugir ao seu controle, enfraquecendo sua autoridade, basta lembrar o caso Matteotti. Em 1923 foi criada a Milícia Voluntária de Segurança Nacional (MVSN), substituindo o Esquadristo. Seguiram-se leis que limitaram a liberdade de expressão, e os principais jornais do país, *La Stampa*, *Corriere della Sera*, *Giornale d'Italia*, além do *Popolo d'Italia* periódico que continuou sendo monitorado pelo próprio Mussolini, entre outros, tiveram a imposição de nomes fieis a ele nas suas direções. Além disso, a mudança pelo próprio Mussolini de dirigentes do PNF, visavam frear qualquer oposição a suas decisões.

Somente após a eliminação de toda oposição, em 1926, consecutiva à promulgação das leis de “defesa do estado” e à sujeição dos últimos rebeldes *squadristas*, ele será oficialmente entronizado pelos chefes do partido como “guia supremo” do fascismo – base de um mito que, na preocupação em manter o equilíbrio entre as ambições individuais, os hierarcas do regime serão os primeiros a subscrever.¹⁰⁶

¹⁰⁴ PAYNE, Stanley. *Op. Cit.*, p. 46

¹⁰⁵ GENTILE, Emilio. *Op. Cit.*, p. 33.

¹⁰⁶ MILZA, Pierre. *Mussolini*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 100.

Em 1926 mais um passo foi dado em direção à instauração de um regime autoritário, com a revogação do pluripartidarismo, e a atribuição do Grande Conselho do fascismo em aprovar os nomes dos deputados. O parlamento desde então se configurou como uma ficção, os deputados peças decorativas e propagandísticas, de um sistema centrado no executivo. O Grande Conselho Fascista em 1928 seguiria como um importante órgão deliberativo, determinando assuntos de ordem jurídica e formulando leis.

O fascismo, serviu-se de intelectuais e ideólogos como representantes de suas ações. Os futuristas como dissemos, estavam entre seus fundadores em 1919. Esses artistas e intelectuais do movimento valorizavam a guerra e a violência, bem como a propaganda como meio de comunicação, e não eram os únicos a apoiar Mussolini. Os escritores Antonio Beltramelli, o dramaturgo Pirandello, o músico Mascagni, e o filósofo Giovanni Gentile, um dos mais respeitados do país, eram alguns dos patrocinadores do regime, sendo o último, responsável pela elaboração de uma primeira definição do fascismo em 1925.

O cinema, a música e a literatura bem como todas as áreas que fossem capazes de fornecer um arcabouço ideológico e simbólico para o sistema, tinham lugar de destaque e um papel essencial na formação de consensos e na legitimação do fascismo. É certo que muitos aderiam por medo de retaliações. Como cita Milza, em 1931, dos 1200 professores universitários obrigados a jurar fidelidade ao Rei e ao regime, 13 recusaram, e por isso foram aposentados.¹⁰⁷

Há, no entanto um entendimento em alguns meios acadêmicos que recusa considerar o fascismo, como um regime totalitário. Não houve nada paralelo no regime fascista, com os milhares de presos políticos e campos de extermínio na Alemanha de Hitler ou na URSS de Stálin. Mesmo Emílio Gentile, que defende a existência do “totalitarismo fascista” admite que: “As instituições tradicionais, como a magistratura, a burocracia, as Forças Armadas, não foram *fascistizadas* como queriam os fascistas intransigentes [...]”.¹⁰⁸ Como argumenta Payne, o estado totalitário a que muitos se referem ao fascismo, está ligado à capacidade do Estado de resolver conflitos, mas nunca de controlar de forma total as instituições, ou organizar uma estrutura policialesca capaz de tal coisa.¹⁰⁹ Para a filósofa Hannah Arendt,

O verdadeiro objetivo do fascismo era apenas a tomada do poder e a instauração da “elite” fascista no governo. O Totalitarismo jamais se contenta governar por meios externos, ou seja, através do Estado e de uma máquina de violência; graças à sua

¹⁰⁷ MILZA, Pierre. *Op. Cit.*, p. 132.

¹⁰⁸ GENTILE, Emílio. *Op. Cit.*, p. 40.

¹⁰⁹ PAYNE, Stanley. *Op. Cit.* p. 47.

ideologia peculiar e ao papel dessa ideologia no aparelho de coação, o totalitarismo descobriu um meio de subjugar e aterrorizar os seres humanos internamente.¹¹⁰

A subjugação a que se refere Arendt, nunca foi completa na Itália, e isto estaria longe de tornar-se realidade. Como o objetivo era congregar as massas, de “baixo para cima”, na tentativa de formulação de um “Estado Orgânico”, o regime fascista agia nos espaços estratégicos de socialização. A família e a escola eram alvos estratégicos da política fascista. Eram afetadas fortemente pela propaganda, uma vez que se configuravam como os espaços por excelência da inculcação da consciência fascista. Desde a mais tenra idade os italianos seriam instruídos no sistema de crenças do fascismo. A *Carta della Scuola* de 1938 preparada por Giuseppe Bottai, ministro da educação entre 1936 e 1943, apresentava no seu primeiro artigo, que “na unidade moral, econômica e política da nação italiana, que se realiza integralmente no estado fascista, a escola, fundamento da solidariedade de todas as forças sociais, da família às corporações e ao partido, tem por tarefa formar a consciência humana e política das novas gerações”.¹¹¹

A total dominação do sistema de ensino pela ideologia fascista, acompanhada de seus ritos, mitos e simbologias, visava à doutrinação desses jovens. A escola era o meio privilegiado disponível do estado, com o qual eficazmente o fascismo se infiltrava nas mentes dos jovens, buscava seus futuros quadros, forjava o homem e a mulher fascistas por excelência. Desde os sete anos, as crianças eram alinhadas ao pensamento do regime.

Quando somos confrontados com os números relativos às organizações fascistas, percebemos que elas se comparavam apenas às diversas associações da Ação Católica. A capilaridade dessas organizações realmente impressiona. Naturalmente confrontos em matéria de educação/doutrinação entre o regime e a Igreja Católica Romana, eram inevitáveis. Como cita Milza,

No fim de 1939, o PNF, tinha mais de 2,6 milhões de inscritos nos *Fasci di combattimento*, 8 milhões de moços na *Gioventù Italiana del Littorio*, 100 mil membros nos *Gruppi Universitari Fascisti*, 800 mil mulheres nos *Fasci femminili*, 4 milhões nas organizações do *Dopolavoro*.¹¹²

Em 1939 a fascistização da sociedade era quase completa. Argumenta Gentile, que o principal obstáculo no caminho do fascismo, como percebemos era a Igreja Católica Romana. “Quanto à Igreja, ela representava indubitavelmente o maior obstáculo à pretensão do

¹¹⁰ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 455.

¹¹¹ MILZA, Pierre. *Op. Cit.*, p. 315.

¹¹² *Ibid.* p. 310.

fascismo de controlar todos os aspectos da vida dos italianos e constituiu o “contrapoder” mais importante, na sociedade, à política totalitária.”¹¹³

Percebe-se que a conturbada relação entre Igreja e fascismo na Itália, foi ondulante. Em 1929, com o Tratado de Latrão, a conciliação atingiu o ápice, entretanto redundando em fracasso nos anos que seguiram, com a pretensão do fascismo em forjar um “homem novo”, e impulsionar ações que visavam desacreditar e violentar os membros e a Ação Católica.

1.6 O FASCISMO E A IGREJA CATÓLICA ROMANA

Quando a Marcha sobre Roma teve êxito, Pio XI, que tinha sido eleito papa poucos meses antes, assumia uma “atitude de otimismo para com o fascismo”.¹¹⁴ Os fascistas como grandes rivais do PSI, teriam naquele momento dado mostras que seriam capazes de enfraquecer a onda secularizadora do socialismo. Isso foi demonstrado pela violência dos *squadristi*, antes da subida ao poder do fascismo, e nas eleições de 1924, quando o PSI sofreu esmagadora derrota nas eleições parlamentares.

Os católicos vale lembrar, tinham no PPI um partido que representava os valores éticos e sociais do cristianismo, seu fundador como já mencionado era o pe. Luigi Sturzo. Em 1919 o denominado partido “popular”, tinha como anseio congregar todos os cristãos, seu modo de operação seguia uma linha independente das hierarquias e organizações da Igreja Católica Romana, o que não impedia que deputados viessem dessas mesmas organizações.

Alguns setores do partido se aproximavam das classes mais baixas, o que lhes rendia o apelido de “bolchevistas brancos”,¹¹⁵ enquanto outros eram favoráveis a relações mais próximas com autoridades da Igreja. Um ponto de atrito entre a Igreja era a insistência do partido em arregimentar os grupos da Juventude Católica como seus militantes.¹¹⁶ Desde aí percebemos uma assimetria entre Pio XI e seu posicionamento “apolítico” com relação aos *populares*.

Especialmente o ano de 1923 em Turin foi decisivo para os *populares*, porque em abril romperam a coalizão adotada com os fascistas, devido a divergências internas, mas principalmente devido à discordância de Sturzo, e à incompatibilidade entre o fascismo e o “popolarismo” defendida por ele. O fato causou a interferência do Vaticano no partido, que

¹¹³ GENTILE, Emílio. *Op. Cit.*, p. 40.

¹¹⁴ MARTINA, Giacomo. *Op. Cit.*, p. 153.

¹¹⁵ DI MAIO, Tiziana. *Op. Cit.*, p. 116.

¹¹⁶ ZAGHENI, Guido. *A Idade Contemporânea: Curso de História da Igreja IV*. p. 273.

temendo uma possível aproximação com os socialistas, se adiantou proibindo-o. Com isso, de acordo com Martina:

Tornava-se assim mais fácil para o fascismo a transformação da estrutura do Estado italiano, consolidando o poder do executivo e abrindo espaço para a ditadura. A Santa Sé, em 1923, persuadiu o secretário do partido popular, o pe. Sturzo, a pedir demissão de seu cargo, e no final de 1924 o “aconselhou” a deixar o país, considerando seu afastamento um sacrifício necessário para a paz religiosa na Itália.¹¹⁷

Tal postura da Sé decretara a morte prematura do Partido Popular, e lançava o Vaticano aos braços de um líder que de anticlerical, mostrava-se disposto a dialogar com a Igreja. Pio XI não confiava no PPI, mas ao enfraquecê-lo apostou em outras formas de integrar os católicos na vida pública, ao criar a Ação Católica.

A Ação Católica, uma gigantesca organização que comportaria vários movimentos e setores do laicato, representou, para Zagheni, o esforço de Pio XI, em afastar-se da política partidária, mas ao abrir um canal de interlocução com o governo, o papa não estaria sendo para o historiador um anti-fascista, muito menos um aliado do regime, mas um “afascista”.¹¹⁸

Os resultados das relações entre Pio XI e o fascismo no início de seu pontificado, já são bem conhecidas. No dia 11 de fevereiro de 1929, chegou-se à solução de um desentendimento que se arrastava desde o tempo da Unificação em 1870, a Questão Romana. Pelas linhas do tratado celebrado com as assinaturas do cardeal Pietro Gasparri e Benito Mussolini, as novas dimensões do Estado da Cidade do Vaticano foram delineadas. Junte-se a isso uma Concordata que também foi assinada, e dela destacamos alguns pontos. A religião católica foi considerada a única do estado italiano, foram realizadas quitações dos débitos do estado com o Santa Sé, o livre exercício espiritual da Igreja Católica Romana foi aprovado, bem como a dispensa do serviço militar para os eclesiásticos, livre nomeação de bispos, apesar de que previamente comunicado ao governo, a extensão às escolas secundárias do ensino da religião, e por fim a proibição dos membros da Ação Católica na política.¹¹⁹

A concordata gerou receio entre os católicos, anti-fascistas, e os ex-integrantes do PPI, que justificaram as críticas sugerindo que Mussolini se aproveitava da Igreja. Da mesma forma os anticlericais viram na conciliação uma submissão da parte do Duce. Em junho se

¹¹⁷ MARTINA, Giacomo. *Op. Cit.*, p. 154.

¹¹⁸ ZAGHENI, Guido. *Op. Cit.*, p. 276.

¹¹⁹ MARTINA, Giacomo. *Op. Cit.*, p. 158.

ratificava o acordo, e em dezembro o rei visitava o papa,¹²⁰ rompendo entre Igreja e Estado, um afastamento de décadas.

Os anos que se seguiram ao Tratado de Latrão foram de nítido conflito entre Igreja e fascismo. Em maio 1931 no auge da tensão, o governo proibiu o funcionamento das associações da Juventude Católica, e a federação dos universitários católicos,¹²¹ ambas coordenadas pela Ação Católica.

Pio XI reagiu com a encíclica *Non abbiamo bisogno*, na qual rebatia comentários feitos pela imprensa, de que a Ação Católica se organizava como um partido político, inclusive com antigas lideranças do PPI. O papa minimizava estas declarações, constatando que apenas quatro dirigentes eram ex-integrantes do PPI.

As palavras de Pio XI foram duras como podemos ver abaixo, condenavam o fascismo ao querer doutrinar as crianças, capturar os jovens inculcando-lhes doutrinas pagãs, que no entendimento do papa representavam um verdadeiro culto ao Estado.

Henos aquí en presencia de un conjunto de auténticas afirmaciones y de hechos no menos auténticos, que ponen fuera de duda el propósito ya ejecutado en gran parte, de monopolizar enteramente la juventud desde la primera infancia hasta la edad viril para la plena y exclusiva ventaja de un partido, de un régimen, sobre la base de una ideología que explícitamente se resuelve en una verdadera estatolatría pagana, en abierta contradicción, tanto con los derechos naturales de la familia, como con los derechos sobrenaturales de la Iglesia.¹²²

A encíclica escrita dois anos após o histórico tratado, abria fissuras irreversíveis com o fascismo, somente comparadas com as que se abriram com a Questão Romana. Em setembro de 1931, prevaleceu a conciliação, e a Ação Católica voltava ao seu funcionamento, mas com a condição de atuar apenas no âmbito da religião. O que o episódio demonstrou, é que as relações entre Igreja Católica Romana e Estado não seriam mais as mesmas, instaurando-se então uma guerra diplomática.

Nos anos que seguiram, o fascismo adquiria amplo consenso na sociedade italiana, Pio XI mostrou-se contrário à Guerra da Abissínia em 1936, o conflito resultou na afirmação da Itália como um Império, pelo menos no nome, e no acirramento das relações diplomáticas da França e Inglaterra, que condenavam a invasão italiana, e os crimes de guerra perpetrados pelo general Badoglio contra os etíopes. Por outro lado, o conflito marcou a aproximação da Itália com a Alemanha nazista, que reconheceu a anexação da Etiópia.

¹²⁰ Ibid. p. 160.

¹²¹ Ibid. p. 166.

¹²² PIO XI, Carta Encíclica: *Non abbiamo bisogno*: acerca del Fascismo y la Acción Católica.

Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/non-abbiamo-bisogno.html>

A situação alemã era mais delicada para Pio XI. Em março de 1937, o pontífice através da Encíclica *Mit brennender Sorge*, atacava frontalmente o totalitarismo nazista, condenando o que para ele seriam “tendências panteístas, a divinização da raça, do povo, do chefe do estado, a hostilidade em relação ao Antigo Testamento, a rejeição de uma moral objetiva universal e de um direito natural.”¹²³ E ainda a *Divini Redemptoris promissio* também de março de 1937, na qual Pio XI condenava o comunismo, e a incompatibilidade entre o cristianismo, o ateísmo, materialismo e coletivismo comunistas.¹²⁴

Ficava mais nítida a oposição do papa a cada dia, na medida em que a Itália se aproximava da Alemanha. Quando a partir de 1937, Mussolini estabelece estritas ligações com o país, inicia-se um processo de antissemitismo político pelo país. No final de outubro de 1938 mesmo ano do Pacto de Aço,¹²⁵ efetivamente são adotadas medidas racistas na Itália.

Em setembro de 1938, o Grande Conselho fascista decretou, com a “Declaração da raça”, a proibição do casamento de cidadãos italianos com indivíduos da raça semítica ou, de qualquer forma, não-ariana; a necessidade de uma aliança especial para o casamento com mulheres estrangeiras; a limitação, para os judeus, de alguns direitos civis relativos à propriedade e às atividades industriais, comerciais e bancária. Em 1939, um novo decreto limitava fortemente a atividade dos profissionais judeus.¹²⁶

A Itália que apresentava até então um antissemitismo clerical, restrito a algumas condenações da Igreja, passava agora à perseguição política dos judeus. Basta lembrar que não existem comparações entre Itália e Alemanha neste ponto, uma vez que segundo Milza, 5 judeus participaram da reunião fundadora do fascismo em 1919, em 1922, 750 tinham a carteirinha do PNF, entre 1928-1933, e ainda, 10% deles participavam do partido, em 1936, incluindo muitos dos quais ofertaram ouro para a guerra na Etiópia.¹²⁷ Todos esses dados, apenas reforçam o fato de que o antissemitismo italiano, era fruto de uma conjuntura política.

As declarações de Pio XI, se intensificam na condenação do antissemitismo. Tendo fechado o Vaticano quando da visita de Hitler em 1938, o papa teria dito de Castelgandolfo, que não admitia o fato de que outra cruz, referindo-se à suástica dos nazistas, pudesse ser entronizada na Roma da cruz de Cristo.¹²⁸

¹²³ MARTINA, Giacomo. *Op. Cit.*, p. 177.

¹²⁴ ZAGHENI, Guido. *Op. Cit.*, p. 297.

¹²⁵ É o nome mais conhecido dado ao Pacto de Amizade e Aliança entre Alemanha e Itália, assinado em 22 de maio de 1939 por Galeazzo Ciano, representante da Itália Fascista e Joachim von Ribbentrop, da Alemanha Nazista. O Pacto determinava que no caso de uma guerra deflagrada por qualquer dos lados, o outro tomaria parte.

¹²⁶ Ibid. p. 283.

¹²⁷ MILZA, Pierre. *Op. Cit.*, p. 321-322.

¹²⁸ MARTINA, Giacomo. *Op. Cit.*, p. 194.

Com a morte de Pio XI, em fevereiro de 1939, Eugênio Pacelli, que desde 1917 a 1929 chefiava missões diplomáticas do Vaticano, tornava-se o novo pontífice, sob o nome de Pio XII. Como núncio apostólico em Munique e responsável pela assinatura de duas concordatas na Alemanha, Pacelli conhecia bem a realidade do país.

Recebendo como legado de seu antecessor uma Igreja centralizadora, e atuante nas críticas ao fascismo e nazismo, Pio XII, iniciou um novo direcionamento da diplomacia. Segundo Zagheni, ao perceber o apoio de bispos alemães, e o silêncio de outros ante as conquistas do nazismo na Segunda Guerra Mundial, Pio XII, optou por relações mais diplomáticas.¹²⁹

Na Itália igualmente tentou dissuadir Mussolini a permanecer fora do conflito, fez visitas ao Duce, e lançou seguidas mensagens com o intuito de manter a paz no país. Mussolini, que seguia decidido a entrar na guerra ao lado da Alemanha, ao receber “cada radiomensagem papal em favor de uma proposta de paz tinha ataque de bÍlis, e lamentava-se de não ter livrado a Itália do câncer do papado”.¹³⁰ Mussolini tinha plena consciência da influência e prestÍgio da autoridade papal, mas como exímio “poeta da revolução”,¹³¹ superou inclusive D’Annunzio, ao unir como ninguém política e estética.

Colocando em primeiro plano o Estado, Mussolini destacou certa vez, que a expansão do cristianismo de uma seita entre tantas outras, para uma religião universal, comandada pela Igreja, só foi possível graças à existência do Império Romano.¹³² A política e o fascismo eram naturalmente superiores à religião e a Igreja Católica Romana.

Segundo Gentile, antes as pessoas faziam peregrinações a Roma, para ver a BasÍlica de São Pedro. Com a ascensão do fascismo, uma multidão de italianos vão para ver e admirar o Duce do fascismo, os cenários abertos pelo regime.¹³³ Antes esperava-se a tradicional bênção papal, com o fascismo, multidões passaram a escutar atentas aos discursos de Mussolini do Palácio Veneza.

1.7 A SACRALIZAÇÃO DA POLÍTICA NA ITÁLIA FASCISTA

As relações entre o Vaticano e o fascismo, em 1931, culminando com a Encíclica de Pio XI deixaram claras as pretensões de ambos em conquistar os fiéis. Mesmo que se

¹²⁹ ZAGHENI, Guido. *Op. Cit.*, p. 308.

¹³⁰ Ibid. p. 315.

¹³¹ GIARDINA, Andrea. *O mito fascista da Romanidade*. Estudos Avançados, n. 22, 2008. p. 70.

¹³² MILZA, Pierre. *Op. Cit.*, p. 145-146.

¹³³ GENTILE, EmÍlio. *Il culto del Littorio*. Roma: Laterza, 1993. p. 148-149.

argumente que a Ação Católica estava interessada em questões espirituais, devemos ter em mente que por trás de uma aparência pretensamente religiosa, se escondiam interesses políticos.

A filósofa Hannah Arendt afirma que “a Igreja precisa da política e, na verdade, tanto da política mundana dos poderes seculares como da própria política religiosa ligada ao âmbito eclesiástico, para poder manter-se e afirmar-se na terra e neste mundo do lado de cá.”¹³⁴ Tanto Igreja Católica Romana, quanto regime fascista, estavam numa luta acirrada entre si, a fim de conquistar a hegemonia. Mussolini sabia que para obter a adesão das massas, seria preciso de alguma forma sobrepujar o poder da Igreja. De forma eficaz o fascismo criou para tanto, um sistema de ritos, mitos, símbolos e comunhão entre seus seguidores, sistema que utilizado anteriormente pelo universo religioso, foi transportado para o âmbito político.

Gentile defendeu a tese de que o fascismo tornou-se uma “religião secular”, ou “religião de estado”, sacralizando a política. Mesmo Michael Mann que recusa o termo “religião”, porque segundo ele, o estado não poderia comportar uma concepção de divino, considera, e aí sim em consonância com Gentile, que elementos do sagrado foram transportados para o campo político, criando um “sagrado do Estado”.¹³⁵

Segundo Enzo Traverso, Emilio Gentile com seu conceito de religião cívica, vai além do que Walter Benjamim chamou de estetização da política, considerando insatisfatória a definição de Benjamim, Gentile acreditava que o fascismo como religião possuía dogmas e a força de uma fé.¹³⁶

Para compreendermos os elementos básicos desta religião cívica construída pelo Estado Fascista, deve-se levar em conta que o processo de sacralização da política ocorre, segundo Gentile, quando a nação, o estado, a raça, a classe, ou o partido, assumem as características de uma entidade sagrada, isto é, de um poder total e, portanto, inquestionável, tornando-se um objeto de culto, de fidelidade, por parte dos cidadãos, o que inclui o sacrifício das vidas dos fiéis.

A seguinte definição de Gentile nos permite compreender que elementos constituem o conceito de religião cívica defendida pelo autor.

Os movimentos políticos modernos são transformados em religiões seculares quando eles: a) definem o significado da vida e o destino final da existência humana; b) formalizam os procedimentos de uma ética pública, com os quais todos os membros desses movimentos devem aderir; e c) dão importância a uma mística e

¹³⁴ ARENDT, Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 29.

¹³⁵ MANN, Michael. *Op. cit.*, p. 124.

¹³⁶ TRAVERSO, Enzo. *Op. cit.* p. 237.

simbólica dramatização, e uma interpretação de suas histórias e realidades, criando sua própria “história sagrada”, englobando a nação, o estado ou o partido, atando as existências e “escolhas pessoais”, as quais são louvadas como a regeneração das forças de toda a humanidade.”¹³⁷

O primeiro elemento a destacar-se é o culto a Mussolini, como o líder – Duce – ou o “deus” do fascismo. O culto da personalidade não foi inventado por Mussolini. Ao nos voltarmos para história da Itália, basta lembrar a figura dos imperadores romanos, assim como Mussolini eles eram representados com atributos divinos, e a virtude da infalibilidade.¹³⁸

Multidões se reuniam para ouvir as palavras do Duce, ou mesmo tocá-lo. Pelas ruas em outdoors, se espalhava a frase *il duce ha sempre ragione*, numa demonstração do poder absoluto, e incontestável de suas decisões. A presença de Mussolini suscitava euforias nas massas. Para Arendt,

A principal qualificação de um líder de massas é a sua infinita infalibilidade; jamais pode admitir que errou. Além disso, a pressuposição de infalibilidade baseia-se não tanto na inteligência superior quanto na correta interpretação de forças históricas ou naturais essencialmente seguras, forças que nem a derrota nem a ruína podem invalidar porque a longo prazo, tendem a prevalecer.¹³⁹

Outro fator importante a destacar-se, é o poder de persuasão que a mística e a dramatização fascista da realidade comportavam. As intervenções arquitetônicas realizadas pelo fascismo, foram atos simbólicos de grande relevância para ilustrar essa ideia. Quando inaugurou a Via do Império, em Roma, destruindo muitos edifícios medievais, Mussolini pretendeu destacar o fascismo como o renascimento do Império Romano. Todo um cenário foi estrategicamente pensado no intuito de construir em torno do fascismo um regime vocacionado a reviver as glórias da Antiga Roma, e o destino irreversível de conquista do mundo. Esse sistema simbólico adotado pelo fascismo construía uma lógica que visava integrar toda a nação italiana, forjando um consenso, em torno de um passado e um destino comum a todos. Dos italianos se esperava uma entrega incondicional.

¹³⁷ GENTILE, Emilio. *Political Religion: A Concept and its Critics. A Critical Survey*. Totalitarian Movements and Political Religions, v.. 6, n.. 1, p. 19–32, jun. 2005. p. 11. Tradução do autor.

¹³⁸ Interessante perceber que ao papa é concedido à infalibilidade. “Goza desta infalibilidade o Pontífice Romano, chefe do Colégio dos Bispos, por força do seu cargo quando, na qualidade de pastor e doutor supremo de todos os fiéis, e encarregado de confirmar seus irmãos na fé, proclama, por um ato definitivo, um ponto de doutrina que concerne à fé e aos costumes.” Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA: Edição Típica Vaticana. Edições Loyola: São Paulo, 2000. p. 255.

¹³⁹ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 482.

Como se observou, o projeto do fascismo incorporou em seu discurso valores e premissas religiosas, como a ideia da redenção, do sacrifício, fé e imortalidade.¹⁴⁰ Tal discurso para Mann, foi essencial para cooptar uma juventude que já estava submetida à disciplina, através de padrões militares e religiosos.

Entre os seguidores do fascismo, os ex-combatentes, os seminaristas, e os jovens nas academias militares eram especialmente sensíveis aos apelos e a missão fascista. Esses grupos tendiam a desenvolver simpatia ao fascismo, incorporando-o a suas próprias vidas, assim como a religião e sua dimensão transcendental. A liturgia fascista já nos anos anteriores a Marcha sobre Roma, nos seus desfiles, cerimônias ao ar livre, vestes, cumprimentos, e até mesmo um vocabulário próprio, contribuíram para formular um sentimento de adesão a causa.

O gesto com a mão aberta e braço estendido que identificava todo fascista, era também proveniente da Roma Antiga. Era utilizado pelos gladiadores, e demonstrava a obediência total ao imperador, e a entrega da vida e da morte nas mãos do soberano. No fascismo a saudação romana adquiria sentidos similares.

1.8 A SACRALIZAÇÃO DA POLÍTICA NUM CAMPO DE PRISIONEIRO DE GUERRA

Neste momento gostaríamos de inserir o personagem que é objeto deste estudo, o capelão Ermenegildo Bortolato. Como já destacado na introdução, Ermenegildo era tenente-capelão no 65º Batalhão de Infantaria Motorizada Trieste, que era uma divisão da *Afrikakorps*. O capelão permaneceu nesta divisão até 1943, quando foi preso.

Em 1947 Ermenegildo escreveu um relato de 304 páginas sobre o período de confinamento em campos de prisioneiros de guerra entre 1943-1946, e segundo perceberemos, permite constatar esta simbiose entre a religião e a política.

Em 1945, apesar da iminente derrota da Itália e do Eixo, os soldados presos, segundo o relato de Ermenegildo, ainda estavam imersos numa espécie de ficção coletiva proporcionada pela propaganda fascista. Como descreve no seu livro de memórias, um dos soldados, fez alusão ao episódio que resultou na morte de Mussolini e sua amante Clara Petacci em abril de 1945. O soldado resignificava a derrota final do líder.

Percebe-se que a “morte física” do líder não invalida a vitória final das “ideias”, a serem futuramente comprovadas pela história. No discurso evidencia-se o pensamento que apostava na imortalidade de Mussolini.

¹⁴⁰ GRIFFIN, Roger. *The Holy Storm: Clerical Fascism through the Lens of Modernism*. Totalitarian Movements and Political Religions, v. 8, n. 2, 2007, p. 216.

Ainda que Mussolini esteja morto, a sua ideia não morrerá jamais, pelo menos em alguma parte da população implantou profundas raízes. E tanto a Itália quanto o resto do mundo deverá perceber o grande bem que o fascismo fez, seja para defender os direitos da classe operária, seja para o prestígio da nação no exterior.¹⁴¹

O discurso naquele momento crítico demonstra-nos o quanto a “devoção” ao fascismo era fator de união dos soldados presos. Os oficiais, por exemplo, preferiam ser castigados, mas não recusavam em hipótese alguma a realização da saudação fascista.

Aconteceu também certa vez que os ingleses obrigaram os prisioneiros a se prostrarem diante da imagem de sua majestade britânica, a beijá-la, e fazer a saudação aos ingleses, e como é fácil de imaginar alguns aceitavam outros não, mas sabendo que seriam submetidos a novos ferimentos e tormentos. O Marechal Tabarro, contou-me como testemunha do fato, que depois de ser espancado violentamente uma e duas vezes, os ingleses obrigaram-no a fazer a saudação inglesa, mas ele se pôs de pé, e fez a saudação romana dizendo: Viva o duce!¹⁴²

É interessante o relato de Ermenegildo quando chega ao campo 92, um campo reservado apenas aos soldados mais resistentes à colaboração com os britânicos. Segundo nos conta, ele e demais oficiais, fizeram uma “entrada triunfal” marchando, e sendo acolhidos com a “saudação romana”.¹⁴³ Neste momento diz que estava “alegre por se encontrar com homens que tinham a *mesma fé*”. O espírito de companheirismo era fortalecido na prisão.

Ermenegildo relata que se qualquer soldado colaborasse com os ingleses, automaticamente era excluído, e sofria retaliações, tal recaída, representava o homem fraco, egoísta e traidor. Justamente a antítese das virtudes reputadas a um fascista.

Não colaborar, pelo contrário, representava uma vida mais sofrida na prisão, porque os prisioneiros eram submetidos a dias de pão e água, e ainda obrigados a realizar exercícios físicos extremos, como correr com um saco de 25 kg, durante várias horas.¹⁴⁴

Ainda a partir do conceito de religião política de Gentile, destacamos duas passagens emblemáticas do livro do capelão, a primeira ressalta o papel dos ritos, enquanto meios para gerar a união do grupo, e os gestos, como identificadores de um ideal, pelo qual se luta e se sacrifica.

Dia 13 de setembro de 1944 foi uma data solene em todo o campo, porque recordou o primeiro aniversário da libertação de Mussolini da Prisão de Gran Sasso, onde

¹⁴¹ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.* p. 160.

¹⁴² Ibid. p. 165.

¹⁴³ Ibid. p. 115.

¹⁴⁴ Ibid. p. 173

estava confinado durante o governo de Badoglio. De tarde estava presente o chefe do campo, Zamboni, que advertiu que segundo acordo feito com todos os soldados e com o comandante inglês, seria celebrada uma missa solene na intenção de todos os nossos soldados caídos na guerra, e que para isso seria construído um grande altar provisório. Todo o campo, portanto, era convidado a comparecer para a solene cerimônia. As palavras do chefe foram ouvidas com alegria. No dia seguinte por muito tempo os prisioneiros trabalharam. Foi construída com papelão um grandioso “M”, a inicial de Mussolini, grossa quase como uma coluna, e prontamente alçado ao altar da missa.¹⁴⁵

Geralmente missas solenes são celebradas em louvor a santos, e a liturgia é excepcionalmente modificada nesses dias. Como vimos, o dia da libertação de Mussolini é um desses momentos, o *duce*, era então esse mártir, alguém injustamente perseguido, cujo exemplo de resistência motivava os presos. Ermenegildo então disse que a “solene cerimônia” o fez recordar os dias felizes que a “memória reclamava”. O hino *Libera me Domine* e o *Hino do Legionário*, foram entoados ao final.

Gentile argumenta na obra *Il Culto del Littorio*, que a liturgia política fascista não estava restrita aos ritos políticos, e a passagem acima demonstra que ela foi transposta em várias manifestações coletivas, incluindo as religiosas. Tal cerimônia visou mostrar aos ingleses, e mesmo propagar diante dos soldados que tendiam a colaborar com os guardas, a força e a resistência do regime de Mussolini, mesmo nas situações mais adversas. Além disso, como diz o capelão, “as palavras do chefe foram ouvidas com alegria”. Este sentimento de euforia grupal proporcionado pela cerimônia, somente vem confirmar o papel que os ritos e os cenários desempenharam durante o fascismo italiano, quais sejam, reforçar a união interna do grupo, e escamotear das massas (naquele caso eram os prisioneiros de guerra) as crises e dificuldades do regime.

Essa energia canalizada através das emoções criava uma harmonia interna entre os soldados, um consenso era forjado em torno da fé no regime, inclusive mobilizando Ermenegildo e outros capelães, que foram os celebrantes. Aline Coutrot nesse aspecto contribui com nossa visão a respeito de Ermenegildo e a celebração acima mencionada, afirmando que “às vezes, o engajamento político constitui uma espécie de transferência de uma Igreja para uma outra, encarnada no Partido”.¹⁴⁶

Se os mitos e os ritos fascistas foram capazes de dotar os grupos de organização interna e união, eles revelaram na cerimônia da missa, que o Catolicismo andava de mãos dadas com o fascismo, por mais que as tensões existissem, a improvável união estava selada.

¹⁴⁵ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.* p. 117.

¹⁴⁶ COUTROT, Aline. *Religião e Política*. In.: Rémond, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996. p. 348.

Neste cenário de sacralização da política, parcelas do clero tiveram presença marcante no suporte ao fascismo. Esses padres simpatizavam com parte do que apregoava o movimento em termos de autoridade, organização hierárquica, enfim, questões que já faziam parte do cotidiano clerical. A lógica do “inimigo do meu inimigo, é meu amigo”, como veremos, também contribuiu para a adesão de sacerdotes. Em meio ao crescimento do “socialismo ateu”, aliar-se ao fascismo significava estar do lado, de quem destruiria o mal.

1.9 O FASCISMO CLERICAL

Ermenegildo Bortolato nasceu em 1904 em Noale, localizada nos arredores da cidade de Moniego. Um jovem seminarista, que como milhares na sua geração, construiu parte da consciência política exteriorizada no seu livro de memórias de 1947, nesse ambiente de radicalização política que o cercava. Sua formação religiosa deu-se na ordem dos frades menores capuchinhos, da cidade de Rovigo e Veneza, não muitos distantes da sua terra natal.

Jacques Le Goff no prefácio de sua biografia sobre São Luís, afirmou que os “homens são filhos de seu tempo, e de seus pais”.¹⁴⁷ Nessa curta citação, mas que guarda amplo significado, entendemos que não apenas a atmosfera da região em que vivia o futuro capelão do exército, mas as influências de seu meio familiar, foram importantes para a formação da simpatia do jovem frei ao fascismo.

Com apenas 24 anos, em 1928, Ermenegildo foi ordenado sacerdote e então rebatizado como Apollonio. Os dias que seguiram foram de comemoração para os Bortolato, Guglielmo¹⁴⁸ e Ida Bruneta, seus pais.

FIGURA 2 – ORDENAÇÃO SACERDOTAL DE ERMENEGILDO



¹⁴⁷ LE GOFF, Jacques. *São Luís*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 28.

¹⁴⁸ Destacamos que Guglielmo era um veterano da guerra da Abissínia travada em 1896, em que a Itália amargou uma derrota, traumática para suas pretensões colonialistas. Guglielmo ergueu um capitel em homenagem à Nossa Senhora, na entrada de sua propriedade (p. 60). A construção também recordava a sua participação na guerra. BORTOLATO, Otello. *Op. cit.* p. 23-24.

FONTE: Museu Ermenegildo Bortolato, Rio das Antas – SC.

Ao situar Ermenegildo e a família Bortolato, percebemos que o Nordeste na Itália, era um ambiente que clamava pelas promessas redentoras de uma nova política que fizesse frente à crise econômica, e à ascensão do chamado bolchevismo ateu. Para Eatwell, a região continha os ingredientes com os quais o improvável hibridismo entre o catolicismo e o fascismo teve um rápido êxito, antes de espalhar-se por todo o país, quando efetivamente o fascismo subiu ao poder. Nas palavras de Eatwell:

O importante ponto de contato entre Catolicismo e Fascismo era o compartilhamento de inimigos, em particular, a fraqueza do estado liberal e o anti-nacionalismo de esquerda, que na Itália tinha uma tradição de violência até mesmo antes da Revolução Bolchevista.¹⁴⁹

Valores religiosos tradicionais que se revelavam na defesa da família, da propriedade e da hierarquia, se aproximavam do movimento fascista nascente. Que como vimos, nas interpretações marxistas, era considerado uma doutrina conservadora.

Eatwell ainda afirma que antes da Marcha sobre Roma de 1922, a região concentrava um número expressivo de religiosos simpatizantes do fascismo, homens que de alguma forma sintetizavam religião e política, e tinham no nacionalismo radical sua principal bandeira política.¹⁵⁰

Quando se refere à região de Rovigo, na qual Ermenegildo passou boa parte de sua formação religiosa, Angelo Tasca, detalhou como os socialistas sofreram derrotas rápidas, segundo ele.

Os sessenta e três municípios da província de Rovigo, a província de Mateotti, todos nas mãos dos socialistas, são ocupados um atrás do outro, sem que nunca ocorra a ideia de unir-se para poder dispor de forças superiores nos lugares ameaçados.¹⁵¹

Ao assinalar a região, Tasca, afirmou que em nenhuma outra, o nascente fascismo dominou com tamanha rapidez e facilidade. Tal constatação reforça a tese, de que os fascistas contavam com apoio massivo da população, não apenas dos donos de terras, que temiam o avanço dos socialistas, na província do destacado deputado socialista, Giacomo Matteotti, mas de outros atores sociais, dentre eles os sacerdotes católicos.

¹⁴⁹ EATWELL, Roger. *Reflections on Fascism and Religion*. Special Issue of Totalitarian Movements and Political Religions, v. 4, n. 3, 2003, p. 148. Tradução do autor.

¹⁵⁰ GRIFFIN, Roger. *Op. cit.*, p. 214.

¹⁵¹ TASCA, Angelo. *Op. cit.*, p. 143.

Quando observamos à família de Ermenegildo, não é possível afirmar se Guglielmo, era simpático aos *fasci*. Por outro lado os Bortolato eram proprietários de terras em Noale, possuíam uma ampla casa, confortável para seis filhos do casal. Outra informação interessante e que aproxima a trajetória de Guglielmo e seu filho, é o fato de Guglielmo ser veterano de guerra na Etiópia em 1896,¹⁵² ao menos os ingredientes para uma simpatia ao fascismo estavam presentes.

No contexto italiano, no entanto, os posicionamentos de religiosos como Ermenegildo, eram duramente criticados por alguns de seus pares, que se opunham ao fascismo. Defendiam tais clérigos, a incompatibilidade entre o catolicismo universalista e o nacionalismo exacerbado dos fascistas, e o fato do fascismo ferir os direitos fundamentais da pessoa humana.¹⁵³

FIGURA 3 – GUGLIELMO BORTOLATO (ESQ)
E PADRE ANTÔNIO CONDOTTÀ



FONTE: Museu Ermenegildo Bortolato, Rio das Antas – SC.

Na luta contra o fascismo, lembramos a figura do sacerdote nascido em Cremona, Primo Mazzolari. Enquanto Ermenegildo estava no *front* como capelão no início dos anos 1940, Mazzolari, através de seus numerosos escritos, fornecia um contraponto aos fascistas clericais, denunciando o que chamava de “guerras injustas”. Em 1943 enquanto Ermenegildo se tornava prisioneiro dos ingleses, Mazzolari ingressava na luta de liberação da Itália. Trajetórias tão divergentes atestam a divisão existente no próprio seio do clero católico daqueles anos.

¹⁵² BORTOLATO, Otello. *Op. cit.*, p. 29.

¹⁵³ MARTINA, Giacomo. *Op. cit.*, p. 159

Mazzolari expressou em seus escritos a contradição de ser cristão e fascista. Afirmava que “nacionalismos e particularismos de toda sorte invadiram as inteligências dos católicos”,¹⁵⁴ e criticou o fato de muitos cristãos se apegarem em ídolos construídos pela política, ou na defesa da nação e da guerra.

Exaltando a consciência dos cristãos, Mazzolari dizia que: “Para compreender que um cristão não pode odiar ninguém, nem o inimigo do próprio país, não é necessário perguntar ao pároco, ao bispo, e muito menos ao papa [...]”.¹⁵⁵

No caso do capelão, observamos que engrandecia as realizações italianas, e a maneira que se referia ao outro.

Vocês viram como as nossas colônias do Norte da África, e da África Oriental atingiram um nível de prosperidade em poucos anos? Tanto as regiões da Cirenaica, como a Tripolitânia, há trinta anos não eram nada mais que deserto, agora contam com numerosos oásis, e uma outra vida que não a dos árabes, mas com numerosos colonos italianos. Tudo isto mérito do trabalho italiano.¹⁵⁶

Os inimigos caracterizados pelos africanos, no discurso do padre, são contrapostos ao “trabalho” realizado pelos italianos. Nenhuma palavra dele sobre o extermínio da população etíope em 1936, nem sobre a escravidão imposta pelo fascismo e sua ditadura a esses povos considerados inferiores, e obstáculos no caminho do glorioso império italiano.

É percebido no discurso do padre, o caráter patológico do nacionalismo, suas afinidades com o racismo,¹⁵⁷ fruto de invenções, e reprodução da propaganda do regime, que veiculava uma Itália que levaria a “civilização” para a África, como uma forma de reviver o passado de esplendor da Roma Antiga.

Ademais, note-se a contradição com máximas cristãs, que exortavam a paz: “bem aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”. O amor incondicional ao próximo, mesmo ao inimigo, a fraternidade entre os povos, a disposição ilimitada para o perdão, presentes no discurso de Mazzolari, e contidas no evangelho, passam ao largo do discurso de Ermenegildo. Antes disso, a fidelidade à nação à raça.

Posicionamentos como esses de Ermenegildo, foram designados como pertencentes ao “fascismo clerical”. A expressão teria sido proferida em 1919, por Dom Luigi Sturzo, fundador do PPI, e traduzia sua preocupação com o aumento da violência fascista, que para

¹⁵⁴ MAZZOLARI, Primo. *A Igreja, o fascismo e a guerra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1966. p. 75.

¹⁵⁵ *Ibid*, p. 59.

¹⁵⁶ BORTOLATO, Ermenegildo. *op. Cit.* p. 24.

¹⁵⁷ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 199.

ele não se voltava somente contra à esquerda, mas contra qualquer grupo político adversário dos *fasci di combattimento*.¹⁵⁸

O fascismo clerical, nunca foi um movimento com líderes, ou uma estrutura organizacional. Podemos designar Ermenegildo, como integrante desse grupo, formado por religiosos e teólogos que mantinham distância do governo, mas que compartilhavam de alguns dos princípios fascistas.

Por certo um ramo marginal dentro da Igreja nos anos que antecederam a Marcha Sobre Roma,¹⁵⁹ os padres fascistas aos poucos ganharam força e legitimidade, na medida em que o fascismo chegou ao poder, encontrando seu ápice no Tratado de 1929 firmado com o regime.

Para Griffin, assim como para Eatwell, as duas ‘fês’, católica e fascista compartilhavam inimigos comuns, como o comunismo, o materialismo, o anarquismo, o judaísmo, o individualismo, elegendo-os como promotores da decadência social.¹⁶⁰

Na fala de Ermenegildo a seguir, é possível verificar alguns desses inimigos.

Nisto constituía uma novidade para os ingleses, quando se sabe bem que até mesmo em tempos normais, as mulheres tinham hábitos masculinos. Recordo que a moralidade e os bons costumes eram feitos todos ao avesso, mas com isto não se preocupava o clero anglicano, nem os chefes do povo britânico, porque na Inglaterra a corrupção era generalizada, e também um certo senso de amor livre.¹⁶¹

Quando escreveu a respeito do temor que sentia, ao pensar que a corrosão dos laços familiares se espraiasse pela Itália, o capelão evocava o mau exemplo da Inglaterra, que para ele tinha valores corrompidos. A desmoralização era sentida na participação das mulheres no mercado do trabalho, e no que denominou de “amor livre”.

O posicionamento de Ermenegildo era condizente não apenas com o fascismo no que se refere às mulheres, mas ao próprio catolicismo. Afirma Mann, quando relata a formação das organizações de mulheres fascistas que.

O fascismo recrutava muitas mulheres descrentes do feminismo centrado na questão do emprego que passou a dominar os movimentos feministas socialistas e liberais do Ocidente [...] O movimento precisava organizar as mulheres para controlá-las. Mas não desejava fazê-lo de forma coercitiva, e tratou de encaminhar o processo por meio de atividades sociais e ritualizadas. O fascismo homenageava as mulheres “reprodutoras da nação”, os “anjos do coração”. Atribuiu-lhes um papel na nação,

¹⁵⁸EATWELL, Roger, *Op. cit.*, p. 148.

¹⁵⁹GRIFFIN, Roger. *The Holy Storm: Clerical Fascism through the Lens of Modernism*. *Totalitarian Movements and Political Religions*, v. 8, n. 2, 2007, p. 213.

¹⁶⁰GRIFFIN, Roger. *Ibid.* p. 220.

¹⁶¹BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.*, p. 15.

não só em princípio, mas em cerimônias rituais comparáveis às da religião. A concordata com o papa permitiu ao movimento organizar cerimônias quase religiosas em homenagem às mães ou viúvas dos mártires fascistas e às mulheres que doavam suas alianças de casamento para fornecer ouro para a guerra na África.¹⁶²

Quando se refere à “moralidade e bons costumes”, Ermenegildo une numa mesma frase as duas forças necessárias na sua manutenção, a Igreja e o Estado. No caso inglês, o clero anglicano, e os “chefes do povo”.

Lancemos agora nosso olhar sobre as circunstâncias da captura do capelão no norte da África, o cotidiano prisional na Inglaterra, a estrutura organizacional desses campos de prisioneiros.

¹⁶² MANN, Michael. *Op. cit.* p. 141.

CAPÍTULO 2: A EXPERIÊNCIA PRISIONAL: DA ÁFRICA AO REPATRIAMENTO

“Combatentes de terra, de mar e do ar! Camisas negras da revolução e das legiões! Homens e mulheres da Itália, do Império e do Reino da Albânia! Escutem! Uma hora assinalada do destino ressoa no céu de nossa pátria. (*vivas aclamações*) A hora da decisão irrevogável. A declaração de guerra já foi consignada (*aclamações, gritaria alta de “Guerra, Guerra!”*) aos embaixadores da Grã-Bretanha e da França. Saímos em campo contra as democracias plutocráticas e os reacionários do Ocidente, que, em todo tempo, criaram obstáculo a marcha, e mesmo minado a existência do povo italiano.

Alguns anos da história mais recente se podem resumir nestas frases: promessas, ameaças, chantagens e, ao fim, como um coroamento do edifício, o ignóbil assédio societário de cinquenta e duas nações. A nossa consciência está absolutamente tranquila. (*Aplausos*).”¹⁶³

Com estas palavras Benito Mussolini declarou guerra aos Aliados no dia 10 de junho de 1940, e a Itália entrou na Segunda Guerra Mundial. O discurso considerava a adesão ao conflito algo essencial para o povo italiano, que humilhado pelas nações “plutocráticas”, agora tinha a chance de junto com a Alemanha nazista tornar-se protagonista no cenário europeu, e reaver-se da “vitória mutilada” da Primeira Guerra.

A multidão que estava diante do monumento dedicado a Vittorio Emanuele II, na Praça Venezia, conhecido como o “altar da pátria”, respondia com gritos de “*Guerra!*”. O capuchinho Ermenegildo não estava lá, até porque sua primeira visita à Roma aconteceu após ser repatriado, mas os gritos da multidão certamente ressoaram por toda a Itália. Para o historiador Tony Judt, a Segunda Guerra Mundial, foi o conflito com as maiores implicações de civis da história.

[...] a Segunda Guerra Mundial constituiu uma experiência *primordialmente* civil. O combate militar formal ficou restrito ao início e ao final do conflito. Entre esses dois momentos, a guerra foi caracterizada pela ocupação, repressão, exploração e pelo extermínio, em que soldados, tropas de assalto e policiais dispunham das rotinas e das vidas de milhões de prisioneiros. Em alguns países a ocupação durou quase todo o período da guerra; em todos onde se fez presente espalhou medo e privação.¹⁶⁴

Interessante perceber a reação das pessoas perante Mussolini. O sociólogo Pierre Bourdieu nos ajuda a compreender que a força de um discurso está menos em suas partes intrínsecas, ou seja, no conteúdo do que se é dito, do que na força mobilizadora que o

¹⁶³ MUSSOLINI, Benito. *Opera Omnia*: dal viaggio in Germania all'intervento dell'Italia nella Seconda Guerra Mondiale (1 ottobre 1937 – 10 giugno 1940). Firenze: La Fenice, 1959. p. 404-405. Tradução nossa. Parênteses e itálico da edição.

¹⁶⁴ JUDT, Tony. Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. p. 15-16. Itálico do autor.

exerce.¹⁶⁵ Nesse caso, não importavam precisamente as palavras proferidas pelo Duce, por mais impacto que elas pudessem trazer naquele momento. O simbolismo do cenário no qual se desenrolava, e a autoridade que a figura Mussolini se investia ao discursar, foram elementos que geravam aquele entusiasmo coletivo.

Milza diz que a maioria da população aspirava à paz.¹⁶⁶ Já Mussolini via a guerra e a experiência limite que ela traria, como a oportunidade de canalizar as energias dos italianos, que “espiritualmente” fortalecidos, dariam maior vivacidade ao regime. O conflito oferecia o dinamismo que o fascismo como “revolução permanente” necessitava, e acelerava o processo de construção do “homem novo”. Esse indivíduo que comporia a raça fascista, repleto de fibra, valentia, capaz de se anular para servir ao Estado, seria produto da guerra.

Desde a invasão das tropas nazistas na Polônia no dia primeiro de setembro de 1939, data que marcou o início do conflito, até a declaração do *Duce*, se passavam 10 meses, nos quais o povo italiano estava incerto sob os destinos do país. Marcada inicialmente pela estagnação dos participantes em 1939, em junho de 1940 época do discurso de Mussolini, a Alemanha já derrotara, Polônia, Dinamarca, Bélgica, e estava impondo uma velocidade desconcertante na invasão da França. Hitler chegou às portas de Paris em junho de 1940, e a rendição dos franceses seria completada em questão de dias.

A decisão de Mussolini de anunciar a guerra nessas circunstâncias tinha seu lado oportunista, pois o *Duce* a fazia num momento de inquestionável supremacia dos alemães. Por outro lado, o conhecido Pacto de Aço, assinado entre os dois países em 22 de maio de 1939, e que selou a união entre a Itália fascista e a Alemanha nazista, num dos artigos estipulava que no caso de uma guerra, ambos os aliados se levantariam contra os inimigos de alguma das partes envolvidas.

Segundo Milza, Mussolini hesitou em assinar o acordo, até porque as debilidades das forças armadas italianas faziam o país plenamente incapaz de enfrentar uma guerra antes de 1943.¹⁶⁷ Além disso, o líder italiano esgotou as possibilidades de um acordo com a Inglaterra, que, no entanto, não cedeu as suas pretensões colonialistas.

Para Hobsbawm a decisão de Mussolini de declarar guerra, resultou de “concluir erroneamente mas não sem razão, que os alemães tinham ganhado [...]”,¹⁶⁸ o historiador inglês defendeu ainda que uma negociação com a Inglaterra era possível, até porque Winston Churchill era “pró-italiano”. Na prática o que se verificou com o início da guerra por parte dos

¹⁶⁵ BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 3. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000. p. 183.

¹⁶⁶ MILZA, Pierre. *Op. cit.* p. 294.

¹⁶⁷ *Ibid.* p. 283.

¹⁶⁸ HOBBSAWM, Eric. *Op. cit.* p.157.

alemães foi um expansionismo e um ímpeto agressivo sem ligação com a lógica de apaziguamento da diplomacia inglesa.

Entre agosto de 1940 e junho de 1941 desenrolou-se a Batalha da Inglaterra, em que bombardeios nazistas infringiam milhares de mortes aos civis ingleses. Na impossibilidade de vencer os ingleses, em junho de 1941, Hitler deflagrou a maior operação da guerra até ali, com o ataque à União Soviética. 3,5 milhões de homens, 3.550 tanques e 5 mil aviões¹⁶⁹ foram mobilizados. O nazismo teria que lidar com uma guerra em duas frentes.

2.1 A CAMPANHA DO NORTE DA ÁFRICA E A CAPTURA

Um ano e meio depois do discurso do Duce, em novembro de 1941, Ermenegildo alistou-se no exército, tornando-se tenente capelão, e foi enviado para o norte da África, onde se desenrolavam batalhas cruciais na guerra. As tropas ítalo-alemãs pretendiam inibir a dominação das tropas Aliadas no solo africano, em parte na região que naquele momento formava o Império Colonial Italiano e Britânico. A vitória de qualquer um dos lados naquelas circunstâncias representaria uma mudança significativa nos rumos do conflito, e isso bem sabia Ermenegildo.

Do ponto de vista do Eixo, vencer selaria a hegemonia das tropas do general alemão Erwin Rommel, que comandava as divisões agrupadas na chamada *Afrikakorps*, cujo centro de operações estava no Magreb. Uma derrota das tropas ítalo-alemãs, deixaria o caminho livre para que os Aliados invadissem a partir do Mediterrâneo a Europa. Daí ser fundamental para os países do Eixo os combates travados ali.

Segundo seu sobrinho Otello, em março de 1942, Ermenegildo teve que retornar à Itália devido a um ferimento de granada no pé esquerdo. No hospital militar de Salsomaggiore Terme se recuperou e, passados cinco meses, retornou ao front de batalha na Líbia. Essa situação mostrou o comprometimento de Ermenegildo com o exército.

Os motivos que levaram Ermenegildo a engajar-se no conflito não são descritos por ele nas memórias de prisioneiro. Mas sabemos que sua personalidade foi marcada por um período de experiência no exército, uma vez que sua formação religiosa foi interrompida no ano de 1924 para a prestação do serviço militar. Otello, explica que frei Apollonio pretendia “confortar espiritualmente as tropas italianas”.¹⁷⁰ Não é difícil supor que o capelão

¹⁶⁹ GONÇALVES, Williams da Silva. *A Segunda Guerra Mundial*. In: FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge. ZENHA, Celeste (org). O século XX. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005, p. 178.

¹⁷⁰ BORTOLATO, Otello. *Op. cit.* p. 34.

compartilhasse o nacionalismo exacerbado dos tempos do fascismo, e que este desejo de conforto espiritual resumia à disposição do sacerdote de se dedicar à nação. Milhares sentiam a necessidade de se doar ao país, e isto essencialmente se confundia com defender o fascismo, uma vez que regime e nação se fundiam numa coisa só.

Particularmente nas batalhas do Norte da África, estava em jogo a sobrevivência da “Grande Itália” de Mussolini. Por mais que os soldados necessitassem de auxílios espirituais, um capelão certamente não estaria neutro em relação às implicações políticas de sua participação.

No momento em que Ermenegildo se recuperava dos ferimentos de granada entre março e agosto de 1942, a balança do conflito pesava favoravelmente para Rommel. No dia 18 de junho a divisão Trieste, a qual fazia parte o capelão, completou o cerco sobre a fortaleza da cidade de Tobruk.¹⁷¹ Neste momento o 8º Exército dos Aliados seguia na defensiva, moralmente abalado com a derrota de Tobruk. Os números revelam que na rendição da cidade, foram feitos 30 mil prisioneiros, 7 mil toneladas de águas, 3 milhões de rações, 3 milhões de litros de combustível, 130 mil projéteis e 2 mil veículos foram capturados pelas tropas ítalo-alemãs.¹⁷²

A vinda do general Bernard Law Montgomery, ao comando do 8º exército, marcou sem dúvida uma virada nas batalhas. O novo comandante tinha o objetivo de impor ânimo às tropas Aliadas. Vários fatores contribuíam para a recuperação Aliada, a superioridade da marinha britânica no Mediterrâneo, a aviação que sufocava a energia dos soldados do eixo, além de uma capacidade de transferência de equipamentos de guerra muito superior.

A pressão sobre Rommel aumentava na medida em que as tropas estendendo a dominação ficavam distantes dos locais de reposição de suprimentos localizados em Trípoli e Bengasi. Sujeitar El-Alamein marcaria o fim dos ingleses no Egito, seria o início da derrota dos Aliados no Norte da África, mas não seria fácil.

Em outubro de 1942, Rommel apostou numa guerra total, mas não conseguiu romper a barreira de El-Alamein. Com vitórias sucessivas de Montgomery, as tropas de Rommel recuaram. As batalhas só não se prolongaram porque a retirada tardou, Rommel obedeceu contra sua vontade, ordens expressas de Hitler, cuja determinação era permanecer ante El-Alamein, até a vitória ou a morte.¹⁷³

¹⁷¹ VÁZQUEZ, Juan. *As forças de Rommel estabelecem-se na Caldeira. In.: 70º aniversário da 2ª Guerra Mundial*, v. 18. 1941-1943: A Alemanha dá adeus ao Norte da África. São Paulo: Abril Coleções, 2009. p. 89-90.

¹⁷² VÁZQUEZ, Juan. *Op. Cit.* p. 92.

¹⁷³ BOCCA, Giorgio. *Storia d'Italia nella guerra fascista 1940-1943*. v. 2. Roma: Editore Laterza, 1977. p. 509.

O Eixo, no início de 1943, tinha apenas um décimo de sua força se comparado a 1941. A ofensiva conjunta de ingleses e norte-americanos, conquistou uma a uma as posições ítalo-alemãs, adentrando a Líbia e finalmente a Tunísia, onde a operação *Vulcan*, foi responsável em maio por atacar o setor de Enfidaville.¹⁷⁴ A capacidade de enfrentar uma guerra longa, foi o fator decisivo para a vitória dos Aliados.

É interessante confrontar essas informações com a fala de Ermenegildo, que naquele momento recordou tal recuo, e a penúria dos soldados do Eixo, que sem mantimentos e munição, viam as manobras do poderoso 8º Exército dos Aliados.

Justamente em Enfidaville foi capturado e disse:

No breve período de tempo que permaneci ali fiz a missa todos os dias com meu pequeno altar de campo perto da tenda dos alemães internados, que na sua maioria eram católicos. Depois de quatro dias o oficial médico do 65º batalhão de infantaria e eu fomos transferidos de automóvel para Susa, onde encontrei com as unidades militares capturadas em Enfidaville. Deste momento se pode dizer que começou a minha vida de prisão.

De fato eram dias verdadeiramente muito duros. Se dormia sob o solo nu, apertados um do lado do outro, em filas de vinte ou trinta, com somente uma coberta ou duas no máximo, reparamos o melhor que pudemos os poucos cobertos das barracas, que os soldados ainda puderam salvar das mãos de rapina dos ingleses no momento da captura.¹⁷⁵

O capelão presenciou a grande virada do conflito em favor dos Aliados. Entre janeiro e maio de 1943, o Eixo fez uma retirada de 2.500 km em direção à Tunísia. Seu relato deu conta de como a situação da *Afrikakorps* era caótica. Logo em seguida a captura em Enfidaville, Ermenegildo foi transferido para Susa e outros campos de prisioneiros como poderemos observar no mapa da próxima página.

Ao pensar na figura de um capelão militar, evidentemente vários fatores o distinguem dos demais soldados e oficiais, a começar pelas funções que desempenha um tenente capelão. O capelão confrontado com os sofrimentos e penúrias da guerra evoca a figura de mártires e santos, que a semelhança de Cristo, sofriam no próprio corpo as injustiças, os ferimentos da batalha, a fim de obter o perdão dos pecados. Entregar-se voluntariamente para o sofrimento, para a ajuda dos demais, enfrentar terríveis provações, aproxima-se muito do ideal cristão.

¹⁷⁴ VÁZQUEZ, Juan. *Op. Cit.* p. 134.

¹⁷⁵ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. Cit.* p. 2.

MAPA 2 – ITINERÁRIO DE ERMENEGILDO EM CAMPOS NO NORTE DA ÁFRICA



FONTE: Elaborado pelo autor.

Um capelão torna-se o integrante capaz de inspirar confiança nas tropas mais desacreditadas, se espera que esteja presente nas situações de maior necessidade, seja na ajuda aos feridos, no enterro dos mortos, na diplomacia diante de soldados insubordinados, assim como na “ação de graças” diante das vitórias. Sem dúvida, o capelão se torna um elemento chave na engrenagem da guerra. Se a morte faz parte da guerra, o capelão é aquele que mais perto se encontra dela. Confissão e extrema unção são os sacramentos corriqueiramente ministrados por ele.

Segundo Samuele Montalbano, o exército italiano instituiu em 12 de abril de 1915 através de uma circular do chefe do Estado Maior, general Cadorna, a função do capelão militar católico. A circular determinou a presença de ao menos um padre por regimento, cujo objetivo “era manter a ordem e reforçar o senso de dever nos soldados”. No curso da Primeira Guerra eram 2.700 capelães, que recebiam a graduação de tenente.¹⁷⁶ Após a guerra o corpo de capelães é desmobilizado e em 28 de outubro de 1922 o rei Vitorio Emanuel III decreta o fim da capelania militar.

Somente em 1926, Mussolini instituiu o Ordinariato Militar. Os padres católicos começam a tomar parte efetiva das forças armadas e das milícias fascistas agora inclusive nos períodos de paz. Por ocasião da Guerra da Abissínia e da Guerra Civil Espanhola na década de 1930, 400 capelães foram mobilizados.¹⁷⁷

¹⁷⁶ MONTALBANO, Samuele. *Ermanno Rostan: cappellano militare Valdese 1940-1943*. Torino: Claudiana, 2005. p. 20.

¹⁷⁷ Ibid. p. 24.

A condição de capelão é dual. Se por um lado exerce as funções religiosas para as quais foi formado, está inserido num ambiente de acirramento político. O desafio do capelão é a separação de tais dimensões. Quando na prisão, os capelães eram vigiados pelo comando dos campos de prisioneiros. Isso demonstrou o quanto tais homens estavam comprometidos não apenas com o campo teológico, mas aos olhos dos ingleses, com o campo político. Ermenegildo dá o tom desta desconfiança na sua fala.

No dia oito de fevereiro o capitão intérprete veio ao campo para comunicar a nós três capelães, que não era conveniente permanecer por longo tempo no campo em contato com os soldados, e que seríamos transferidos para a enfermaria com junto com os oficiais médicos Rolla e Clivi, os quais ficaram felizes em acolher-nos, até porque sabiam que no campo nós estávamos muito mal, talvez pior que os soldados estávamos com fome por muitos dias.¹⁷⁸

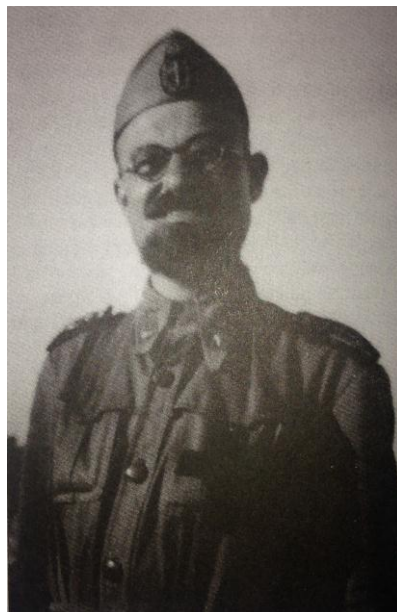
No entendimento do cientista político Mimmo Franzinelli, podemos identificar três correntes de clérigos militares. Os estritamente *empenhados no sacerdócio*, onde cita o exemplo do capelão Giacomo Vender, cujos relatórios ao Ordinariato Militar não continham opiniões políticas. Os *patriótico-nacionalistas*, e por fim os *fascistas*, estes últimos exemplificados pelo irmão Juniper, que nas missas exaltava o valor das armas, a figura de Mussolini, e para quem a religião era um instrumento para conquistar a vitória.¹⁷⁹

Essa concepção de entrega do capelão Ermenegildo ao seu regimento, a recusa de desistir do conflito depois do ferimento em 1941, e obviamente seu discurso voltado à dimensão política, são fatores que nos levam a aproximar Ermenegildo da categorização de capelão *patriótico-nacionalista*, sua atuação era condizente com a posição de tenente. Por estar mais inclinado a conversar com os oficiais que não obedeciam às regras impostas pelos ingleses, Ermenegildo mostrava a lealdade esperada de um oficial, estava incutido nele o sentimento de dever demandado por seu posto. Apesar de muitos de seus posicionamentos como vimos, apresentarem tendências fascistas, ele não instrumentalizava a religião para propagandear o regime, ou mesmo exaltar as armas ou a violência, pelo menos isto depreendemos de seu discurso. Apesar disso Ermenegildo era sim um nacionalista radical. Na definição mais negativa que possa carregar o termo, para um clérigo significava compactuar e defender uma forma excludente e violenta de entender o mundo.

¹⁷⁸ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. Cit.* p. 58.

¹⁷⁹ FRANZINELLI, Mimmo. *La religione castrense tra ammortizzazione e legittimazione della violenza bellica.* L'impegno. n. 2. ago. 1995.

FIGURA 4 – O CAPELÃO ERMENEGILDO EM 1942 EM SALSOMAGGIORE TERME.



FONTE: Museu Ermenegildo Bortolato, Rio das Antas – SC.

No início de suas memórias, Ermenegildo, contou a fuga de Annaba na Argélia, e as mentiras diante de um soldado inglês, se passando por colono francês. Seu objetivo era caminhar até o Marrocos Espanhol, a cerca de 1.000 km dali, e quem sabe escapar via Espanha. Interpelado pelo soldado inglês, Ermenegildo acabou sendo novamente enviado ao campo.

Somos tentados a buscar nos indivíduos constância, linearidade nas ações que pautam suas vidas. Sabemos ser isto uma ilusão, que se mostra ainda mais evidente num ambiente de guerra. Qualquer tentativa de explicação lógica, ou atribuição de constância nas ações de um soldado, escapam do *ethos* de uma guerra.

Como um ambiente de “vale-tudo”, a guerra inverte padrões, suprime regras, e transforma indivíduos que até então seguiram estritos na obediência, a se tornarem contraditórios e indisciplinados.

No dia 31 de julho finalmente a bordo do navio holandês Vollendam com outros 2.500 prisioneiros, Ermenegildo foi mandado à Inglaterra como prisioneiro de guerra. O capelão foi enviado para o país com a maior capacidade instalada para receber os prisioneiros. Os ingleses possuíram mais de mil campos de prisioneiros durante o conflito, atingindo cerca de 400 mil presos do Eixo, nos períodos de pico.

O maior número de italianos capturados e levados para a Inglaterra ocorreu durante a Batalha de El-Alamein,¹⁸⁰ e nas batalhas sucessivas com a dominação da Tunísia. O objetivo de enviar esses prisioneiros, segundo o geógrafo Anthony Hellen, era serem utilizados principalmente como mão-de-obra na agricultura.¹⁸¹ Esse número substancial de campos é explicado, não apenas pelo número de presos, mas pelo fato de os prisioneiros poderem se afastar das instalações apenas por três milhas de distância até os locais de trabalho, realizado quase totalmente na agricultura. Os campos possuíam entre 500 e 1000 prisioneiros cada,¹⁸² e se espalhavam por toda a Inglaterra.

Entre fevereiro de 1942 e junho de 1944, a população de italianos prisioneiros enviados para trabalhos forçados na Inglaterra, saltou de 28.000 para 108.246.¹⁸³ Fato que demonstra que não eram tão indesejados, e sim essenciais no esforço de guerra inglês.

Em 1943 com a destituição de Mussolini, e a posterior rendição da Itália na guerra, a situação dos prisioneiros mudou consideravelmente, pois nos campos se instalou duas categorias de prisioneiros: os cooperadores, e os não-cooperadores. A tensão se instalou nos campos, pois essa categorização era imposta pelos ingleses, não sendo prevista na Convenção de Genebra de 1929, a qual falaremos adiante, e que delimitou as primeiras diretrizes a respeito do tratamento dos prisioneiros de guerra.

Segundo Ermenegildo, logo que o campo 92 passou pela divisão, surgiram rixas entre os dois grupos, apesar de os não-cooperadores serem minoria. Afirma Ermenegildo: “Eu reporte a situação ao comando inglês e disse que deveria existir uma divisão entre as duas partes, colocando-os em lugares separados, esse era um dever.”¹⁸⁴

2.2 O DILEMA DA COLABORAÇÃO

Em setembro de 1943, quando a Itália tornou-se oficialmente parte das forças aliadas, segundo o artigo 75 da Convenção de Genebra de 1929, o repatriamento deveria ser realizado o mais rápido possível, salvo prisioneiros sob processo ou condenados por crimes.¹⁸⁵ Mas na prática isto não ocorreu.

¹⁸⁰ THOMAS, Roger J. C. Prisoner of War Camps (1939-1945). Twentieth Century military Recording Project. English Heritage, 2003. p. 5.

¹⁸¹ HELLEN, J. Anthony. Temporary settlements and transient populations the legacy of Britain's prisoner of war camps: 1940-1948. *Erdkund*, Band 53, 1999. p. 199-219. p.192.

¹⁸² Ibid. p. 198.

¹⁸³ Ibid. p. 194.

¹⁸⁴ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. Cit.* p. 48.

¹⁸⁵ CONVENÇÃO RELATIVA AO TRATAMENTO DOS PRISIONEIROS DE GUERRA. Genebra, 27 jul. 1929. Disponível em: <https://ihl-databases.icrc.org/ihl/INTRO/305?OpenDocument> Acesso em: 20 jan. de 2016.

Para a Itália como uma nação cobeligerante a questão dos prisioneiros de guerra passou a ser o tema central na política externa. Segundo Conti, os ingleses possuíam 397.916 prisioneiros italianos, os norte-americanos 124.251 e os franceses 37.500.¹⁸⁶ Como um país aliado da Inglaterra, dos EUA e da França poderia possuir milhares de prisioneiros “aliados” no seu território? Sem dúvida a situação jurídica dos prisioneiros era ambígua.

Conti afirma que Pietro Badoglio, primeiro-ministro provisório da Itália, e um dos responsáveis pelo tratado de paz, tentou costurar soluções para o impasse, não aceitando qualquer acordo que não revogasse o status dos soldados italianos como prisioneiros de guerra, e não permitisse o repatriamento gradual dos mesmos.¹⁸⁷ Para Badoglio, uma solução para a questão dos prisioneiros seria uma notável vitória política, diante de milhares de famílias italianas com parentes presos.

O objetivo dos Aliados era utilizar os prisioneiros como mão-de-obra barata incluindo-os no esforço de guerra. Para isto os ingleses propuseram a revogação do artigo 31 da Convenção de Genebra, segundo a qual.

O trabalho feito por prisioneiros de guerra não pode ter qualquer relação direta com as operações da guerra. Em particular, é proibido empregar prisioneiros no fabrico ou transporte de armas ou munições de qualquer natureza, ou no transporte de matérias destinadas a unidades combatentes.¹⁸⁸

Para Ermenegildo a colaboração dos prisioneiros era na maior parte das vezes forçada.

Na tarde do mesmo dia o capitão De Borg veio ao campo pedir outros prisioneiros voluntários, que se apresentassem ao trabalho para o Comando Britânico. O resultado foi menos feliz ao daquela manhã. Ninguém se moveu. O comandante inglês, sem protelar nem mesmo uma hora, comunicou por meio do oficial intérprete que todo o campo seria punido com “pão e água” por dois dias.¹⁸⁹

Hellen estima que entre 1944 e o final da guerra os italianos cooperadores nos campos saltaram de 56.166 para 118.000.¹⁹⁰ Pelo relato de Ermenegildo percebemos que esses números de colaboradores não existia pela convicção dos presos, mas sim para receberem melhores tratamentos.

A embaixada italiana na Inglaterra dirigida por Nicolò Carandini, segundo o capelão, criou uma fórmula para que todos os prisioneiros não-cooperadores se tornassem

¹⁸⁶ CONTI, Flavio Giovanni. Op. cit. p. 63.

¹⁸⁷ Ibid. p. 76.

¹⁸⁸ CONVENÇÃO RELATIVA AO TRATAMENTO DOS PRISIONEIROS DE GUERRA. Op. cit.

¹⁸⁹ BORTOLATO, Ermenegildo. Op. Cit. p. 157.

¹⁹⁰ HELLEN, J. Anthony. Op. Cit. p.198.

cooperadores aos olhos dos britânicos. Eles assinariam um documento reconhecendo o governo italiano provisório do antigo general fascista Pietro Badoglio, e agora aliado da Inglaterra. Porém no documento nada constava a respeito da colaboração, e muitos assinavam pela colaboração, mesmo não sabendo.¹⁹¹

Ermenegildo também apontou a coerção das autoridades britânicas, e a pressão do governo italiano aliado dos ingleses na “conversão” dos soldados.

O comandante Monechi, previa que a represália dos ingleses seria violenta contra os soldados, que não aceitassem a cooperação. Junto com capelão militar D. Cavaliere, tentou persuadir os nossos prisioneiros, para que aceitassem o convite do Conde Carandini. Eles diziam: “Se vocês não aceitarem a COOPERAÇÃO estarão contra o governo italiano e contra os ingleses, e quem então poderá salvá-los, não haverá ninguém para defendê-los.” Veio para tanto uma declaração de COOPERAÇÃO, que todos os oficiais deveriam subscrever, com exceção de dois ou três: o tenente Graff, eu, e creio o tenente médico Chilesotti.¹⁹²

O capelão também expressou sua posição diante do tema. Nessa longa e emblemática passagem de suas memórias, Ermenegildo exprimiu o quanto seguia decidido.

Diversos oficiais, que tinham certa intimidade comigo, tentaram me persuadir para aceitar a COOPERAÇÃO, queriam demonstrar que eu não estaria apenas contra os ingleses, mas também contra o governo italiano, o qual havia falado por meio de um representante. Estes me diziam também: “Você deve parabenizar os ingleses que podendo nos perseguir e dar um chute no nosso traseiro, depois de todo o incômodo que causamos a eles, agora se colocam em nossa porta convidando-nos a COOPERAREM COM ELES. Esta COOPERAÇÃO é o único meio de salvação para a Itália”. Mas eu estava irremovível em minhas convicções: “São todos MENTIROsos! NÃO É OUTRA COISA SENÃO UM GRANDE ENGANO, que é urdido por aquele que gosta de chamar-se EMBAIXADOR ITALIANO EM LONDRES. Se o Conde CARANDINI quisesse verdadeiramente se interessar por nossa condição de prisioneiros, devia falar sobre a repatriação, devia PROTESTAR diante do COMANDO INGLÊS para cessar a infâmia da “33” [...] Eu dizia àqueles que me referiam tais coisas, para ver qual a impressão que produzia, que uma vez partindo para a guerra havia contado de morrer combatendo os ingleses; pela vontade de Deus, isso não ocorreu, mas estava disposto a permanecer PRISIONEIRO por toda a vida do que aceitar a COOPERAÇÃO com os ingleses.”¹⁹³

Para o capelão, o governo italiano “lavava as mãos” com relação aos prisioneiros, uma vez que cooperando, os ingleses poderiam utilizar os mesmos para diversos trabalhos, pois suprimia-se o artigo 31 da Convenção, que proibia qualquer prisioneiro de realizar “trabalhos bélicos”. Esse interesse na questão da colaboração marcou do início ao fim as memórias de Ermenegildo.

¹⁹¹ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. Cit.* p. 224.

¹⁹² *Ibid.* p. 231.

¹⁹³ *Ibid.* p. 232.

Nas primeiras páginas de seu livro de memórias, observamos um Ermenegildo comprometido com suas atividades de capelão. “Celebrava uma missa rápida de manhã, diante dos oficiais”,¹⁹⁴ dizia ele.

O capelão observava o número de soldados que participavam das missas. Segundo ele, “trinta ou quarenta de um total de oitocentos”, frequentavam as missas no campo 92, com o pároco Whyman, de Tiverton.¹⁹⁵ O clima de desconfiança entre os soldados era alto, porque pensavam que o pároco inglês poderia ser um informante do Serviço de Inteligência britânico, Ermenegildo relatou que os presos se sentiam mais a vontade com os capelães italianos.

Um destes uma vez confidenciou a mim que não iria mais a missa celebrada pelos padres católicos ingleses, porque no final da missa ao invés de rezar como nós, com três Aves Maria, com orações adequadas, os ingleses faziam uma oração para o seu próprio império. “Possível, disse eu, que façam tal oração! Eu não estive atento. Ou se a fazem, a fazem privadamente, mas na missa eles devem fazer como fazemos nós.” Mas o prisioneiro dizia o contrário. “Sabe me dizer, quando faziam esta oração que palavras usavam?” “No final da missa, depois da Salve Rainha, num certo ponto diziam: Oremos, acrescentavam: Imperi... Imperio... Imperium... Qualquer coisa similar a isso”. “Ah, entendi! Mas isto não significa de qualquer modo Império ou Domínio Inglês. São palavras das orações que nós também fazíamos: Imperet illi Deus. São palavras de invocação de ajuda de Deus contra Satanás e os anjos rebeldes seus sequazes.”¹⁹⁶

Observando a falta de um lugar apropriado para as celebrações, em agosto de 1943, Ermenegildo fez a proposta ao comandante inglês do campo 92 de construírem uma capela. Sua proposta é aceita e quatro ajudantes são remanejados de seus trabalhos que eram realizados nos arredores do campo. Depois de um mês e meio a construção da capela foi concluída.

FIGURA 5 – ALTAR CONSTRUÍDO ENTRE AGOSTO E OUTUBRO DE 1943



FONTE: Museu Ermenegildo Bortolato, Rio das Antas – SC

¹⁹⁴ Ibid. *Op. Cit.* p. 17.

¹⁹⁵ Id.

¹⁹⁶ Ibid. p. 20.

Até o momento da construção da capela os conflitos são contornados, e até existia um consenso a respeito das regras nos campos. São rememorados por Ermenegildo o pároco Whyman, e o oficial Lacombe, ambos ingleses exemplos de seriedade e humanidade.

Deste ponto em diante, porém, a tônica do discurso de Ermenegildo, será de críticas profundas a tudo que se referisse aos ingleses ou a Inglaterra. A construção da capela foi um ponto de ruptura em seu discurso. A insistência dos guardas ingleses, para que ele cobrasse para a realização de atividades religiosas, gerou revolta no capelão.

Até então um fator preponderante que era a participação das missas e a espiritualidade dos prisioneiros deixará de ser o eixo de suas preocupações, que passarão a ser fundamentalmente a política. Como é exposto abaixo, a ruptura foi selada.

Daquele dia ou melhor daquela hora que ele sentiu sair da minha boca aquilo que para ele parecia pior que heresia, ou seja, que a Inglaterra tinha um modo bárbaro de colonizar, não deixando aos povos a eles sujeitados aquela liberdade prometida oportunamente; sufocando no sangue e no modo mais cruel os meios de insurreição e independência; deixando quase abandonados imensas extensões de seu território, que poderia acolher, dando aos trabalhadores possibilidade de vida, a centenas de milhares de braços.¹⁹⁷

O capelão pôs às cartas na mesa. No início da escrita, ele deu a impressão de estar observando de longe as discussões, mas passou a participar ativamente das querelas políticas, dos desentendimentos entre os presos, se tornava um conciliador, mas sempre pronto para ouvir os presos não-colaboradores. Daí em diante até o final do relato, seguiu a mesma tendência. Percebemos que sobressaía no seu relato a voz dos que se insurgiam contra aquela realidade.

Quando se referia à religião, a partir desta “quebra”, sempre a utilizava para criticar o modo de vida dos ingleses. A religião desempenhava um papel que até então inexistia nas suas memórias. Do “conforto espiritual”, a religião transformou-se numa ferramenta de crítica e enfrentamento.

Um ponto a se destacar é a maneira do capelão identificar a si mesmo. Se por um lado seu nome de batismo era Ermenegildo, com a ordenação surge Apollonio¹⁹⁸ nome escolhido por ele para o “novo” batismo, e que o entronizou ainda jovem na vida religiosa.

¹⁹⁷ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. Cit.* p. 24.

¹⁹⁸ Santo Apolonio, inspiração de Ermenegildo para a escolha do nome, foi um senador romano, e mártir cristão do século II. Aproximadamente no ano de 185, ante a recusa de abnegar a condição de cristão, foi sentenciado à morte, tendo sua cabeça decepada.

Bourdieu lança uma discussão a esse respeito, se referindo ao nome próprio como uma forma de dar constância e totalidade ao “eu”, em outras palavras, designar um nome delimita um papel social, uma forma de agir sobre o mundo. Nas palavras do autor:

Por essa forma inteiramente singular de *nominação* que é o nome próprio, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como *agente*, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis.¹⁹⁹

Essa alteração de nome, que já apontamos, marca simbolicamente para o religioso, uma mudança de postura frente à vida, e a sociedade, e certamente a semelhança do nome escolhido, estimula a criação de um novo projeto, a busca da santificação. Curiosamente não é Apollonio que assina as memórias, é sim Ermenegildo.

Grafar Ermenegildo significou a negação de pautar suas memórias sob a ótica religiosa. Assinalou a escolha, de revestir-se com a identidade que melhor lhe coubesse naquele momento. Quem escrevia era o Ermenegildo patriota, que denunciava os maus-tratos contra os italianos. Como Ermenegildo, poderia falar “coisas que pareciam piores que heresia”.²⁰⁰

Esse deslocamento da preocupação espiritual, como nos referimos ainda a pouco, para críticas contundentes da sociedade inglesa e seus costumes, foi diretamente proporcional ao fato de que no dia a dia, passou a crescer nele a revolta contra o sistema prisional. Em suma, a relação com os guardas e oficiais ingleses ficou tensa. O Apollonio foi dando espaço ao Ermenegildo.

Provocações segundo o padre passaram a ocorrer. No campo 92, todos os meses projetavam um filme, mas um deles mostrava o bombardeio da Sicília e da Calábria, e isto gerou nas palavras do capelão um “pandemônio” no campo. O clima tenso era relatado por Ermenegildo, um exemplo foi a destituição das funções do padre Forfori, um franciscano, que dava aulas para cerca de 200 prisioneiros, de um total de 800, o motivo foi hastear uma bandeira com o fascio.

O sargento Coidan era um franco entusiasta do pe. Forfori, inclusive o chamava de seu caro padre e o considerava um modelo, sem ofender nenhum dos outros. Mas quando soube que o mesmo padre não queria cooperar com os ingleses e que viu no

¹⁹⁹ BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191. p. 186. Itálico do autor.

²⁰⁰ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. Cit.* p. 24

seu altar de campo uma bandeira tricolor com o brasão do fascio no centro, a padre Forfori se transformou num diabo negro, como eu e os outros.²⁰¹

Tais exemplos evidenciam como os prisioneiros, mesmo distantes dos centros de produção dos discursos do fascismo, e privados das condições desta produção, faziam o possível para afirmar suas convicções, nem que para isto sofressem as consequências. Segundo Ermenegildo, os soldados italianos eram repreendidos pelos oficiais ingleses, porque faziam a saudação fascista, mas o capelão fez notar ao oficial, que aquela saudação era proveniente da Roma Antiga, e que convenções internacionais permitiam seu uso. Os prisioneiros que não obedeciam às ordens, tinham como resultado a punição de 48 horas com pão e água e a proibição de sair e fumar.

“Vejo, disse, que o campo concordou em desobedecer aos meus comandos. Portanto amanhã de manhã todo o campo será punido com pão e água por 48 horas. Fica proibido fumar e realizar passeios externos, com exceção de uma hora ao dia, que será em seguida fixada. Outras disposições particulares serão orientadas por escrito e expostas em uma tabela.”²⁰²

Percebe-se no caso do capelão Forfori, mas também na saudação, que uma “consagração” ao fascismo, seguia existindo entre os presos, mesmo que submetidos à disciplina e a retaliações severas como as expostas.

Para Pierre Bourdieu, esses símbolos externos indicam que o sujeito crê e deposita uma potência mágica, uma fé²⁰³ numa causa, que legitimada pelo grupo, resulta nessa resistência. Bourdieu discute que a entrega incondicional ao partido, equivale ao que chama de *desapossamento*.

O conceito de *desapossamento* ajuda a compreender que o indivíduo faz uma delegação irrestrita de seu próprio ser, se privando de suas vontades, de si mesmo, e se subordina à causa, naquele momento, o fascismo.

Tal era o ambiente característico dos campos de dos prisioneiros de guerra. Mesmo apartados da participação política efetiva. Sem os meios com os quais podiam agir, opinar, sem os recursos, ou opções, ou mesmo a quem recorrer, eles se ligavam ao passado de glória do regime. Em Ermenegildo esse desapossamento ocorreu na medida em que o relato tomou forma. As missas não deixaram de existir, mas no relato, foram substituídas pelas denúncias, e pela resistência, ao não colaborar com os ingleses.

²⁰¹ Ibid. p. 40

²⁰² Ibid. p. 99-100.

²⁰³ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000. p. 188.

Evidentemente a vida nos campos de prisioneiros era difícil. O tratamento dispensado pelos ingleses aos seus inimigos não era cordial ou amistoso, e ainda pior se levarmos em conta os campos de prisioneiros alemães.

Já em 1940 os alemães despejavam suas bombas sobre o país. A tentativa de enfraquecer os ingleses na Batalha da Inglaterra, caracterizada principalmente pelos bombardeios noturnos das cidades, persistiu durante todo o conflito. Os prisioneiros alemães sofriam represálias, pois eram os inimigos mais próximos.

Na viagem em que foi transferido em maio de 1944, do campo 92 para o campo 4 de Darlington, o capelão fez referência as investidas alemãs. Nos escombros dos recentes bombardeios da força aérea alemã:

Víamos numerosos cartazes de todos os tamanhos, mensagens a respeito de anúncios industriais e propaganda de guerra. Nestas últimas era representado o mapa da Alemanha, em negro, suas principais cidades, desenhadas com grossos pontos vermelhos eram atacadas por quadrimotores ingleses; e também nos cartazes se podia ler: Germany will pay. (A Alemanha pagará). Com os oficiais ingleses trocávamos poucas palavras: “Esperamos que a guerra acabe logo” diziam aqueles, “porque é um flagelo para todos”.²⁰⁴

Tais saídas são lembradas pelo capelão, e ensejavam no discurso comentários preconceituosos. O capelão descrevia longos relatos das diferenças entre o catolicismo romano e o anglicanismo, como quando fala do tratamento do corpo depois da morte. Talvez a guerra tenha tornado o capelão insensível, isto pode explicar o descaso com as condições do país, com os sofrimentos dos ingleses. Eram mais frequente debates a respeito de questões doutrinárias, litúrgicas entre os capelães, que com a desumanidade da guerra.

No que se refere às atrocidades nazistas, por exemplo, o historiador Paul Johnson nos ajuda a compreender essa contradição. Para ele parte do alto clero se mostrava indiferente em questões que pediam urgência e protesto.

Quando os bispos condenavam as “mortes”, como faziam vez por outra, não empregavam termos como “judeus” ou “não-arianos”, e nunca deixavam claro o que realmente estavam chamando de pecaminoso. Assim os católicos envolvidos nos processos de extermínio nunca foram alertados especificamente por seu clero de que estavam fazendo algo errado. O argumento é acadêmico, já que eles já deviam saber disso. A Igreja excomungava católicos que determinassem em testamento que desejavam ser cremados, ou que tomassem parte de duelos; todavia, não os proibiu de trabalhar nos campos de concentração nem nos de extermínio.²⁰⁵

²⁰⁴ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. Cit.* p. 76-77.

²⁰⁵ JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 597.

Aparentemente essa recusa do capelão de relatar a situação que se encontrava o país, a falta de empatia com o povo inglês não era restrita a ele, mas estendia-se entre os capelães, e sem dúvida em boa parte do clero católico romano do período.

2.3 OS CAMPOS DE PRISIONEIRO DE GUERRA DA INGLATERRA

Durante o período em que esteve preso Ermenegildo passou por diversos campos na Inglaterra (mapa página 85). Traçamos um paralelo entre suas descrições²⁰⁶ e dados obtidos num estudo do pesquisador inglês Roger Thomas.²⁰⁷ Obtivemos correspondência entre seus relatos em praticamente todos os campos de prisioneiros listados pelo autor, com exceção do quarto campo, que o capelão relatou se localizar na Escócia Meridional.

Seu relato praticamente se concentra em dois campos, o número 92, e o número 175. No dia 1 de junho de 1944 Ermenegildo foi transferido para o campo 44, no qual permaneceu apenas alguns dias. Segundo Hellen, os prisioneiros italianos foram transferidos do campo 44 em julho, uma vez que o mesmo foi ocupado por prisioneiros alemães. Ermenegildo relatou que no momento de sua transferência entre o campo 92 e o campo 44, tentou levar uma “capelinha”, mas foi desautorizado.

Inclusive disse que o comandante do campo estava ciente por meio de que uma carta, que ele era desordeiro.

“O comandante lhe quer imediatamente.” Por sorte o barbeiro estava terminando de passar a navalha. Levantei-me rapidamente e segui o oficial inglês. “Mandeí lhe chamar por três vezes me disse o comandante inglês por meio do interprete. Por que não se apresentou imediatamente?” “Senhor major, tardei alguns minutos porque não sabia se gostaria de ver-me com a barba pela metade ou por fazer. Se você falou, não haveria de descontentá-lo. Com tom arrogante continuou: “Sem conversa fiada. Tem uma carta sobre você, escrita pelo comandante do campo 92, a qual diz que você instigou revolta no campo 92 e deu incômodo ao comandante. Você é em suma um agitador e causador de problemas”.”²⁰⁸

Reproduzimos abaixo, o campo 44 do trabalho de Hellen. Na figura, podemos observar que o campo contava com assistência hospitalar, campo de futebol, sala de

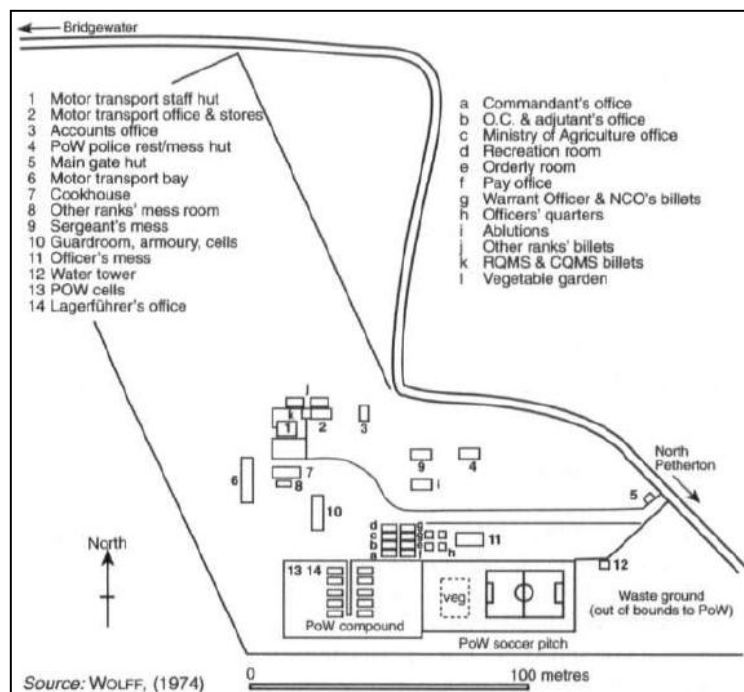
²⁰⁶ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. Cit.* p. 189-190.

²⁰⁷ Cf. THOMAS, Roger J. C. *Op. cit.*

²⁰⁸ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. Cit.* p. 73.

recreação, e toda uma estrutura burocrática. Apesar de inexistir no esquema, Hellen cita que neste campo havia inclusive a capela descrita pelo capelão.²⁰⁹

FIGURA 6 – GOATHURST CAMP, SOMERSET.



FONTE: HELLEN, J. Anthony. *Op. cit.* p. 210.

No esquema do campo de prisioneiros, observamos a adequação com as determinações da Convenção de Genebra de 1929. O artigo 4 determinava que a potência detentora deveria zelar pela saúde física e mental dos prisioneiros, e o artigo 10, exigia instalações higiênicas e salubres. Mesmo o historiador italiano Flávio Conti, que não escondeu certa inclinação pelas condições dos prisioneiros italianos, admitiu que os campos ingleses eram satisfatórios. Segundo o autor, tanto no discurso elogioso do embaixador Nicolò Carandini, quanto para os prisioneiros:

Até mesmo no período que antecede ao armistício, notícias contidas nas correspondências dos prisioneiros da Inglaterra davam conta dos bons tratamentos dispensados pelos ingleses. Em março de 1942 se faziam elogios s refeições diárias nos campos da Inglaterra, assim como em julho de 1943 se falava do bom tratamento recebido naquele país.²¹⁰

²⁰⁹ HELLEN, J. Anthony. *Op. cit.* p. 210.

²¹⁰ CONTI, Flavio Giovanni. *I prigionieri di guerra italiani 1940–1945*. Bologna: Il Mulino, 1986. p. 292. Tradução nossa.

Não sabemos até que ponto as cartas elogiosas desses prisioneiros expressavam de fato a realidade dos campos, porque as correspondências eram censuradas. Já nas memórias de Ermenegildo percebemos que o capelão não expressou comentários favoráveis.

Eu disse que detinham o envio das correspondências, mas é melhor dizer que IMPEDIAM qualquer comunicação por cartas com qualquer pessoa. Isto me ocorreu, de todas as correspondências e cartões expedidos durante a minha prisão não PUDE MAIS SABER onde foram enviadas afinal, do mês de maio de 1943 a março de 1946. Escrevi muitas vezes para minha família e também para o Superior da Província Veneta dos Capuchinhos, reclamei a Cruz Vermelha Internacional, ao Delegado Apostólico. Não tive mais nenhuma RESPOSTA antes de março de 1943. Apenas repatriado, soube que de toda a minha correspondência tinha chegado apenas o PRIMEIRO cartão, que como prisioneiro expedi da África em primeiro de junho de 1943, de todo o restante nenhuma outra notícia foi entregue.²¹¹

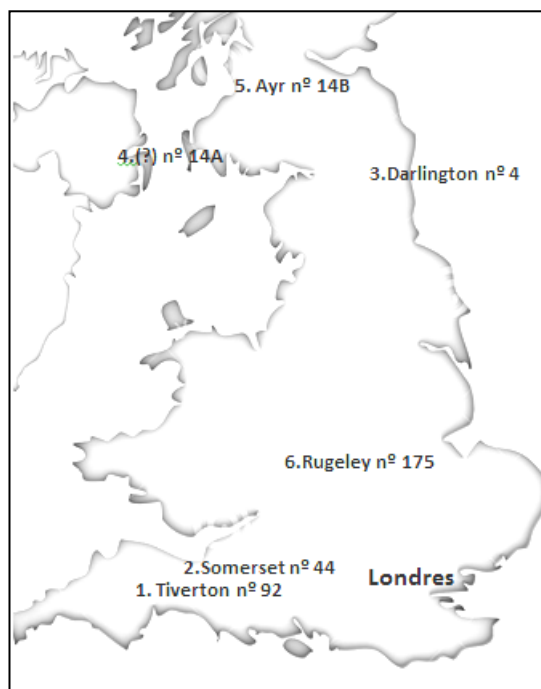
Para nossa localização, e entendimento da dinâmica por trás dos deslocamentos de presos temos o itinerário completo de Ermenegildo. Até maio de 1944 ficou no Bampton Road Camp, nº 92 em Tiverton. Depois foi enviado ao Goathurst Camp, Goathurst, Bridgewater, nº 44, em Somerset. De julho a setembro de 1944, ficou no Windlestone Hall Camp, Rusheyford, Darlington, nº 4, em Durhan. Foi levado então para o Campo 14 A em Cunnock (?), cujo nome não encontramos correspondência na pesquisa de Roger Thomas, mas provavelmente seja o Holywood Camp, Belfast, nº 172.

Em outubro é mandado ao Campo 14 B em Ayr, a 20 Km ao sul de Glasgow, e finalmente a partir de 31 de janeiro de 1945 para o Flaxley Green Camp, Stilecop Field, Rugeley, nº 175, em Staffordshire, onde permaneceu até agosto de 1946.

O capelão passou por 6 campos de prisioneiros na Inglaterra. Tais mudanças não eram comuns para a maior parte dos prisioneiros. Percebemos que entre os capelães, os deslocamentos eram frequentes. Acreditamos que a lógica das autoridades inglesas nessa rotatividade, era impedir que os padres estabelecessem laços muito estreitos com os presos.

²¹¹ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. Cit.* p. 272. .

MAPA 3 – ITINERÁRIO DE ERMENEGILDO NOS CAMPOS DA INGLATERRA



FONTE: Elaborado pelo autor.

De fato, os dois campos com os quais Ermenegildo permaneceu mais tempo, eram destinados aos soldados não colaboradores. O capelão conta que o comandante do campo 175, reuniu todos os prisioneiros, e disse que seriam os últimos a serem repatriados porque ali era um campo de reeducação.

Dois ou três dias depois da chegada do novo oficial de Ayr, o comandante inglês de tarde reuniu todos no refeitório, porque tinha que falar coisas importantes. De fato finalizada a reunião naquele refeitório que parecia uma barraca de ciganos, o comandante inglês por meio do oficial De Borg, tendo a mão direita nas costas e caminhando lentamente para frente e para trás, começou um discurso desta maneira: que nós éramos oficiais presos porque NÃO SOUBEMOS COMANDAR OS NOSSOS SOLDADOS; éramos homens pouco disciplinados, porque NOS CAMPOS NOS QUAIS NOS ENCONTRÁVAMOS, AO INVÉS DE OBEDECER AO COMANDO BRITÂNICO, TRANSGREDIMOS AS ORDENS E INSTIGAMOS REVOLTAS NOS PRISIONEIRO. “Por isto, dizia o coronel Sanders, por ordem do War Office de Londres vocês invés de serem mandados aos campos de COOPERADORES para serem empregados neles, vocês foram mandados a este campo para PUNIÇÃO e posso assegurar que vocês serão repatriados por último, lhes dou minha palavra de cavalheiro. Este é um campo de DISCIPLINA, DE REEDUCAÇÃO. Cada pequena infração ao regulamento, que eu mesmo escrevi e que vocês conhecerão, será severamente punida. Neste momento todo o campo está punido com 28 DIAS DE DETENÇÃO. A punição começa amanhã, todos os oficiais devem fazer a barba, não quero ver barba longa no campo.”²¹²

²¹² BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. Cit.* p. 207.

O campo 175 que se localizava no centro da Inglaterra, para dificultar fugas, era considerado um campo rígido e com má fama entre os prisioneiros. Ele foi longamente descrito pelo capelão. Como afirma Flávio Giovanni Conti:

O Ministério das Relações Exteriores (britânico) anunciou ao menos que um quinto dos prisioneiros nutriam sentimentos fascistas ou antibritânicos. Um caso a parte era representado pelo campo 175, dito dos “insatisfeitos”, que era considerado pelas autoridades britânicas como o campo “fascista”. Portanto apenas 9.524 prisioneiros recusavam obstinadamente de assinar a cooperação. A Comissão Aliada comunicava que os prisioneiros italianos na Grã-Bretanha, em 1 de janeiro de 1946, data que já tinha se iniciado o repatriamento, eram 142.155 cooperadores e 9.524 não cooperadores.²¹³

Para termos uma ideia dos campos de prisioneiros alemães, ainda mais numerosos que os italianos, Hellen cita que eram classificados em três tipos: os “brancos”, os “cinzas” e os “negros”. Os negros comportavam jovens soldados, cujo fanatismo inspirava maior repressão e vigilância, os cinzas, uma categoria intermediária, e os brancos, em que a “desnazificação” estava teoricamente completa, funcionavam até mesmo sem guardas.²¹⁴

O capelão contou a existência de duas categorias de campos: para aqueles que cooperavam, e podiam trabalhar, e para aqueles que resistiam, e por isso sofriam com normas mais rígidas, como no campo 175, destinado aos *strong fascists*.

Os alemães prisioneiros dos campos “negros” foram repatriados por último. Para os italianos o repatriamento de todos os prisioneiros remanescentes não colaboradores ocorreu em julho de 1946.²¹⁵ 28 de julho de 1946 foi a data final descrita pelo capelão na prisão. O repatriamento do campo 175, de fato foi o último a ocorrer.

Pelo menos para Ermenegildo a palavra repatriamento apareceu com mais frequência nas últimas páginas de suas memórias, não foi, portanto, uma constante esse tema. Para os prisioneiros falar sobre a repatriação era um tema difícil, que mesclava ansiedade e decepção.

A tudo isto se acrescenta agora que para muitos prisioneiros do 175, os quais conservam o ânimo firme das ideias fascistas mostravam fortíssima aversão dos ingleses, os quais haviam um dia combatido ao custo de grandes sacrifícios, com fé ardente, sob o governo de Mussolini, a Itália em luta contra o fascismo e aliada dos seus piores inimigos, os ingleses, parecia como uma pátria quase degenerada, uma pátria, que havia aceitado livremente de fazer-se escrava e onde e os que queriam estar com as ideias anteriores não se encontrariam bem.²¹⁶

²¹³ CONTI, Flavio Giovanni. Op. cit. p. 292. Parênteses e tradução nossa.

²¹⁴ HELLEN, J. Anthony. Op. cit. p. 211.

²¹⁵ Ibid. p. 213.

²¹⁶ BORTOLATO, Ermenegildo. Op. Cit. p. 273.

Quando citou conversas que realizou com outros prisioneiros, como a destacada acima, Ermenegildo expressou o que de mais latente havia nele mesmo. Uma profunda desilusão com o que estava por vir.

Um episódio marcante do momento em que receberam a notícia do repatriamento foi a reação esboçada pelos prisioneiros. Segundo Ermenegildo, o campo estava cheio de alegria, “mas era uma alegria que não sabia descrever, porque todos sabiam que encontrariam a Itália derrotada e subordinada aos ingleses.”²¹⁷

A alegria veio carregada do peso inclemente da tomada de consciência, porque pelo menos para os *strong fascists* do campo 175, o repatriamento selaria o final da resistência, expresso tantas vezes em atos de não colaboração. No campo ainda era possível expressar as ideias do regime fascista, mas uma vez em solo italiano, os soldados seriam calados. A Itália pós-guerra seria mais uma fase difícil em suas vidas.

Para uma ideia da situação do país no pós-guerra, o historiador Tony Judt revela que.

Dentre todos os países do Oeste Europeu, a Itália foi o que *vivenciou* mais diretamente os males da guerra. O país havia sido governado durante vinte anos pelo primeiro regime fascista do mundo. Tinha sido ocupado pelos alemães, depois libertado pelos aliados ocidentais, numa guerra lenta, desgastante e destruidora que havia durado quase dois anos, atingindo três quartos do território nacional e reduzindo grande parte da terra e da população quase à miséria. Além disso, entre setembro de 1943 e abril de 1945, o norte da Itália foi convulsionado por algo que na prática foi uma guerra civil em grande escala. Na condição de Estado ex-integrante do Eixo, a Itália era alvo da desconfiança do Ocidente e do Oriente.²¹⁸

As perdas materiais com a Segunda Guerra Mundial foram enormes para Itália. O país perdeu suas colônias, pagou indenizações que somadas atingiram 360 milhões de dólares à URSS, Iugoslávia, Grécia, Albânia e Etiópia, e isso num momento em que os próprios italianos padeciam de fome. Para os prisioneiros pesava o fato de estarem diante da colaboração com as autoridades dos mesmos países que infringiram tantos danos ao seu país.

2. 4 A REPATRIAÇÃO

Para um prisioneiro de guerra, as terríveis marcas geradas pela privação da liberdade, a distância da pátria e da família, tornavam a repatriação um evento aguardado com muita ansiedade. Mas o confronto do prisioneiro repatriado com outros infortúnios não cessava com

²¹⁷ Ibid. p. 283-284.

²¹⁸ JUDT, Tony. *Op. cit.* p. 221.

a repatriação. Para alguém que se sentiu estrangeiro num território inimigo, a repatriação afinal convertia o prisioneiro repatriado em estrangeiro no próprio país.

Muitos exprimiam abertamente o seus pensamentos dizendo que se fosse pela família pelos seus pais, que desejavam rever, haveriam voluntariamente de renunciar a repatriação, haveriam de escolher antes ir a um país estrangeiro. Entre os mesmos oficiais não poucos faziam projetos de irem a qualquer outra nação. Alguns por meio de seus parentes, esperavam poder ir para a América do Sul ou a Espanha ou a França.²¹⁹

Esse trecho pode ser um indicativo das aspirações com as quais Ermenegildo já repatriado, escrevia suas memórias no ano de 1947. Demoraria mais quatro anos quando em 1951 o então frade partiria para o sul do Brasil, para uma comunidade de italianos do oeste de Santa Catarina. É curioso, que apesar de na região Ermenegildo não possuir nenhum parente, ele preferiu estar ligado à nação, através da presença dos imigrantes. Pessoas que ainda preservavam muitos dos costumes da Itália distante, sem padecerem de maneira tão violenta os efeitos da guerra, poderiam ao mesmo tempo conferir um sentimento de pertencimento ao padre. Os imigrantes remetiam inexistente no pós-guerra, e ao qual Ermenegildo deixava para não voltar.

Para os presos repatriados a revolta não diminuía na Itália.

A partir do início de 1946, manifestações de protesto dos ex-prisioneiros ocorreram em várias partes do país. Em janeiro em Florença e Milão, milhares de soldados ex-prisioneiros se manifestaram com cartazes de protesto, em Bari uma marcha de ex-prisioneiros pediam trabalho e o afastamento das mulheres desses postos de trabalho, para dar aos ex-combatentes.²²⁰

Flávio Conti dá o tom dessa desilusão quando fala que os prisioneiros se “tratavam de uma massa de homens desencorajados, desiludidos, e ressentidos nos confrontos que tinham como prisioneiros.”²²¹ Tal desilusão se expressou duplamente, diante de governo que se instaurou na Itália pós setembro 1943, que era incapaz de resolver a repatriação de milhares de homens, entre eles Ermenegildo, que voltou um ano depois do término da guerra, mas incapaz de inserir milhares de ex-combatentes na economia.

Pretendemos agora aprofundar nossa análise nesta terceira e última parte do trabalho, nos concentrando no funcionamento da memória do capelão, e ainda lançar a discussão sobre

²¹⁹ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. Cit.* p. 273.

²²⁰ CONTI, Flávio. *Op. Cit.* p. 144.

²²¹ *Ibid.* p. 142.

a questão dos sentimentos, pontuando onde e de que maneira eles se apresentam nas memórias de Ermenegildo.

Sabemos que qualquer engajamento a uma causa ou organização, deve necessariamente passar pelo sentimento. Nas memórias de prisão de Ermenegildo temos a impressão que sentimentos dos mais diversos durante meses levaram ele a se dedicar na construção das memórias. Solidariedade, ódio, dignidade, humilhação, misturaram-se na difícil missão da escrita.

Como afirma o filósofo italiano Federico Montanari, a determinação de escrever, “Iniciar um diário não é algo simples: se trata, como se diz, ‘de colocar em jogo a si mesmo’, ‘de hoje em diante tomo a decisão de escrever’”.²²² Colocar o “eu” à prova é uma decisão corajosa, e marcada pela preocupação com a repercussão do que se escreve.

²²² MONTANARI, Federico. **A partire dai diari di guerra: alcune considerazioni sui testi di memória**. In: FASULO, Alessandra. *Superfici del Sé: narrazioni, scritture e identità*. Rassegna di Psicologia, v. 21. n. 1, 2004. p. 65.

CAPÍTULO 3 - ERMENEGILDO BORTOLATO: MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E SENTIMENTOS.

Nos capítulos anteriores destacamos o contexto histórico da ascensão do fascismo, da guerra, e das aproximações e afastamentos entre o fascismo e o catolicismo. Entendemos como Pierre Bourdieu que “não podemos compreender uma trajetória, sem que tenhamos previamente construído o campo sob o qual se desenrolou a experiência do personagem”.²²³

O presente capítulo enfocará a relação entre o pensamento e a ação de Ermenegildo, enquanto prisioneiro na Inglaterra entre 1943 e 1946. Para tanto, este terceiro capítulo será articulado em dois eixos temáticos. No primeiro, discutiremos a influência desempenhada pelos sentimentos na escrita do capelão. Privilegiar a questão sensível abrirá espaço para a compreensão da visão de mundo dele, cujo discurso permeado de ódios, ressentimentos e humilhações foi o terreno sob o qual brotaram suas lembranças.

A problemática lembrar-esquecer-testemunhar será o foco do segundo eixo do capítulo. Serão discutidas as possibilidades e limites que esse tripé desempenhou na construção da sua narrativa.

3.1 OS SENTIMENTOS NOS ESCRITOS DE ERMENEGILDO

Leitor, lembre que os ingleses são pérfidos, hipócritas, malvados e cruéis. Lembre que os ingleses são violentos, e INIMIGOS satânicos do cristianismo em geral, e do catolicismo em particular.²²⁴

Estas palavras estão contidas na última frase do livro de memórias do capelão Ermenegildo. No testemunho cuidadosamente²²⁵ datilografado em Veneza, no ano de 1947, percebemos nitidamente quão permeado de sentimentos²²⁶ negativos era a memória dele.

Angela de Castro Gomes em seus estudos sobre a “escrita de si”, que abarca as cartas, diários, relatos memorialísticos entre outros, diz que tais escritos são impulsionados por vários motivos, mas que essencialmente são frutos de experiências emotivas. Aquilo que se guarda na intimidade, e é extravasado pela escrita em determinado momento, comporta cargas

²²³ BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, J. & FERREIRA, M. M.. Usos e Abusos de História Oral Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 190.

²²⁴ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op cit.*, p. 304.

²²⁵ Podemos conferir algumas páginas do livro nos anexos do trabalho.

²²⁶ Usaremos a definição de Pierre Ansart, para quem os sentimentos são entendidos como “sistemas afetivos menos aparentes e mais duráveis”. In: ANSART, Pierre. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, ano 17, n. 33, jul / dez 2000, p. 145-164. p. 153.

afetivas, que devem ser problematizadas. Os confrontos militares e a prisão estariam entre esses motivos segundo a autora, “porque são períodos em que o indivíduo julga excepcionais, e que são especialmente carregados pela *sensibilidade* que os provoca.”²²⁷ Não faz sentido, se debruçar sobre as memórias do capelão, sem encarar a questão dos sentimentos como central.

Evidentemente muitos fatores foram responsáveis pela opção de Ermenegildo ao narrar os acontecimentos. O filósofo Paul Ricoeur, nos ensinou que o testemunho carrega a necessidade de se fazer ouvir, de tornar-se conhecido. Muitas vezes o testemunho é um apelo de justiça, e tem a missão de denunciar.²²⁸

Entretanto assim como pontua Gomes, por trás desta missão julgada nobre pelo indivíduo que profere o discurso, existe o indivíduo que sofre, tal indivíduo é portador de uma “memória ferida”, continuamente suscetível às paixões. Por isso captar certos sentimentos, que dificilmente seriam identificados em qualquer outro contexto da vida de Ermenegildo foi a possibilidade que nos ofereceu suas memórias de prisioneiro.

Antes de problematizarmos os sentimentos de Ermenegildo devemos, no entanto, iniciar colocando em perspectiva a prisão e a condição de prisioneiro, primeiro porque tal tema está fortemente ligado à tradição judaico-cristã, na qual Ermenegildo formou-se. Mártires e santos católicos estiveram parte de suas vidas privados de liberdade, Ermenegildo foi um “mártir” da guerra, ou pelo menos assim poderia se entender.

Segundo, porque a razão de ser dos escritos do capelão parte de uma espécie de “denúncia”, e carregam fortes traços desses momentos que para utilizar uma linguagem religiosa, poderíamos definir como “provações” de fé. A palavra fé utilizada aqui na significação política do termo, porque o capelão permaneceu firme à causa da guerra e da nação, haja vista o inúmero percentual daqueles que segundo ele aparentemente renegaram suas ideias políticas nos campos de prisioneiros, sendo pressionados pelos ingleses. Ermenegildo, de acordo com seu relato, seguiu convicto, “guardou a fé”.

Debruçar-se sobre suas memórias requer vários cuidados, pois nos deparamos com uma linguagem altamente convincente.²²⁹ O capelão tentava persuadir o leitor a confiar no seu ponto de vista a todo instante, afirmando que suas palavras eram expressões de veracidade, e amparadas nos fatos. Ao relatar com minúcia de detalhes, com nomes, lugares e

²²⁷GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 18. Itálico nosso.

²²⁸RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007. p. 99.

²²⁹SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 52.

acontecimentos, ele estava afirmando nas entrelinhas que sua memória era digna de crédito, isenta de falhas.

Sua memória possibilita, portanto, observar alguém reduzido à insignificância, à impotência, fornecendo-nos um entendimento dos seus conflitos internos, sofrimentos, frustrações e humilhações. Devemos constatar também que o capelão no contexto prisional, bem como os demais oficiais, viveram o inverso do que pregava qualquer cartilha fascista. Ao estar na condição de prisioneiro de guerra, pesava-lhe sob os ombros a derrota. Como Mussolini afirmava: “O *credo* fascista repousa na convicção heroica da força da inteligência ativa e na eficiência da vontade humana”.²³⁰ Dentre as virtudes do fascista, estaria a força vital da ação, o senso de honra, a disposição para o combate, atributos que foram evidentemente anulados de muitos dos prisioneiros de guerra.

Havia na prisão é certo, um reduzido espaço de ação para o capelão. Ermenegildo resignificou muitas destas virtudes exaltadas por Mussolini. Quando na condição de oficial capelão, enfrentou como pôde as determinações/regras dos campos pelos quais passou. Atitudes de afrontamento, como não fazer a barba, insistir em fazer a saudação fascista, ou mesmo construir uma capela para os prisioneiros, eram atos de rebeldia, capazes de dissimular sua submissão, escamotear sua derrota.

IMAGEM 6 – CAPELÃES LIBERADOS PARA “SERVIÇOS ESPIRITUAIS” EM 14 DE ABRIL DE 1944



FONTE: Museu Ermenegildo Bortolato, Rio das Antas – SC.

Diários e livros de memória de guerra e de prisão, foram muito comuns durante a II Guerra Mundial. Eles nos fornecem a possibilidade de captar justamente o que foi relegado

²³⁰MUSSOLINI, Benito. *Aspectos da Crise Mundial*. Editor Arturo Vecchi: Rio de Janeiro, 1934. p. 226. Itálico nosso.

pela maioria dos pesquisadores vinculados ao fascismo, como irrelevante e “etéreo”, o campo dos sentimentos não era passível de análise.

Os sentimentos foram colocados na posição de destaque nos primeiros estudos sobre o fascismo (quadro página 23) como sinônimos de descontrole, perversão moral, portanto, não eram submetidos a uma análise aprofundada. As estruturas sociais, econômicas e políticas, suplantaram tais interpretações, e estiveram presentes da maioria das interpretações do fenômeno.

De acordo com as perspectivas teóricas iniciais, o fascismo teria sido um movimento de “decadência moral”, que teria propagado a histeria nas massas e inspirado o que havia de mais instintivo nelas, a violência por exemplo. Já no plano individual, aderir ao fascismo também significaria a impossibilidade de agir por si mesmo, render-se à impulsos primitivos.

O que essas teorias tentavam comprovar, e com argumentos convincentes, é que os fascismos enquanto movimentos que amalgamaram as massas foram responsáveis por uma espécie de disseminação da cegueira. As pessoas entendidas como ingênuas, seriam capturadas por uma ideologia que emocionava, e por uma propaganda que não lhes dava chances de discernir entre o bem e o mal.

Ao observar algumas filmagens e fotografias do período, tendemos a nos convencer por tal explicação. As multidões que alternavam períodos de ordem e disciplina, em momentos específicos dos grandes comícios do PNF, quando faziam o cumprimento romano com a mão espalmada em perfeita simetria, ou ainda durante o silêncio que se seguia ouvindo as palavras do *duce*, não eram propriamente pessoas, mas autômatos.

Por outro lado, em certas ocasiões, era possível perceber “explosões emotivas”, como choros incontrolláveis, risos, gritos, expressões de ódio, de angústia. Momentos esses em que era aceitável o extravasamento público das emoções. O fascismo seria capaz de manipular os indivíduos, seja na destruição dos inimigos construídos pelo regime, ou na construção de um objetivo que congregasse toda a nação.

O que percebemos é que tais visões que reduzem o fascismo, ao coroamento da irracionalidade e da impulsividade, são problemáticas. Por trás da constatação de que os fascismos eram regimes que comandavam emoções rebeldes, que unicamente se pautavam por sentimentalismos, e que, portanto, se entendiam como fenômenos apolíticos, está a recusa de perceber que muito do que foi construído, pensado, e das ações que grupos violentos como os *squadristi* perpetraram, estava contida na racionalidade.

Grupos paramilitares como os *squadristi* podiam estar ligados por laços de companheirismo, de afetividade, mas a maneira cruel e ao mesmo tempo serena com a qual

espancavam os opositores políticos nas ruas, em plena luz do dia, demonstram que não ficar chocado ou esboçar emoção diante de situações como aquelas, era sim uma clara demonstração de irracionalidade. Ou seja, a ausência de emoções nestes momentos de graves violações, e que os seres humanos são capazes dos atos mais horrendos, são frutos de pessoas incapazes de sensibilizar-se. Nesse sentido, colocar-se no lugar do outro, necessariamente passa pela emoção.

A filósofa Hannah Arendt inverteu a lógica da equação: emoção = irracionalidade quando demonstrou o quanto por vezes a razão é que comanda atos violentos. Ao analisar o julgamento de Adolf Eichmann, Arendt, concluiu que a personalidade de um dos arquitetos da Solução Final, não era de alguém sádico ou perverso, mas alguém consciente dos atos que perpetrava. Através de mecanismos estrategicamente pensados, é que a Solução Final nazista foi posta em prática. Mesmo o racismo repousou no mais elevado conceito de cientificidade/racionalidade.

A filósofa ainda pontua que a “ausência de emoções nem causa, nem promove a racionalidade.”²³¹ É importante por isso, desconstruirmos as emoções como unicamente irracionais, pois somente aí entenderemos a dinâmica que as cria, reforça, ou as dissipa. Nesse sentido, gostaríamos de refletir sobre os sentimentos, como dimensões essenciais da análise histórica, iniciando pelo sentimento que comumente é associado a explosões de irracionalidade: o ódio.

Sobre ele, vale mais uma vez uma interpretação de Arendt, para quem, é sim uma aparência de racionalidade, muito mais do que os interesses por trás dela, que possibilitam o surgimento do ódio. Aqui o ódio é entendido como uma construção racional, nutrir ódio é ter razões para tal. Ermenegildo é um ator que soube definir muito bem os porquês de suas aversões, seus ódios.

3.2 ÓDIO

O ódio é um sentimento que experimentamos com frequência. Cotidianamente presenciamos suas manifestações, quase sempre vinculadas a atos de violência. Em muitas definições, o ódio é entendido como aversão de algo, de alguém, ou de todo um grupo. É entendido como sinônimo de muitas emoções negativas como a raiva, rancor, repugnância e

²³¹ ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 48.

antipatia. De acordo com o psicólogo Robert Sternberg o ódio se difere da raiva, por esta ser direcionada geralmente a indivíduos, em contraste com o ódio, direcionado a grupos.²³²

Na sua manifestação mais destrutiva, que é a aversão de um grupo de pessoas identificadas como inimigas, o ódio revelou sua face nefasta através de genocídios e extremismos dos mais variados ao longo da história recente, citamos o massacre contra o povo Armênio pelos turcos, o Holocausto pelos nazistas, enfim, enumerar o ódio ao outro é uma tarefa exaustiva, dada a quantidade de grupos que são odiados, e para os quais se deseja a destruição: o imigrante, o negro, o adversário político, o indígena, o presidiário, dentre tantos “outros”.

Segundo Sternberg as teorias sobre o ódio gravitam em duas frentes distintas. Entre aqueles que supõem que ele seja causado pelas situações em que o indivíduo se encontra, pelo contexto propício para que o ódio se manifeste. E aqueles que defendem que o ódio é um substrato da personalidade e que pode ou não se manter estável por um período de tempo, e ser acionado.²³³ Ao observar a trajetória de Ermenegildo, acreditamos que haja uma junção destas duas situações. O ódio impulsionado pelo fascismo, pela derrota em campo de batalha e pela prisão, que se uniram a alguém intolerante.

O ódio é o sentimento essencial para explicar a ascensão dos fascismos. Está na gênese destes regimes políticos a sua presença. De acordo com o historiador Francisco Teixeira da Silva, “os fascismos tinham em comum uma mesma concepção de mundo, se esforçavam em manipular as massas, tinham ódios por minorias que expressavam sua identidade. Assim como partilhavam um ódio comum contra o liberalismo, o socialismo.”²³⁴

O discurso de ódio propagado pelo fascismo italiano pretendia insuflar nos seus seguidores tal sentimento. Na medida em que os inimigos internos e externos do fascismo aumentavam, crescia o ódio, contra tudo que se apresentasse diferente do ideal fascista de Homem e Nação.

O capelão Ermenegildo engrandecia as realizações italianas, se referindo aos demais povos num tom xenofóbico. No seu discurso percebemos a presença do ódio, ao referir-se a Inglaterra. “A Inglaterra é tirana, e mãe da escravidão, todavia permanece com sua propaganda pérfida sustentada pela esterlina, se fazendo crer mestra da civilização e da liberdade.”²³⁵

²³² STERNBERG, Robert J., Karin Sternberg. *Nature of Hate*. Cambridge University Press, 2008. p. 15.

²³³ Ibid. p. 18

²³⁴ SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *Op cit.* p. 124.

²³⁵ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.* p. 24.

Logicamente tais expressões eram inapropriadas para um sacerdote da Igreja Católica Romana. Seriam repelidas frontalmente por Primo Mazzolari, por exemplo. Dizia Primo que: “A exagerada exaltação da autoridade ou dos homens que a representam, leva não poucos cristãos a achar justa uma guerra pelo único fato de ter sido declarada por uma autoridade legítima.”²³⁶ Para este sacerdote antifascista, antes mesmo da pátria, haveria a necessidade de pensar na “justiça”, seria imperativo não odiar nem mesmo os inimigos. E ainda, “a multidão de palavras de ódio não se justifica nem pela legítima defesa dos próprios direitos.”²³⁷

Devemos compreender por isso como Ermenegildo construiu esse ódio. Seu discurso pareceu uma constatação óbvia, de que não restava outra saída para alguém comprometido com o futuro da Itália, não nutrir o ódio ao inimigo inglês, que segundo o capelão, era ávido por dinheiro a todo custo, infiel e falso.

O ódio parece funcionar no discurso do capelão como uma resposta racional²³⁸ diante de uma situação em que está em perigo o “projeto” fascista na construção da “raça” italiana. Os inimigos devem ser identificados e destruídos. Para o capelão, o inimigo era de fato o Liberalismo, a democracia, o Anglicanismo.

Recordação Iº : Leitor, lembre que os ingleses, são pérfidos, hipócritas, malvados e cruéis. - Recordação IIº : Lembre que os ingleses são violentos, e INIMIGOS satânicos do cristianismo em geral, e do catolicismo em particular. - Recordação IIIº: Lembre que os ingleses, são INIMIGOS, de todo bem ORDENADO e tranquilo viver social. A Inglaterra é verdadeiramente a inimiga capital de toda a HUMANIDADE.²³⁹

Até mesmo o comunismo é vinculado ao povo inglês, como na passagem abaixo.

Recordo um fato, que devo dizer que tanto a mim quanto aos outros oficiais fez uma sinistra impressão ao ver que sobre a barraca dos soldados ingleses, que devo dizer eram ligados ao Comando e ao serviço de vigilância, não se viu nenhuma bandeira inglesa, mas quatro ou cinco bandeiras vermelhas COM A FOICE E O MARTELO.²⁴⁰

Para o historiador norte americano, Robert Paxton. “Os fascistas não tinham qualquer intenção de manter a paz. Eles esperavam que as inevitáveis guerras permitiriam que as raças superiores prevalecessem sobre as demais, enquanto que as raças divididas e ‘mestiçadas’, os

²³⁶ MAZZOLARI, Primo. *Op. cit.* p. 71.

²³⁷ Ibid. p. 50.

²³⁸ STERNBERG, Robert J. *Op. Cit.* p. 16.

²³⁹ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.* p. 304.

²⁴⁰ Ibid. p. 197.

povos irresolutos, tornar-se-iam seus servos”.²⁴¹ O ódio situa-se então no extremo oposto da empatia, a emoção que capacita o indivíduo a colocar-se no lugar do outro.

O ódio de Ermenegildo, também era potencializado pela humilhação que ele julgava ter sofrido dos ingleses, homens que ele caracterizava como “malvados e cruéis”, cujos maus tratos ele via sendo cotidianamente imposto a ele, aos soldados, e oficiais de alta patente.

Se, como nos referimos acima, as memórias do capelão tiveram um apelo de justiça, é por que ele acreditava na importância que seu testemunho comportava ao fazer as repetidas denúncias. Arendt, afirma que o ódio é um sentimento que brota de uma situação que se entende injusta.

O ódio não é, de modo algum, uma reação automática à miséria e ao sofrimento, ninguém reage com ódio a uma doença incurável ou a um terremoto, ou, no que concerne ao assunto, a condições sociais que parecem ser imutáveis. O ódio aparece apenas onde há razão para supor que as condições poderiam ser mudadas, mas não são. Reagimos com ódio apenas quando nosso senso de justiça é ofendido [...] ²⁴²

O sentimento de ódio se manifesta ao lado do de humilhação. Ermenegildo percebia que não bastava denunciar, como relata, ao emissário do governo italiano sobre as violações a que estavam submetidos os presos, atos ilegais porque segundo ele, afrontavam a Convenção de Genebra de 1929.

Sua impotência, junto à suposta inércia das autoridades caminhava no sentido da primeira definição de humilhação, qual seja a situação em que não é permitido ao indivíduo uma reparação a altura do ato cometido contra ele, em que inexistente uma reciprocidade na ação.²⁴³ Nesse caso o indivíduo se encontra ofendido no seu senso de justiça, é incapaz de modificar as condições em que se encontra, isto o caracteriza como alguém humilhado, e o ódio se justifica. Identificamos, portanto, a humilhação como o fundamento de alguns dos ódios de Ermenegildo.

3.3 HUMILHAÇÃO

Quando pensamos na humilhação, devemos ter em mente, que ela ocorre necessariamente com um ator, que humilha, e um agente que sofre sua influência e é

²⁴¹PAXTON, Robert. *Op. cit.* p. 63.

²⁴²ARENDT, Hannah. *Op. cit.* p. 47.

²⁴³ANSART, Pierre. *As humilhações políticas*. In: MARSON, Isabel & NAXARA, Marcia. *Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia, EDUFU, 2005. p. 15.

humilhado.²⁴⁴ Nesse sentido a humilhação terá sempre dois lados, o que fere e aquele que terminada a ação, sente-se envergonhado, diminuído, seja fisicamente ou psicologicamente.

Como defende Ansart, as humilhações são de difícil observação, porque o sujeito nem sempre exterioriza a situação que viveu. Por outro lado, uma humilhação é algo marcado “a fogo” na memória do indivíduo. O humilhado é impossibilitado de esquecer, sempre estando confrontado com as lembranças negativas da execração a que foi submetido. Por isso podemos entender também a humilhação como um sofrimento. É geralmente no lado perdedor, que observamos a humilhação se manifestar mais nitidamente. Como afirma Paul Ricouer.

A glória de uns foi humilhação para outros. À celebração, de um lado, corresponde a execração, do outro. Assim se armazenam nos arquivos da memória coletiva, feridas simbólicas que exigem uma cura. [...] O fato de se tratar de feridas do amor-próprio nacional justifica que se fale em objeto de amor perdido. É sempre com perdas que a memória ferida é obrigada a se confrontar.²⁴⁵

No caso de Ermenegildo foi claro identificar as perdas, ou as derrotas, presentes na sua memória, e com as quais ele teve que se confrontar logo após a repatriação. Desde a captura em fins de 1942, até agosto de 1946, o capelão se submeteu a rendição, viu o fascismo se dismantelar, a derrota e invasão da Itália, e ainda a destruição do seu país ao retornar em agosto de 1946. Sua memória de vencido precisou se confrontar cotidianamente com esses fatos.

Ansart categoriza em três as formas de humilhações políticas. As destrutivas, as superadas e as instrumentalizadas.²⁴⁶ As primeiras são aquelas em que os indivíduos ou grupos tentam através da violência impor uma humilhação para se manter no poder, nesse sentido dismantelam as organizações sociais contrárias aos seus interesses, impedindo qualquer ação que os prejudique, que afrontem o poder vigente. Essa forma de humilhação foi utilizada pelo fascismo seguido por Ermenegildo, bem como pelo nacional-socialismo alemão. Ela tem como intuito, anular o indivíduo suprimir qualquer resistência.

A segunda forma se revela para o autor como uma revolta contra a humilhação, uma rejeição a ela. Muito característica de revoluções, em que a população reafirma a dignidade perdida, opondo-se a humilhação sofrida. É também um momento no plano individual, em que a pessoa reconcilia-se com o passado, e impõe um novo tempo.

²⁴⁴ANSART, Pierre. *Op. cit.* p. 15.

²⁴⁵RICOUER, Paul. *Op. cit.* p. 92-93.

²⁴⁶ANSART, Pierre. *Op cit.* p.17.

Já a humilhação instrumentalizada, a última caracterização de Ansart, é aquela em que regimes políticos se utilizam de uma suposta humilhação na história de sua nação, ou mesmo constroem-na como instrumento de poder, como justificativa para alcançar seus objetivos, seja na destruição de um inimigo, seja como um agente unificador. Nisto também os fascismos foram bem sucedidos.

Esses regimes nomearam diversos adversários, aos quais reputaram diversas humilhações sofridas, isso levou uma justificação de seu combate, os judeus foram exemplo disso, apesar de que na Itália, sua perseguição ficar mais intensa a partir de 1938, com as leis raciais do regime fascista.

Ermenegildo era alguém em que a humilhação estava interiorizada, assim como uma ferida aberta, sem a possibilidade de ser tratada. Somente haveria sentido em considerar as memórias do capelão identificadas com a “humilhação superada”, se de fato ele fosse reparado, seus agressores punidos, suas memórias aceitas, o que de fato não ocorreu. “Como é triste para um prisioneiro o retorno à própria pátria, humilhada sobre o peso da derrota e da traição”,²⁴⁷ escreveu Ermenegildo ao retornar à Itália.

A Itália do pós-guerra, rememorada por Ermenegildo, foi o cenário da humilhação dos italianos. O diálogo dele com o capitão Salvidio acima, quando navegavam rumo ao país no final de agosto de 1946, deu o tom desta humilhação, mas também da polaridade que dividia os italianos. É presente o ódio contra os membros da resistência italiana que lutaram contra o fascismo e a ocupação nazista, os *partigiani*.

Aliás, essa divisão existia no interior da família Bortolato. Otello descreve que quando esteve com o tio no convento dos capuchinhos de Veneza em 1947, contou-lhe que o irmão de Ermenegildo, Giovanin, um subtenente de artilharia, “[...] aderiu ao grupo de resistência com o nome de Bataglia de Vatro. Traído e capturado (pelos camisas pretas) foi submetido a indescritíveis torturas e foi levado para a cadeia, sofrendo com grande dignidade.”²⁴⁸

Ermenegildo ouviu a situação do seu irmão descrita por Otello, e mostrou ao sobrinho seu livro de memórias. O sobrinho biógrafo de Ermenegildo, ainda afirmou que ficou surpreso, porque mesmo em 1947, dois anos após a guerra, o tio continuava usando o uniforme de tenente capelão de cor cáqui no convento, ao invés do hábito franciscano.²⁴⁹

²⁴⁷ BORTOLATO, Ermenegildo *Op. cit.* p. 289.

²⁴⁸ BORTOLATO, Otello. *Op. cit.* p. 56. (parênteses nosso)

²⁴⁹ *Ibid.* p. 55.

Permanecer com o uniforme, símbolo exterior de sua condição de capelão e ex-prisioneiro demonstrou ao mesmo tempo a recusa de esquecer, e a dificuldade de se inserir na comunidade franciscana e na própria Itália.

Podemos entender que a humilhação sentida por Ermenegildo, era um sofrimento. Ansart nos diz que humilhações interiorizadas, não são superadas, porque não são rejeitadas pelo indivíduo.²⁵⁰ O uso do uniforme militar, pode ser compreendido como uma clara atitude de não conformismo com o passado, como se a guerra ainda não tivesse terminado em pleno ano de 1947.

Ainda no diálogo travado com o capitão Salvidio que destacamos em seguida, a humilhação foi expressa quando os dois lembraram-se do Armistício de Cassibile, em 8 de setembro de 1943, entre a Itália e os Aliados, considerada por ambos como um desastre. Também é interessante perceber a ênfase em algumas palavras, que apesar de atribuídas a Salvidio, foram destacadas pelo capelão quando as escrevia, estilo que, aliás, marca do início ao fim sua narração.

A tudo isto se acrescenta a dor de constatar que MUITOS ITALIANOS, que NÓS consideramos como os mais VIS MERCENÁRIOS E TRAIADORES quiseram colocar toda a nação nas mãos destes INGLESES, mesmo sabendo que a INGLATERRA impôs uma RENDIÇÃO INCONDICIONADA, tratando a ITALIA como ESCRAVA. O que significa para nós o repatriamento? (perguntou Ermenegildo) Significa sobretudo ver com nossos próprios olhos a RUINA de nossa nação e conhecer aqueles homens, que não podem mover um passo sem pedir PERMISSÃO DE LONDRES. Quando ocorreu o desastre de 8 de setembro de 43 [...]²⁵¹

A humilhação que o capelão acreditava ter passado foi uma expressão individual de um sofrimento que foi também compartilhada coletivamente na prisão, e por milhares de simpatizantes do fascismo. O sociólogo francês Maurice Halbwachs, afirma que “quando lembramos, não o fazemos sozinhos”, mas sim imersos numa coletividade.

É justamente essa solidariedade grupal, trazida a tona pelos diálogos que realizava com os demais, que compartilhavam de ódios e humilhações semelhantes à dele, que Ermenegildo foi capaz de exteriorizar sentimentos tão negativos, inclusive potencializando-os, e não os apagando da memória tão facilmente.

²⁵⁰ANSART, Pierre. *Op. cit.* p. 20.

²⁵¹BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.* p. 293, (parênteses nosso).

3.4 RESSENTIMENTO

A memória de Ermenegildo foi permeada em seus escritos por sentimentos diversos e conflitantes. A nostalgia que o capelão sentia dos tempos de Mussolini, cujas promessas visavam à formação de uma Itália sob o Império do fascio, e mesmo as realizações do líder quando estava no poder, são evocadas por ele.

Sua memória foi marcada pelo desmoronamento do fascismo e seus ideais. Junto a isto, a experiência prisional num país inimigo, cujas características combinavam a democracia liberal e o protestantismo anglicano, acirraram nele os ressentimentos presentes na escrita.

Especialmente os ingleses, e também os americanos, que aprenderam muito bem na escola inglesa, são poucos os quais pertencem à civilização cristã, neles existe um ânimo pagão unido a uma perfídia farisaica, que lhes fazem parecer revestidos com uma tinta cristã.²⁵²

Neste trecho é possível verificar que através da escrita, Ermenegildo extravasava tais ressentimentos, que podemos definir, de acordo com Ansart, como o conjunto de sentimentos negativos, como ódio, ciúme, vingança, que estão recalcados/interiorizados pelo indivíduo.²⁵³ O ressentido é alguém incapaz de viver um presente saudável, ou ter na definição de Ricouer, uma memória “feliz”. Nessa condição, Ermenegildo era cronicamente afetado pelo passado.

Ao buscar as razões para sua experiência de sofrimento, descarregava em outros (ingleses, carcereiros, partisans, anglicanos, soldados colaboradores) seu ódio, culpabilizando-os pela experiência dolorosa que direta ou indiretamente foram responsáveis em causar-lhe.

Ricouer argumentou que a memória é *pathos*, ou seja, ela nos afeta. No capelão a memória agia como uma “doença psíquica”, continuamente alimentada por lembranças infelizes e inaceitáveis. Memória esta, impossibilitada de viver uma relação positiva com o passado, portanto continuamente envenenada por ele, e incapaz de superar ou vislumbrar um presente diferente, que não relacionado à vingança.

Como vimos, o papel da memória é crucial, assim como o esquecimento para a constituição do testemunho do capelão. Tal debate é o ponto chave para se entender os usos e abusos de sua memória, e as facetas do seu relato, permeadas de regiões ensolaradas e sombrias.

²⁵²BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.* p. 28.

²⁵³ANSART, Pierre. *História e Memória dos Ressentimentos*. In.: BRESCIANI, Stella, NAXARA, Márcia. (orgs). *Memória e (Res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2004. p. 16-17.

3.5 MEMÓRIA FERIDA

Entre nós humanos a memória é uma condição para a sobrevivência. No caso do capelão, entendemos que o desejo de memorizar revestiu-se de uma necessidade para a qual ele suportou o ambiente de sofrimento da prisão. Ermenegildo tinha em mente que suas palavras precisavam ser narradas e ouvidas.

Sobreviver ao cotidiano prisional e memorizar as conversas, números, nomes, datas, fisionomias dos torturadores e dos torturados, as notícias dos jornais, as circunstâncias da morte dos prisioneiros, os costumes dos ingleses. Enfim, o dever de memória, ou a compulsão de lembrar, adquiria importante significado para alguém como capelão, porque isto tudo deveria ser denunciado aos pósteros.

Seu discurso era minucioso, como podemos observar logo abaixo. Ele se preocupava em datar os fatos e nomear seus interlocutores.

O Major Monechi comandava um submarino de tamanho médio, Tritone, e foi feito prisioneiro nas águas de Orano em 43. Contava-me que enquanto realizava sua missão, foi descoberto por um caça inimigo.²⁵⁴

Se bem que 16 de fevereiro havia assinalado o fim da aparição do Commandos no campo, os atos de crueldade contra os nossos prisioneiros não cessaram. Se instituiu então no campo uma forma de disciplina para todos e uma câmara de TORTURA, pela qual deviam passar quase todos os dias aqueles prisioneiros que o Comando Britânico determinava. Esta sala, como eu já contei anteriormente, era conhecida com o nome de “TRINTA E TRÊS” esse era o número que ela tinha e que permaneceu sem interrupção de 17 de fevereiro de 1945 até 29 de julho de 1946, dia do repatriamento definitivo do campo.²⁵⁵

“Estocar” a maior quantidade de informações possíveis para contar depois, “desenterrando-as” da memória, era um dos objetivos do capelão ao escrever seu livro das memórias do cárcere.

Para ilustrar mais uma vez essa primeira definição de memória, que aproximamos da capacidade de memorização, evocamos o exemplo de Agostinho, que na tradição cristã antiga, considerava a memória como um depósito de informações, organizadas em escaninhos, cujos dados “não foram sepultados pelo esquecimento”.²⁵⁶

Numa definição contemporânea o antropólogo Jöel Candau vai além desta perspectiva que vê a memória apenas como um depósito de dados do passado. Para o autor, a memória humana é representativa, ou seja, é através dela que “[...] o individuo capta e compreende

²⁵⁴ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.* p. 114.

²⁵⁵ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.* p. 169.

²⁵⁶ AGOSTINHO. *Confissões: Livros VII, X e XI*. Tradutores: Arnaldo do Espírito Santo, João Beato, Maria Cristina Castro. Covilhã: Lusofia, 2008. p. 54.

continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido”.²⁵⁷

A memória, portanto não se restringe a memorização pura dos fatos, ou a conservação nítida de todas as lembranças, porque ao rememorar, deve-se levar em conta a dimensão de manipulação que o narrador consciente ou inconscientemente utilizou.

Tal dimensão é significativa, na medida em que ao rememorar evocamos um mundo que não existe mais (ausente), a partir do presente. Trazemos à tona uma lembrança de um passado que não é fixo ou conservado tal como ocorreu, mas sim fragmentado e modelado de acordo com os engajamentos do presente e das demandas do futuro.²⁵⁸

A memória é do passado,²⁵⁹ porém ao rememorar não expomos novamente as lembranças passadas como eram quando narramos um acontecimento; a memória não repete, ela recria. A esse respeito uma passagem de Candau é importante, porque nos fornece as estratégias de uma memória que se faz narrativa.

O narrador parece colocar em ordem e tornar coerente os acontecimentos de sua vida que julga significativos no momento mesmo da narrativa: restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações. “sublimações”, esquematizações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, “vida sonhada”, ancoragens, interpretações e reinterpretações constituem a trama deste ato de memória que é sempre uma excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda narrativa.²⁶⁰

Além disso, a lembrança quando estruturada numa narração se diferencia do passado vivido, porque ela associa ao passado uma coerência que não existia no momento da experiência. A própria expectativa do futuro que estava presente no tempo vivido, já não está presente na narração.²⁶¹

No longo trecho a seguir, em que o capelão relata o cotidiano do campo 92, localizado em Tauton, percebemos uma série dessas estratégias pontuadas acima por Candau, unidas ao esforço do capelão em recriar o ambiente de apreensão dos prisioneiros diante da guerra em curso. Seleccionamos também a especulação de um dos soldados ao final, para destacar as relações entre os indivíduos na prisão.

A nós capelães eram concedidos os domingos para sair e celebrar a missa tanto na enfermaria quanto na Detention Cell (solitárias) onde iam quase sempre eu e D.

²⁵⁷ CANDAU, Jöel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 61.

²⁵⁸ Ibid. p. 63.

²⁵⁹ ARISTÓTELES. *Parva Naturalia*. Tradução: Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2012. p. 76.

²⁶⁰ CANDAU, Jöel. *Op. cit.* p. 71.

²⁶¹ Ibid. p. 66.

Iazzetta, enquanto D. Maccarielo celebrava para aqueles que estavam nas celas. Aos soldados como disse acima era absolutamente proibido se aproximar (dos capelães), todavia de manhã, alguém achava um pretexto e vinha em nossa barraca seja para fazer um pouco de companhia seja para ouvir qualquer notícia da guerra, porque aos oficiais era permitido ler os jornais ingleses, que eram trazidos diariamente pelo guarda que nos contava pela manhã, e que vinha ver se ninguém de nós tinha fugido. Estes soldados aparentavam um modo desmoralizado, por motivos que são fáceis de entender: maus-tratos dos ingleses e as notícias desastrosas do front da Itália e da Alemanha abalados [...] Acredite em mim, disse certa vez com vigor o Sg. Graff, a Inglaterra um dia sentirá amargamente de ter feito guerra ao Fascismo [...]

Essa passagem ajuda a perceber quanto a memória é ao mesmo tempo um exercício individual, mas também coletivo.²⁶³ A passagem final do relato é importante porque é no interior dos grupos que os sentimentos de hostilidade são compartilhados e solidarizados.²⁶⁴ “[...] a Inglaterra um dia sentirá amargamente”, demonstra a atmosfera de vingança que circulava entre os presos. A esse respeito Ansart defende que: “Nas disputas políticas, o ódio comum possibilita o esquecimento das querelas internas e assegura a união em uma mesma comunhão de ódio.”²⁶⁵

Não se deve menosprezar o componente coletivo que viabilizou a construção da memória do capelão. Há um dialogismo entre a memória individual e a memória coletiva. A memória é sim um discurso que se trava consigo, mas é também portador dos traços do outro. Faz sentido pensar em uma memória compartilhada, que se estrutura na relação do si, dos próximos e dos outros.²⁶⁶

Essa memória compartilhada faz sentido quando observamos que os capelães que tinham maior mobilidade se comparados aos demais presos, naquele ambiente que apesar das restrições, era propício à conversas entre soldados e oficiais e também entre os guardas ingleses, possibilitaram o compartilhamento de experiências. A narrativa do capelão é formulada a partir dessas relações.

Ao mesmo tempo, o capelão unificou numa sequência lógica os acontecimentos, nunca os recriando na sua completude, mas operando uma espécie de ficção unificadora com vistas a tornar coerente e envolvente o discurso.

Cabe destacar, para concluir, que a memória humana é conflitiva, tem seu lado ensolarado e sombrio, isto porque opera escolhas entre as lembranças aceitáveis, e aquelas

²⁶² BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.* p.192. Parênteses nosso.

²⁶³ Agostinho ao contrário entendia a memória como um exercício interior. “Aí me encontro também comigo mesmo e recordo-me de mim, do que fiz, quando e onde o fiz, e de que modo fui impressionado quando o fazia”.

AGOSTINHO. *Op. cit.* p. 55.

²⁶⁴ ANSART, Pierre. *Op. cit.* p. 21.

²⁶⁵ *Ibid.* p. 22.

²⁶⁶ *Ibid.* p.142.

insuportáveis,²⁶⁷ que devem ser esquecidas. A memória é construída com lembranças e esquecimentos programados.

3.6 ESQUECIMENTO E LUTA CONTRA A INJUSTIÇA.

Lucien Febvre destacou que: “esquecer é uma necessidade para grupos e sociedades que desejam viver”.²⁶⁸ Na mesma polêmica, o italiano Paolo Rossi cita o depoimento de Yehuda Elkana, que depois de ficar 10 anos em Auschwitz, exortava a capacidade de aprender a esquecer para o bem da própria democracia e do povo judeu, que não deveria viver obcecado pelo passado,²⁶⁹ a fim favorecer a vida futura.

Ciente da complicação que caracteriza elogiar o esquecimento, o próprio Rossi, admite que esquecer e tentar abolir os ressentimentos pode ser um ato de “assassinato da memória”.²⁷⁰ Esquecer pode se relacionar com apagar o passado, esconder e ocultar a verdade, gerando a impossibilidade de rever e fazer justiça. De fato o esquecimento na maior parte das vezes não é celebrado, ele é sim, relacionado à falsidade, e tão só como uma distorção da memória.²⁷¹

Entendemos como Candau, que o esquecimento não é uma debilidade, mas sim uma estratégia sutil,²⁷² e por vezes até inconsciente na narrativa. Na mesma linha de pensamento Ricouer, fala de um esquecimento que “[...] omite, e faz negligências seletivas, que revelam o lado ardiloso do inconsciente colocado em postura defensiva”.²⁷³

Se o testemunho de Ermenegildo como dissemos, se justifica pelo ímpeto de tudo relatar, e nada esquecer. Entendemos que é de estratégias responsáveis de omissão e negligência que se inscreve sua narrativa. Omissões que deslocam as ênfases e refiguram os personagens²⁷⁴ do seu discurso.

Justamente em temas sensíveis para o capelão, como a colaboração dos prisioneiros italianos com os ingleses é que constatamos de modo mais flagrante suas omissões e não ditos. Ele justificou sua posição diante da colaboração desta maneira:

²⁶⁷ CANDAU, Jöel. *Op. cit.* p. 72.

²⁶⁸ Ibid. p. 127.

²⁶⁹ ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: UNESP, 2010. p. 37.

²⁷⁰ Ibid. p. 36.

²⁷¹ RICOUER, Paul. *Op. cit.*, p. 435.

²⁷² CANDAU, Jöel. *Op. cit.*, p. 72.

²⁷³ RICOUER, Paul. *Op. cit.*, p. 454.

²⁷⁴ Ibid. p. 455.

Disse brevemente que a cooperação para mim na qualidade de capelão, que deve se ocupar da assistência espiritual dos prisioneiros, não devia em nenhum modo existir, devendo estender minha obra tanto aos cooperadores e aos não cooperadores; portanto similar pergunta não devia ser feita nem ao capelão nem ao médico.²⁷⁵

Aparentemente no discurso com o oficial, log nas primeiras páginas do seu relato, ele permaneceu neutro, mas sua prática foi diferente. O capelão insistia que na sua condição devia ajudar a todos, e de fato ele se deslocava em todos os meios dentro do campo, mas conhecia pouco da rotina dos prisioneiros que colaboravam com os ingleses. É predominante no livro, os diálogos que travava com os não-colaboradores, esses sim padeciam e mereciam ser ouvidos e lembrados por ele; casos de espancamento, exercícios forçados, fome, frio, são ressaltados, dando impressão que as mazelas da prisão ocorriam apenas aos não-colaboradores.

Mimmo Franzinelli cita o caso do capelão Vincent Moro, um pacifista aluno do citado Primo Mazzolari, que relatou a dificuldade encontrada pelos capelães durante a guerra.

Tenho a impressão de que as atividades do capelão, especialmente seus discursos quando explicam o Evangelho ou a doutrina católica, são vigiados, por alguns dos oficiais mais fascistas do fascismo, para quem o fato de que você não falar o Duce em todos os discursos e não pregando quaisquer termos com as palavras fatídicas 'Win - Nós vamos vencer' ! é um indicativo de anti-fascismo ou mesmo antiitalianità.²⁷⁶

Esse evidentemente não era o caso de Ermenegildo, que por escrever em 1947 não sofreu pressão deste tipo. Uma possibilidade que não poder ser descartada é a influência da instituição religiosa de Ermenegildo no momento da escrita, possivelmente os Capuchinhos não iriam permitir um de seus sacerdotes promovendo as glórias do fascismo. Aliás, é interessante perceber que Ermenegildo não citou nenhum outro Capuchinho capelão durante a escrita.

Ficou claro o foco das preferências do padre e o esquecimento seletivo de sua memória. Ele dava ênfase aos fascistas torturados, e omitia a situação dos colaboradores, que eram a maioria, em parte porque passou maior tempo nos campos 92 e 175, destinados aos não-colaboradores. Mas isto não esconde sua seletividade, pois não expressou senão com sérias críticas as decisões e a rotina dos colaboradores. Rotulando-os como homens fracos, sem causa.

²⁷⁵ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.*, p. 46.

²⁷⁶ FRANZINELLI, Mimmo. *Op. cit.* apud. MORO, Vincent. *Breve relazione religiosa-morale*, 21 gennaio 1942. p.3

Pelo meio dia soubemos que uma boa maioria do campo não havia cooperado, entre estes estavam sem dúvida os melhores elementos, ou seja todos os professores, exceto um, muitos dos suboficiais, e tantos bons elementos do campo. Aqueles que haviam dado a própria adesão a cooperação era um grupo que formava a companhia teatral, estes não suportavam a disciplina do campo e aqueles que esperavam encontrar uma vez fora do campo uma maneira de se divertir e ter uma vida folgada.²⁷⁷

O capelão mostrou a face ardilosa da memória operada pelo esquecimento. “Todos aqueles que não haviam assinado a cooperação, no dia 27 de abril de 1945 foram submetidos a uma prova duríssima, cruel”.²⁷⁸ Os demais, que colaboraram com os ingleses, já estariam em “situação confortável”, recebendo as “benesses” da prisão, e por isso ficavam à sombra de sua memória.

Concordamos com Rossi, quando disse que memória e esquecimento funcionam dialeticamente, “[...] esquecer é condição primeira e essencial da possibilidade de lembrar”,²⁷⁹ lembramos e esquecemos seletivamente, e Ermenegildo é prova disso.

Esse discurso que enfatizava os não-colaboradores como vítimas inocentes, “cujas forças nefastas e perversas” dos ingleses são descarregadas injustamente, é uma característica predominante do livro de memórias da capelão. Ricouer aponta que: “Ter sido vítima dá o direito de se queixar, protestar e reclamar, e o mundo é considerado devedor das promissórias destas pessoas.”²⁸⁰

Ermenegildo fez referências a jornais como o Daily Mail²⁸¹ e o Corriere Del Sabato,²⁸² este último de circulação interna nos campos, e de viés cooperacionista. Os prisioneiros eram informados sobre o mundo externo, principalmente sobre o avanço das tropas dos Aliados, escutava-se inclusive rádio nos campos. “Na rádio de Londres Stevens e Candidus diziam que os prisioneiros italianos comiam e bebiam bem”,²⁸³ disse o capelão, inconformado com as mentiras veiculadas pela imprensa.

Num dos raros momentos que fala dos alemães, Ermenegildo inclusive relacionou o campo 175, como o “Belsen da Inglaterra”, e comparou os torturadores da sala de tortura “33” com “Himler”. Apesar de existirem paralelos entre os campos de prisioneiros e os campos de extermínios, no que diz respeito à estrutura física, em praticamente tudo é arriscado estabelecer paralelos. A despeito de muitos campos de prisioneiros não cumprirem

²⁷⁷ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.*, p. 45.

²⁷⁸ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.*, p. 173.

²⁷⁹ ROSSI, Paolo. *Op. cit.*, p. 183

²⁸⁰ RICOUER, Paul. *Op. cit.*, p. 99.

²⁸¹ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.*, p. 282.

²⁸² *Ibid.* p. 269.

²⁸³ *Ibid.* p. 173.

rigorosamente a Convenção de Genebra, eles estavam submetidos a ela, os prisioneiros que trabalhavam ganhavam baixos salários, além disso, nos campos destinados aos colaboradores, os presos podiam sair, existia um serviço de correspondências regular.

Nos campos de extermínio, como o nome já diz, nada disso era possível. Para o judeu italiano Primo Levi, que relatou sua experiência em Auschwitz. “Sucumbir é mais fácil: basta executar cada ordem recebida, comer apenas a ração, obedecer à disciplina do trabalho do Campo. Desse modo, a experiência demonstra que não se aguenta quase nunca mais do que três meses.”²⁸⁴

Não sabemos se as atrocidades cometidas pelo nazismo eram conhecidas por Ermenegildo desde o campo, ou as informações foram obtidas depois da repatriação. Na fase que escrevia seu relato em 1947, quando comparava o Campo de Extermínio de Bergen-Belsen e citava o nome de Heinrich Himmler, um dos responsáveis pela realização do extermínio em massa dos judeus. Evidentemente o capelão cometia um exagero comparando tal realidade com os campos de prisioneiros. Já as referências aos judeus são exíguas no relato, somente os cita quando os compara com os ingleses e os fenícios. “[...] todos eles tiram proveito nos negócios”,²⁸⁵ resumiu.

A memória sente a necessidade de lutar pela reconstrução do passado, porém as condições do presente que se narra podem censurar as lembranças. Esquecer ou guardar silêncio²⁸⁶ de um sofrimento, ou suprimir lembranças condenáveis são algumas das condições que viabilizam o esquecimento seletivo.

Paul Ricouer justificou a obra que nos fornece a base teórica para esta discussão, dizendo que foi fruto de sua “[...] preocupação inquietante que é o espetáculo que apresentam o excesso de memória aqui, o excesso de esquecimento acolá, sem falar da influência das comemorações e dos erros da memória – e de esquecimento”.²⁸⁷ Os escritos de Bortolato nos suscitaram igualmente tal inquietação.

Observamos que o capelão na sua operação narrativa apresentou tanto detalhes excessivos, quanto silêncios profundos, e aqui fazemos menção ao fato de que ao longo das 304 páginas não fazer nenhuma citação dos evangelhos. Os livros de cabeceira de qualquer sacerdote são amplamente ignorados pelo capelão. Com vistas a interpretar essas e outras

²⁸⁴ LEVI, Primo. *É Isto um Homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p. 129.

²⁸⁵ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.*, p. 145.

²⁸⁶ POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. p. 6.

²⁸⁷ *Ibid.* p. 17.

contradições no testemunho de Ermenegildo, é que se pretende dar agora um tratamento analítico ao tema.

3.7 TESTEMUNHO: A MEMÓRIA POSTA À PROVA

O testemunho é uma experiência declarada, culminada como prova documental, e meio sob o qual se desenvolve a operação historiográfica. Se desdobra segundo Ricouer em três níveis, quais sejam: a percepção de uma cena vivida, a retenção de uma lembrança e a declaração de uma narrativa.²⁸⁸

Ao discutir o testemunho, Ricouer, sinalizou quatro componentes, que a testemunha lança mão para gerar uma confiabilidade no leitor. São eles:

- a) A presença do narrador na cena;
- b) O próprio fato de a testemunha nomear-se a si mesma;
- c) Exigência da testemunha para que lhe dê crédito;
- d) O confronto da versão, com as outras testemunhas que estavam presentes.

Todo esse processo estruturante do testemunho, ao ser resumido pode responder a pergunta de um leitor incrédulo. É verdade isto que você disse? O testemunho deixa implícita a resposta seguindo o roteiro dos quatro pontos elencados acima: “Eu estava lá, acredite em mim, se não confiar, pergunte às outras pessoas que estavam comigo”.

De acordo com Beatriz Sarlo, essa confiança ingênua do leitor diante de uma narração portadora de tais características faz do testemunho a verdade mais alta e inquestionável.²⁸⁹ Não cabem à primeira vista, mais esclarecimentos sobre a veracidade de um testemunho nessas condições.

O testemunho, no entanto, deve ser interpretado e submetido à crítica, porque a memória assim como a história é um espaço impregnado de ideologias.²⁹⁰ A testemunha não esteve distante, ela mesma sofreu as implicações do que narrou,²⁹¹ não foi uma expectadora. Seu relato envolveu autodefesa e alta carga emocional.

²⁸⁸ RICOUER, Paul. *Op. cit.*, p. 171

²⁸⁹ SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 48

²⁹⁰ *Ibid.* p. 67.

²⁹¹ RICOUER, Paul. *Op. cit.*, p. 187.

Para Sarlo deve-se questionar: “em que presente se narra, em que presente se rememora e qual é o passado que se recupera.”²⁹² Com este itinerário, será possível iniciar um tratamento analítico do testemunho.

O presente que Ermenegildo rememorou foi a Itália do pós-guerra, o cenário dos vencedores *versus* derrotados, como já citado no seu diálogo com o capitão Salvidio.

A memória impedida do capelão fascista, que Pollak ao tratar dos deportados, dos colaboradores dos nazistas, e das minorias do pós-guerra, bem definiu como uma memória subterrânea e clandestina,²⁹³ foi extravasada pela escrita. Ermenegildo teve a pretensão de sair da marginalidade, e isso no mesmo período que a batalha pela memória já tinha começado,²⁹⁴ e relegava as lembranças de derrotados como ele ao esquecimento.

No pós-guerra, a memória do fascismo e de seus simpatizantes era rejeitada amplamente pela sociedade italiana, tal memória envergonhava a nação. Ermenegildo, no entanto, realçou as qualidades e glórias do regime derrubado, e ainda descarregou seus ressentimentos no texto.

A rememoração também se identifica como um trabalho de luto,²⁹⁵ em que o narrador trás à tona suas feridas, a fim de tratá-las. O dever de memória tem esse papel terapêutico que é impelido por um sentimento de reparação, e evocado como um “conjunto de estratégias”,²⁹⁶ que moldam e selecionam as lembranças passadas.

Esse exercício de rememoração, que se firma na atualidade, no caso de Ermenegildo está vinculada a um sentimento de protesto moral e político anti-britânico, que se transformou na sua última batalha, a batalha pela justiça de sua memória. “É a justiça que, ao extrair das lembranças traumatizantes seu valor exemplar, transforma a memória em projeto; e é esse mesmo projeto de justiça que dá ao dever de memória a forma do futuro e do imperativo”.²⁹⁷

Devido às experiências traumáticas do século XX, a historiografia é confrontada pelas “[...] narrações testemunhais, que passam a ser não as únicas fontes, mas instrumentos privilegiados para compreender os crimes perpetrados por regimes totalitários e ditaduras”.²⁹⁸ Quem narra, tem a certeza que precisa ser lido, ouvido, conhecido e emergir do esquecimento é um dos objetivos de uma memória ferida.

²⁹² SARLO, Beatriz. *Op. cit.*, p. 49.

²⁹³ POLLAK, Michael. *Op. cit.* p. 3.

²⁹⁴ Ibid. p. 4.

²⁹⁵ RICOUER, Paul. *Op. cit.* p. 100.

²⁹⁶ CANDAU, Jöel. *Op. cit.*, p. 10.

²⁹⁷ RICOUER, Paul. *Op. cit.*, p. 101.

²⁹⁸ SARLO, Beatriz. *Op. cit.*, p. 48.

Ermenegildo não perdeu a oportunidade de entregar uma carta denúncia no Estado do Vaticano, quando estava em Roma em 1947. Nessa ocasião ele relatou como 300 prisioneiros foram para a enfermaria do campo 175. De acordo com ele, os ingleses pediram para que todos tirassem a roupa, sendo logo em seguida espancados com porretes, contou o capelão. Esse episódio resultou na morte de Mandarano Angelo, um jovem soldado que pagou com a vida a recusa de realizar a saudação aos britânicos. Segundo relatou, vários prisioneiros tiveram suas costelas e dentes quebrados, um deles urinou sangue por dois meses.²⁹⁹ “O soldado Mandarano Angelo deixou a vida, merece atenção especial às circunstâncias de sua morte, porque a perfídia inglesa fez parecer que a causa da morte foi outra daquela que era verdadeiramente”.³⁰⁰

Ao denunciar, Ermenegildo faz justiça não apenas para si, mas para os outros. O que caracteriza tal sentimento de justiça é esse desejo de fazer bem ao próximo.³⁰¹ Destaque-se também a vontade de que os torturadores fossem identificados e punidos.

Para o leitor é justificado e bem convincente o relato do capelão, na medida em que constitui a *única* forma de confrontar o discurso oficial inglês, que atribuiu a morte do soldado, segundo Ermenegildo, a problemas pulmonares.

Na passagem abaixo que se encontra no final do livro de memórias, é possível verificar componentes importantes do testemunho até aqui discutidos.

O dia 14 de agosto de passagem por Roma, fui ao Vaticano e naquela ocasião apresentei ao Santo Padre um depoimento bem detalhado dos fatos sanguinários ocorridos no campo 175, do dia inesquecível de 13 de fevereiro de 45. O Santo Padre agradeceu por meio da Secretaria de Estado. No dia 17 juntei-me finalmente entre os meus. Através destas linhas está toda a história da minha longa prisão sob os ingleses, que tentei colocar aos olhos do leitor, com a fidelidade maior, que me foi possível, todos os episódios mais importantes que me ocorreram durante este tempo, a fim de que o mesmo leitor possa formar uma ideia mais ou menos exata de muitos homens.³⁰²

É interessante a afirmação de que sua carta apresenta um relato “bem detalhado”. Sarlo chama a atenção para o fato de que a “verdade se encontra no detalhe”. A intriga cheia de minúcias se fecha em si mesma, a ponto de gerar a inutilidade da investigação, uma vez que os detalhes são suficientes para entender a sequência lógica³⁰³ das causas e consequências do fato.

²⁹⁹ BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.* p. 162.

³⁰⁰ Ibid. p. 162.

³⁰¹ RICOUER, Paul. *Op. cit.*, p. 101.

³⁰² BORTOLATO, Ermenegildo. *Op. cit.*, p. 302.

³⁰³ SARLO, Beatriz. *Op. cit.*, p. 52.

Expressões como “maior fidelidade possível” e “leitor possa formar uma ideia mais ou menos exata”, encontram-se no final do testemunho. De forma perspicaz, chamamos a atenção para a confiança que o capelão pretendeu despertar no leitor.

Ao posicionar-se como vítima no testemunho, o narrador se investe de legitimidade, pois os leitores se colocam como devedores³⁰⁴ do relato, a ponto de ser monstruoso duvidá-lo.³⁰⁵ Nesse sentido seria inconcebível definir o testemunho prisional como mentiroso, refutar a fala de um sobrevivente, seria como negar as barbáries que sofreu.

Não pretendemos realizar aqui uma “defesa” da memória de Ermenegildo, apesar dela ser a protagonista deste estudo, mas não podemos menosprezar seus erros e abusos, ou permanecer na ingenuidade de encará-la como a verdade absoluta. Destaque-se para finalizar, que a memória, sendo uma fonte privilegiada na busca do passado, se caracteriza por esse equilíbrio precário, que comporta contradições e tensões. Qualquer estudo com a problemática da memória deve passar pelo crivo da interpretação e da crítica.

³⁰⁴ Ibid. p. 9

³⁰⁵ Ibid. p. 46.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro de memórias do capelão Ermenegildo Bortolato caracteriza um tipo de fonte que tem ganhado a atenção dos pesquisadores nas ciências humanas, as chamadas escritas de si. O texto aqui analisado é altamente convincente, pois o capelão se preocupava em ser compreendido como um narrador objetivo dos fatos, e nos impeliu no início do estudo a atestar suas palavras como verdade em cada linha. Entendíamos ser por algum tempo os porta-vozes do padre.

O terceiro capítulo representou um esforço contrário a essa sedução pela fonte. Substituímos uma análise que pretendesse asseverar a verdade a todo custo, por outra voltada a compreender o significado das palavras e ações do capelão, mais preocupada em entender o indivíduo que narrava. Nesse sentido a ordenação dos fatos, as escolhas, os silêncios e os dilemas do capelão estiveram no centro do debate.

Essas estratégias representam um esforço do indivíduo em construir sua própria identidade. De certa forma Ermenegildo “matou” nele o que havia de Appolonio, e tampouco sentia que o hábito franciscano pudesse ser utilizado depois do conflito e prisão. Tal recusa representou o esforço do frei de se desvincular de uma identidade.

O Ermenegildo do pós-guerra também decidiu deixar a Itália e a própria família, do ponto de vista religioso o fato de não se comunicar mais com seus familiares, e até mesmo recusar o adeus a uma de suas irmãs, segundo relatos de Otello, corrobora com seu perfil austero, determinado e irredutível quando tomava decisões. Nunca mais regressar ao país pelo qual lutava, e deixá-lo naquele momento difícil, mostrou um homem convicto a dar um novo rumo à própria vida.

O olhar apaixonado da guerra e das prisões, o olhar de admiração de um sobrinho, e agora um tratamento científico de seus escritos, formam um mosaico de interpretações sobre o padre, que certamente enriquecem sua vida complexa, mas estão longe abarcar a totalidade sua trajetória, com suas contradições.

Houve um Appolonio, e também um Ermenegildo das memórias, que recusava ser chamado assim. Um Ermenegildo foi narrado por Otello Bortolato, e finalmente um Ermenegildo foi apresentado por nós. Qual deles explica de forma mais contundente quem foi e como agiu aquele homem?

As escritas como as de Ermenegildo caracterizam uma “Produção de modos de perceber o mundo, e construir um mundo”.³⁰⁶ Acrescentamos que além disso, sua batalha não havia terminado no *front*, ou nos campos de prisioneiros, porque ela continuou na máquina de escrever. Ermenegildo estava disposto a derrotar quem nomeava como opressor nas suas memórias. A escrita das memórias também marcou o fechamento de uma etapa em sua vida, em que o frei, patriota e prisioneiro, era abruptamente deixado de lado para dar espaço ao padre diocesano e missionário no Brasil.

Provavelmente a guerra não saiu dele, alguém afetado por tais lembranças nunca mais é o mesmo. Por mais que tenha deixado a família, a pátria, a vida religiosa, Ermenegildo carregava na bagagem o pesado livro de memórias, que apesar de nunca editado ou traduzido até o presente momento, era um dos únicos resquícios da Itália que deixava, do homem que foi.

Como dissemos no segundo capítulo, seu relato foi composto de uma linearidade de fatos, e dessa forma o expomos. Ele ofereceu ao leitor uma gradação de acontecimentos, com os quais podíamos nos situar em cada fase de sua prisão, desde a captura até o repatriamento. Mas ao mesmo tempo sobreposta a esta elaboração linear, o tema da colaboração dos prisioneiros era recorrente na sua narrativa. Ao enfatizar o assunto e para isto utilizava a caixa alta ou sublinhado, o capelão quebrava a sequência linear para em seguida retomar a discussão.

A integração desse tipo de relato linear com aspectos continuamente reiterados pelo entrevistado e ainda um último nível que dá consistência ao relato, apresentou o esforço de Ermenegildo em construir sua própria identidade.³⁰⁷

O funcionamento conjunto dessas três estruturas chamadas por Alessandro Portelli de *princípio de simetria* marca o processo de construção de si. Ermenegildo na camada mais funda de sua narrativa, o capelão visava dar unicidade ao seu “eu”. Esta camada mais profunda que não foi explicitada por ele, revelou que por trás do homem injustiçado e vítima de um mundo externo hostil e mutável, seguia um Ermenegildo obstinado na disposição de não colaborar, revestido do sentimento de honradez que seu posto exigia.

³⁰⁶ MONTANARI, Federico. Op. cit. p. 73.

³⁰⁷ PORTELLI, Alessandro. *O melhor limpa-latas da cidade: A vida e os tempos de Valtèro Peppoloni, trabalhador*. Oral History Review, v.26, n.1, 1988. p. 69-89. In.: PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 170.

Os prisioneiros de guerra que modificavam seu status a cada momento, estavam numa zona “cinzenta”. Aos olhos da população britânica, os prisioneiros não gozavam dos mesmos direitos e deveres dos cidadãos, para as autoridades britânicas deixaram de ser prisioneiros a partir de 8 de setembro de 1943, tornando-se colaboradores. Ao chegarem à Itália eram considerados ex-prisioneiros e ex-combatentes, e como vimos, precisavam novamente buscar seu lugar no mercado de trabalho. Quem eram aqueles homens? Qual seu status afinal? Sem dúvida Ermenegildo estava confuso em 1947, o tom de denúncia de seus escritos, e o fato de basear grande parte dele aos diálogos travados entre os presos, dando voz a eles, é a marca predominante de Ermenegildo. Ermenegildo escrevia para si? Ou para os outros? A leitura de suas memórias demonstrou a tentativa do capelão de entrelaçar essas duas dimensões na escrita.

Ao construir o primeiro capítulo nos preocupamos com o campo sob o qual estava imerso o capelão, na tentativa de encontrar um rótulo que comportasse sua personalidade de prisioneiro. Na observação de suas memórias, o qualificamos como um fascista convicto. Trabalhamos com esta certeza porque de fato existiam padrões como a intolerância ao outro e o nacionalismo exacerbado que se verificam no seu discurso.

Mas a realidade nos campos de prisioneiros era muito mais complexa e heterogênea, enquanto as autoridades os julgavam fascistas não colaboradores, ou antifascistas colaboradores, no cotidiano prisional existiam até mesmo campos cujos prisioneiros tinham afinidades com o comunismo, ou ainda aqueles que para manter a coerência com o posto ocupado decidiam não colaborar.

No que tange a um engajamento oficial, o capelão não foi membro do PNF, se militou no partido, foi pouco provável que sua participação tenha ido além de espectador em comícios. Pelo seu discurso depreendemos que era um entusiasta da ordem, do civismo, do conservadorismo. Também era intensamente dedicado as tarefas de capelão, haja vista as negociações feitas a respeito da construção da capela, e na preocupação com a condição religiosa dos prisioneiros, fatores mais contundentes no início de suas memórias, mas presentes ao longo de todo o relato.

Existe uma linha tênue que afasta e aproxima o prisioneiro não colaborador do perfil de fascista, Ermenegildo ultrapassou na maior parte do tempo essa linha aproximando-se como percebemos pelo seu discurso, do que caracterizamos como o comportamento do *modelo ideal* de fascista, movido por ódio, racismo, nacionalismo, intolerância religiosa. Talvez a dificuldade encontrada para compreender quem foi Ermenegildo, em parte se explica

pelo fato de procurarmos modelos e acabarmos concluindo que por mais que as trajetórias pessoais se aproximem de tais modelos, elas são únicas.

Evidentemente as possibilidades de trabalho no que diz respeito a esta fonte não se esgotaram, um ponto que poderia ter maior destaque seria o cotidiano dos campos de prisioneiros italianos, visto que tal fonte é repleta de minúcias sobre o funcionamento dos mesmos. Outra possibilidade seria uma incursão na História Intelectual, afinal as memórias de Ermenegildo não estão isoladas, estão em “combate” com a memória oficial que relegou ao passado a vida daqueles que se implicaram de alguma forma no fascismo.

Ermenegildo foi um vencido, odiou seus inimigos, em particular os ingleses, se sentiu humilhado por eles, e guardou nas lembranças experiências difíceis de serem esquecidas. Era um homem ressentido que percebeu na escrita uma maneira de extravasar memórias permeadas de paixões, que afinal o colocaram entre o fascio e a cruz.

FONTES

BORTOLATO, Ermenegildo. *Tre anni di prigionia sotto gli inglesi: dal maggio 1943 all'agosto de 1946*. Veneza, 1947.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. *Confissões: Livros VII, X e XI*. Tradutores: Arnaldo do Espírito Santo, João Beato, Maria Cristina Castro. Covilhã: Lusofia, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANSART, Pierre. *As humilhações políticas*. In: MARSON, Isabel & NAXARA, Marcia. *Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia, EDUFU, 2005.

_____. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, ano 17, n. 33, jul / dez 2000, p. 145-164.

ANSART, Pierre. *História e Memória dos Ressentimentos*. In.: BRESCIANI, Stella, NAXARA, Márcia. (orgs). *Memória e (Res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2004.

ARENDT, Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARISTÓTELES. *Parva Naturalia*. Tradução: Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2012.

BENDISCIOLI, Mario. *La Santa Sede y los gobiernos europeos*. In.: JEDIN, Hubert. *Manual de historia de la Iglesia: La Iglesia entre la adaptación y la resistência*. v. VIII. Editorial Herder: Barcelona, 1978.

BERTONHA, João Fábio. *Os Italianos*. São Paulo: Contexto, 2014.

BESSEN, José A. Pe. *Hermenegildo Bortolato: Soldado da Pátria, soldado da Igreja*. Disponível em: <https://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/1612-2/> Acesso em: 11/01/2016.

BOCCA, Giorgio. *Storia d'Italia nella guerra fascista, 1940-1943*. vols. 1 e 2. Roma. Editore Laterza, 1977

BORTOLATO, Otello. **Para além das fronteiras**: Pe. Hermenegildo Bortolato, de Noale para o Brasil-capuchinho, capelão militar, missionário. Tradução de Élcio Alberton. Rio das Antas: Clube dos Autores, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, J. & FERREIRA, M. M.. *Usos e Abusos de História Oral* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

CANDAU, Jöel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA: Edição Típica Vaticana. Edições Loyola: São Paulo, 2000.

CONTI, Flavio Giovanni. *I prigionieri di guerra italiani 1940–1945*. Bologna: Il Mulino, 1986.

CONVENÇÃO RELATIVA AO TRATAMENTO DOS PRISIONEIROS DE GUERRA. Genebra, 27 jul. 1929. Disponível em: <https://ihl-databases.icrc.org/ihl/INTRO/305?OpenDocument> Acesso em: 20 jan. de 2016.

CORNER, Paul. *State and Society in Italy, 1901-1922*. Liberal and Fascist Italy, OUP, Oxford 2001.

COUTROT, Aline. Religião e Política. In.: Rémond, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

DE FELICE, Renzo. *Breve Storia del Fascismo*. Mondadori: Milano, 2000.

_____. *Explicar o Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

DE PROSPO, Mario. *I prigionieri di guerra italiani negli Stati Uniti e il dilemma della cooperazione* (1944-46). *Diacronie: Studi di Storia Contemporanea*. n. 1, 2010.

DI MAIO, Tiziana. *Between the Crisis of the Liberal State, Fascism and Democratic Perspective: The Popular Party in Italy*. In.: KAISER, Wolfram, WOHNOUT, Helmut. *Political Catholicism in Europe 1918-1945*. v. 1. Roudledge: New York, 2004. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/non-abbiamo-bisogno.html>

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.

EATWELL, Roger. *Reflections on Fascism and Religion*. Special Issue of *Totalitarian Movements and Political Religions*, v. 4, n. 3, 2003.

ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FRANZINELLI, Mimmo. *La religione castrense tra ammortizzazione e legittimazione della violenza bellica*. *L'impegno*. n. 2. ago. 1995.

GENTILE, Emílio. *Il culto del Littorio*. Roma: Laterza, 1993.

_____. *Political Religion: A Concept and its Critics*. A Critical Survey. *Totalitarian Movements and Political Religions*, v.. 6, n.. 1, p. 19–32, jun. 2005.

GENTILE, Emilio. *Itália Fascista: do partido armado ao Estado Totalitário*. in. GENTILE, Emilio & FELICE, Renzo de. *A Itália de Mussolini e a Origem do Fascismo*. São Paulo: Ícone Editora, 1988.

GIARDINA, Andrea. *O mito fascista da Romanidade*. *Estudos Avançados*, n. 22, 2008.

GOMES, A. C.; SCHMIDT, B. B. (org). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONÇALVES, Williams da Silva, *A Segunda Guerra Mundial*. In: FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge. ZENHA, Celeste (org). O século XX. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.

GRIFFIN, Roger. *The Holy Storm: Clerical Fascism through the Lens of Modernism. Totalitarian Movements and Political Religions*, v. 8, n. 2, 2007.

_____. *The nature of fascism*. New York: Routledge, 2006.

HELLEN, J. Anthony. Temporary settlements and transient populations the legacy of Britain's prisoner of war camps: 1940-1948. *Erdkund*, Band 53, 1999.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*.

JACKSON, Sophie. *Churchill's unexpected guests: prisoners of War in Britain in World War II*. The History Press: Gloucestershire, 2013.

JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

JUDT, Tony. *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LE GOFF, Jacques. *São Luís*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LEVI, Primo. *É Isto um Homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MARTINA, Giacomo. *História da Igreja: De Lutero a nossos dias*. IV – A Era Contemporânea. São Paulo: Edições Loyola. 1997.

MATANIC, Atanasio. Il Primo Ordine Franciscano: sintesi di storia e spiritualità. In.: BOSI, Roberto . Gli ordini religiosi: storia e spiritualità. Benedettini, Cistercensi, Francescani, Domenicani, Gesuiti. Nardini Editore: Firenze, 1992.

MAZZOLARI, Primo. *A Igreja, o fascismo e a guerra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1966.

MILZA, Pierre. *Mussolini*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

MONTALBANO, Samuele. *Ermanno Rostan: cappellano militare Valdese 1940-1943*. Torino: Claudiana, 2005.

MONTANARI, Federico. *A partire dai diari di guerra: alcune considerazioni sui testi di memória*. In: FASULO, Alessandra. Superfici del Sé: narrazioni, scritture e identità. *Rassegna di Psicologia*, v. 21. n. 1, 2004.

MONTANELLI. Indro. *L'Italia di Giolitti (1900-1920)*, Milano: Rizzoli, 1974.

_____. *Storia D'Italia: 1861-1919*. Edizione Per Oggi: Milano, 2006.

MUSSOLINI, Benito. *Aspectos da Crise Mundial*. Editor Arturo Vecchi: Rio de Janeiro, 1934. Itálico nosso.

_____. *Opera Omnia*: dal viaggio in Germania all'intervento dell'Italia nella Seconda Guerra Mondiale (1 ottobre 1937 – 10 giugno 1940). Firenze: La Fenice, 1959.

O'CONNOR, Desmond. *From Tobruk to Clare*: the experiences of the Italian prisoner of war Luigi Bortolotti 1941-1946. Flinders University Language Group Online, v.1, 2003.

PARIS, Robert. *As Origens do Fascismo*. Tradução de Elisabete Perez. São Paulo: Perspectiva S.A., 1976.

PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAYNE, Stanley. *El Fascismo*. Alianza Editorial, 2005.

PIO XI, Carta Encíclica: *Non abbiamo bisogno*: acerca del Fascismo y la Acción Católica.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. *O melhor limpa-latas da cidade*: A vida e os tempos de Valtêro Peppoloni, trabalhador. Oral History Review, v.26, n.1, 1988. p. 69-89. In.: PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento*: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: UNESP, 2010.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do fascismo*. São Paulo: Agir, 2009.

SETTEMBRINI, Domenico. *Liberalismo*. In.: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora UNB, 1 ed. 1998.

SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial*: História Completa. São Paulo: Contexto, 2013.

STERNBERG, Robert J., Karin Sternberg. *Nature of Hate*. Cambridge University Press, 2008.

SUTHERLAND, Jon. *Prisoner of War Camps in Britain*: during the Second World War. Golden Guides Press, 2012.

SZNAJDER, Mario. *Fascismo e Intolerância*. In.: CARNEIRO, Maria L. Tucci, CROCI, Federico. *Tempos de Fascismos: Ideologia, Intolerância, Imaginário*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

TASCA, Angelo. *El Nacimiento del Fascismo*. Barcelona: Ariel, 1967.

THOMAS, Roger J. C. Prisoner of War Camps (1939-1945). Twentieth Century military Recording Project. English Heritage, 2003.

TRAVERSO, Enzo. *Interpretar el fascismo*: Notas sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell y Emilio Gentile. Ayer, 2005.

VÁZQUEZ, Juan. *As forças de Rommel estabelecem-se na Caldeira*. In.: 70º aniversário da 2ª Guerra Mundial, v. 18. 1941-1943: A Alemanha dá adeus ao Norte da África. São Paulo: Abril Coleções, 2009.

ZAGHENI, Guido. A Idade Contemporânea: Curso de História da Igreja IV.

ANEXOS - PÁGINAS DO LIVRO DE MEMÓRIA DE ERMENEGILDO

- 1 -

TRE ANNI DI PRIGIONIA SOTTO GLI INGLESI, DAL MAGGIO 1943
ALL'AGOSTO 1946

Relazione del Cappellano Mil.
Bortolato D. Ermenegildo.

oooooooooooooooooooooooooooo

Il giorno 31 ottobre 1942, in piena offensiva Inglese su tutto il fronte di El Alamein, l'Ospedale da Campo 894, situato nella zona fra El Alamein e El Dabá, portante ben visibili i segni della Croce rossa, venne quasi distrutto da un bombardiere Inglese, che lasciò cadere tre bombe di medio calibro. Erano le 13 e 30° e il cielo rischiarato da un sole brillantissimo, per cui l'aereo Inglese ebbe un facile bersaglio. Distrusse due tende-padiglione, colpì la baracchetta chirurgica e vi fece 22 morti fra il personale ricoverato. Io, come Cappellano dell'Ospedale medesimo ebbi cura dei feriti e ammalati rimasti e diedi sepoltura nei giorni 1 e 2 novembre ai 22 morti nel Cimitero Militare di El-Dabá, mentre nello stesso tempo dei caccia Inglese ci venivano a mitragliare a bassa quota. Nella notte fra il 3 e 4 novembre sotto un intenso bombardamento aereo Inglese quello che era rimasto dell'Ospedale ripiegò su Marsa Matrúk prima e poi su Bengasi e Tripoli.

Cessata l'unità Sanitaria per mancanza di mezzi, fui assegnata come Cappellano con le truppe Combattenti del 65° Fanteria Div. Motorizzata Trieste. Raggiunsi il nuovo reparto verso la metà di Dicembre nella Sirtica e partecipai a tutti i fatti d'arme della medesima Divisione fino alla caduta completa del fronte Italo-Tedesco sul suolo Africano. Questo accadde il 13 Maggio 1943, dopo che i nostri avevano intensamente combattuto per circa un mese fino a esaurimento completo di mezzi e munizioni. Io mi trovavo allora schierata col 65° Fanteria nella zona di Enfidaville, circa 70 Km. a sud-est di Tunisi; di fronte a noi si trovavano le truppe Inglese dell'Ottava Armata, comandata da Montgomery.

Il patto di armistizio doveva aver vigore dall'ore 0° ~~fx~~ (zero) del 13; ma il nemico, mancando al patto stesso, verso le ore 7° del mattino, improvvisamente sparò alcune decine di colpi di cannone sulle nostre truppe. Rimase seriamente ferito da scheggia di granata un Tenente di Fanteria del 1° Battaglione. Non so se altri pure rimasero colpiti. Alle 10 e 30° venne un Tenente De Gaullista, facente parte dell'Armata Inglese, accompagnato da un sottufficiale e da alcuni soldati Senegalesi a prelevare il ~~Comandante Inglese~~ mandante del Reggimento, Colonn. Bernini, col suo Stato Maggiore. L'Ufficiale Medico del Regg.to ed io siamo stati incaricati dall'Ufficiale De Gaullista ad accompagnare con l'autoambulanza, a un Ospeda-

- 20 -

di eccitazione sospettosa che si creava nei nostri Prigionieri. Uno di questi una volta mi confidò che non voleva più andare a sentire la messa detta da Preti Cattolici Inglesi, perchè alla fine della Messa invece di dire le preghiere che diciamo noi, cioè le tre Ave Maria, con i propri Oremus, Gli Inglesi dicevano invece una preghiera per il loro Impero. "Possibile, diss'io, che dicano tale preghiera! Io non mi sono mai accorto. Oppure se la diranno, la diranno privatamente; ma la Messa la devono dire anche loro, come la diciamo noi". Ma il prigioniero diceva il contrario. "Sai dirmi, dissi, quando diceva questa preghiera, e quali parole usava?". Alla fine della Messa, dopo la Salve Regina, a un certo punto, detto: Oremus, soggiunge: Imperi... Imperio... Imperium..... Qualche cosa di simile insomma. "Ah, ho capito! Ma questo non significa in alcun modo Impero o Dominio Inglese. Sono le parole dell'oremus che diciamo anche noi: Imperet illi Deus. E sono parole di invocazione dell'aiuto di Dio contro Satana e gli Angeli ribelli suoi seguaci". Il prigioniero rimase un po' male e soggiunse: "Non lo sapevo. Io credevo e con altri pure, che il Sacerdote pregasse per l'Impero Inglese".

Al principio non erano molti quelli che venivano alla mia Messa, quantunque non ci fosse più la scusa del Prete Inglese, erano circa un centinaio e anche meno; a poco a poco però, come io potevo spesso avvicinarli e parlare insieme ed esprimere reciprocamente il proprio sentimento, il numero dei frequentatori alla Messa andò crescendo, ma non di molto, eccetto alla fine di Maggio, quando cioè nel campo ero riuscito a formare maggior compattezza. Allora per poche settimane il campo veniva alla Messa nella quasi totalità. Ma fu per breve tempo, perchè poi gli Inglesi, visto che le cose andavano bene, cominciarono a impensierirsi e mi cacciarono, come si vedrà, in malo modo al Campo 44, nel Somerset. Quando si stava sotto le tende ancora, io dicevo la Messa sempre all'aperto, tempo permettente, in mezzo al fango, non avendo in tutto il campo un posto che fosse adatto per il Divin Sacrificio. Quello che maggiormente si interessava per raccogliere i soldati alla Messa e per il buon ordine era un Maresciallo dei Carabinieri, che fungeva anche da Capo Campo, il quale però rimase breve tempo con noi, perchè venne trasferito a un altro Campo, il 17 credo, e al posto venne un altro Capo, Maresciallo di Marina, un tale Sterlicchio, che in fatto di sentimento Religioso era molto se non ostacolava coloro che volevano andare alla Messa; io dubito molto che fosse massone. In quanto a condotta morale si dicevano di lui cose piuttosto gravi e so che il Comando Britannico era a conoscenza di questo, ma taceva perchè era uno che faceva gli interessi loro, anche a danno del campo. Mentre ch'egli rimase al Campo 92 "l'opere sue - non furon leonine ma di volpe". Ma non valsero a salvarlo le sue coperte vie, perchè alla fine di Giugno 1944, fu cacciato fuori violentemente dal campo dagli stessi nostri Prigionieri, nè mai più ritornò al campo stesso. Ma certamente gli Inglesi l'avranno ripescato e rimesso in altro luogo dove poteva ancora giovare a loro. Con me diceva di essere amico dei Francescani e che presso la sua abitazione in Sardegna esisteva un Convento di Francescani, dov'egli spesso andava da piccolo ad ascoltare la S. Messa. In genere queste confessioni non richieste fatte davanti a un sacerdote, stanno a dimostrare una coscienza fusa della propria vergogna, che vuol in qualche modo riabilitarsi confessando il bene compiuto, o che si finge di aver compiuto, nel tempo passato. Come ho potuto constatare nei campi da me passati, non entra nel programma dell'erigendo campo da parte Inglese (non so se sia così anche presso altre nazioni) il progetto per la baracca-Cappella, che serva decentemente, al servizio del culto Religioso per il campo medesimo. Gli Inglesi in genere fanno costruire una specie di banco, che si può a tempo conveniente mettere o togliere, il quale

- 73 -

mi lo stesso ordine: "Il Comandante vi vuole immediatamente". Per fortuna il barbiere stava per farmi l'ultima passata con il rasoio. Mi alzai subito e seguii l'Ufficiale Inglese. "Vi ho mandato a chiamare per ben tre volte, disse il Comandante Inglese per mezzo dell'interprete. Perché non vi siete presentato subito?" "Signor Maggiore, ho tardato qualche minuto perché non sapevo che avevate piacere vedermi con la barba mezza ~~xxxxxxx~~ fatta e mezza ancora da fare. Se aveste parlato, non avrei mancato di accontentarvi". Poi con tono arrogante continuò: "Bene, poche chiacchiere. Ho una lettera al vostro riguardo, scritta dal Comando del campo 92, la quale dice che voi avete sobillato il campo 92 e dato dei fastidi al Comandante. Siete insomma un agitatore, suscitatore di troubles". Accennai d'aver capito. ~~Vixxxxxxxx~~ Il Comandante Inglese non parve soddisfatto, soggiunse allora: "Vi domando se è vero tutto questo". "Signor Maggiore, soggiunsi, ~~xxxxxxxxxxxx~~ come si può dubitare di ciò che afferma un vostro collega? Converrà supporre che ciò che afferma un Ufficiale Inglese sia pur vero". Mi guardò alquanto e senza dar segno di irritazione per la mia risposta, soggiunse: "Vi chiedo il vostro parere. Che ne pensate del Comandante del vostro campo, in cui vi trovavate prima?" "Se debbo esprimere il parere, dirò che quanto dice a mio riguardo il Comandante del 92, si deve intendere sicuramente di lui stesso. Era lui, medesimo con i suoi metodi che portava il disordine e l'agitazione al campo 92". Il Maggiore Inglese si tenne soddisfatto della mia risposta; mi rimandò al campo, dicendo: "Bene, voi vi occuperete dell'assistenza religiosa del campo. Non immischiatevi nella politica, che è affar vostro. ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ Intesi? Potete andare". Nel breve periodo che io rimasi al 44 il Comandante Inglese non mi disse più una parola, però teneva verso di me, quando m'incontrava un contegno che io giudicavo alquanto sprezzante, rivolgendomi altrove lo sguardo, e qualche volta entrava, specialmente nei giorni dedicati all'ispezione del campo, entrava improvvisamente nella mia stanza, anche senza picchiare alla porta; forse sperava trovarmi nell'atto di scrivere il piano di ~~xxxxxxx~~ sollevazione del campo contro di lui.

Alcuni giorni dopo che io giunsi al 44, i giornali e la radio Inglese annunziarono lo sbarco della Truppe Anglo-americane nella costa Francese di Normandia. Erano momenti di grande trepidazione per gli Inglesi e anche per noi per ragioni del tutto opposte. Gli Inglesi giustamente pensavano che dalla riuscita o meno di questa impresa, potesse dipendere quasi certamente l'esito della guerra, e perciò in quei giorni mostravano anche esternamente una certa apprensione, parlando poco e aspettando ansiosamente qualche notizia dal giornale. Noi pure si viveva con una certa sospensione d'animo, ~~xxxxxx~~ sperando che gli Inglesi venissero buttati in mare. Ad accrescere maggiormente la trepidazione degli Inglesi, apparvero le notizie nei giornali di una nuova arma tedesca, che veniva lanciata contro l'Inghilterra e principalmente contro Londra, i siluri volanti, o come si dicevano là flying bomb. Noi pure si sentiva talora il fischio caratteristico e poi dopo qualche minuto la cupa risonanza di uno scoppio lontano. Erano i siluri che cadevano nella zona di Cardiff. I giornali ne davano la notizia con molta brevità, senza fare alcun commento e mettendo per lo più la solita frase danni leggeri. Però ci si accorgeva di leggeri che i lettori Inglesi aspettavano sempre qualche cosa di più preciso. Dalla prime voci che correvano al riguardo di queste bombe, si sapeva che capitavano quasi sempre improvvisamente nel bersaglio senza possibilità di riparo; si sapeva che quando cadevano nell'aperta campagna il danno era quasi nullo, che invece era molto grave quando cadeva nell'abitato. Sebbene i giornali tentassero di sminuire l'effetto di queste armi, tuttavia l'opinione Inglese era alquanto scos-

- 117 -

Ufficiali del Campo appena si accorsero, che era giunto come nuovo Interpret^e il Capitano Cabrera, e sapevano che era stato al mio campo 92, mi chiedevano informazioni, per sapere se dovevano guardarsene: "E' una vipera in genere contro tutti quelli che egli ritiene fascisti, e nel modo di trattare è una volpe; all'apparenza sembra un uomo giusto, " tanto benigna è di fuor la pelle", ma appena arriva il momento buono dà il suo colpo mancino". Non fidatevi di lui". Se qualche Ufficiale pareva dubitare, su quanto dicevo, allora soggiungevo: "Parlo per esperienza, come possono pure parlare per loro esperienza personale tanto prigionieri provenienti dal campo 92, e che ora si trovano qui; del resto ciascuno è libero di regolarsi come vuole". Da parte del Capo campo ~~XXXXXX~~ ebbi l'incarico dell'assistenza spirituale dei prigionieri. Là non si trovava un luogo addetto al culto divino, perciò mi diedi d'attorno per vedere di addattare una baracca vuota ~~XXXXXX~~ ^{come} ~~XXXXXX~~ ^{meno} cappellina. A questo scopo reclutai fra i prigionieri più volenterosi alcuni, che si misero subito all'opera per costruire l'altare. D'Achille, anche questa volta, come al campo 92, era il mio braccio destro; faceva ~~di~~ di segnatore, ~~di~~ intagliatore e anche il pittore. Mi fece prima uno schizzo dell'altare e dell'adattamento della baracca, che approvai senza ^{meno} e gli diedi l'incarico di mettersi subito all'opera. Purtroppo il Comando Inglese era lungo e restio nel concedermi ^{egli} ~~quanti~~ articoli necessari al lavoro, largheggiava piuttosto nel concedere il necessario per la costruzione del teatro, che si voleva portare a termine entro breve tempo. Ho potuto in generale osservare in tutti i campi nei quali mi sono trovato, che gli Inglesi sono disposti a secondare la costruzione di teatri per divertimento dei soldati, ma non altrettanto sono favorevoli alla costruzione di Cappelle per il culto divino; infatti per quanto io so tutti i campi in Inghilterra erano riusciti ad avere il ~~XXI~~ teatro per proprio conto, mentre c'erano diversi campi che non avevano un luogo riservato appositamente al culto religioso. Il motivo c'era perchè gli Inglesi si mostrassero così zelanti per dare questa specie di divertimento ai nostri Soldati; questi infatti nel teatro potevano apprendere quelle cose che portavano a una vita molle e spensierata, o anche qualche motivo di propaganda Inglese, mentre nelle Cappelle non c'era niente di tutto questo.

Il 13 Settembre del 44 in tutto il campo fu una data solenne, perchè ricordava il primo anniversario della liberazione di Mussolini dal Reclusorio del Gran Sasso, dov'era stato confinato dal Governo Badoglio. La sera precedente il Capo Campo Zamboni aveva avvertito ^{secondo accordo preso col Com. Inglese} tutti i soldati, che l'indomani sarebbe stata cantata una Messa solenne all'aperto per tutti i caduti della guerra e che a tale scopo sarebbe stato costruito un grandioso altare provvisorio. Tutto il campo era quindi invitato a concorrere, ciascuno a suo modo, per il compimento di tale lavoro e poi all'ora fissata tutto il campo era invitato a intervenire alla solenne cerimonia. Le parole del capo furono accolte con gioia. L'indomani assai per tempo i prigionieri erano già al lavoro. Fu costruita con cartone bianco una grandiosa ^{iniziale di Mussoli.} ~~emme~~, grossa quasi come una colonna e di sotto fu innalzato l'altare per la Messa. Un gruppo di soldati, già preparati da alcuni giorni, formavano il coro. All'ora convenuta, sonata l'adunata del campo, tutti si portarono inquadrati dinanzi all'Altare, soldati da una parte e Ufficiali dall'altra. Io feci da celebrante. Al fine della Messa si cantò il Libera me Domine e infine tutto il campo insieme intonò l'inno del legionario. La cerimonia riuscì splendida e commovente, perchè al cuore di molti presenti richiamava la memoria di altri giorni più felici. Che ne avrà pensato il Comando Inglese di quella solenne commemorazione, che aveva tutta l'apparenza di una dimostrazione evidente che nell'animo di quei prigionieri non era ancora spenta la nostalgia fascista? Il Comando Inglese non fece trapelare nulla di nuovo all'esterno, ma certamente fin da allora e forse anche da prima stabiliva i suoi piani. Attendeva soltanto per metterli in esecuzione le sorti della guerra, che non dovevano tardare molto. La permanenza in questo campo doveva esse-

gabbia 1 alla 3 e stava 207 - (Graff era stato fatto rientrare dalla
glese nel pomeriggio ci fece adunare tutti in Refettorio, perché aveva da
parlarci di cose importanti. Infatti compiuta l'adunata in quel refetto-
rio, che pareva avesse l'aspetto piuttosto di una baracca di zingari, il
Comandante Inglese, per mezzo dell'Ufficiale De Borg, tenendo le mani die-
tro la schiena e camminando lentamente avanti e indietro, cominciò a far-
ci un discorso di questo genere: che noi eravamo dei cattivi Ufficiali,
perché NON AVEVAMO SAPUTO GUIDARE I NOSTRI SOLDATI; eravamo uomini pochi
disciplinati, perché NEI CAMPI? NEI QUALI CI SIAMO TROVATI, ANZICHÉ' OBEDI-
RE AL COMANDO BRITANNICO, SI TRASGREDIVANO GLI ORDINI E FACEVMO I SOBILLA-
TORI PRESSO I PRIGIONIERI. "Per questo, diceva il Colonnello Sanders, per
ordine del War Office di Londra voi invece di essere mandati ad altri
campi di COOPERATORI per venire impiegati in quelli, voi siete stati manda-
ti a questo campo per PUNIZIONE e vi posso assicurare che sarete rimpa-
triatati per ultimi; in questo vi do la mia parola di gentiluomo. Questo
è un ~~campi di disciplina~~ campo di DISCIPLINA, DI RIEDUCAZIONE. Ogni più
piccola infrazione a quel regolamento, che io stesso ho scritto e che tra
poco vi sarà fatto conoscere, sarà severamente punita. Per intanto tutto
il campo resterà punito con 28 GIORNI DI DETENZIONE. La punizione comin-
cerà da domani. Tutti gli Ufficiali dovranno radersi completamente la
barba; non ~~vederla~~ vedere barbe lunghe in campo". Detto questo se ne
andò, dopo fatto il saluto regolamentare. Il Colonnello Ravazzoni dopo
partito il Comandante Inglese, fece un breve commento e una esortazione
a tutti gli Ufficiali. Raccomandava a tutti di mantenersi disciplinati
e di accettare con pazienza la punizione imposta, "perché non c'era nien-
te da fare; erano ordini che venivano dal War Office". Infine raccomanda-
va a tutti gli Ufficiali che portavano la barba lunga di raderla al più
presto. Gli Ufficiali dopo questo breve discorso del Comandante Inglese
cominciarono uscendo dal refettorio a fare i loro commenti: "Siamo caduti
in buone mani! Altro che prossimo rimpatrio! Gli Inglesi ci vogliono ve-
dere snelli, vogliono farci la linea elegante! Qui starebbero bene le si-
gnorine che vogliono fare la cura dimagrante!... Largo, largo, signori...
qui si rimpatria! Ancora pochi giorni e rivedremo l'Italia!" E avanti di
questo passo. Naturalmente quelli che maggiormente temevano i 28 giorni
di detenzione erano quelli che ~~avevano~~ avevano migliore stomaco, perché in quel
periodo di tempo bisognava contare almeno 15 giorni di dieta a ~~pane~~ PANE
E ACQUA. "D. Bortuleit, esclamava Graff, gli Inglesi qui ci vogliono inse-
gnare come si fa lo sciopero della fame!... Eh! ma Graff non ha mica
paura, sai, di questi digiuni... Piuttosto, sai che cosa penso? Gli Inglesi
non vorranno mica far fare il digiuno anche al pappagallo! Ostrega, per-
bacco! ci mancherebbe altro. Il Pappagallo non è mica ~~merito~~ merito
tuo di punizione! Che ne dici, tu, D. Bortuleit?" "Chi ne sa niente? sog-
giungevo, potrebbe anche darsi che il pappagallo venga dagli Inglesi consi-
derato nostro complice... e quindi... per naturale conseguenza il pappagal-
lo dovrà fare i suoi 28 giorni di detenzione". "Eh, sì! Io dico anch'io,
quello che è giusto, è giusto!" Riguardo poi al radersi la barba erano di
versi Ufficiali che venivano colpiti da questo comando: Padre Rainotti, io
il Comandante Monechi, i due Capitani di marina Ceccchetti e Cecchini, e il
Ten. Medico Chiesotti, che portava una piccola moschetta, e il Capitano
Medico Biagi. Io però non volevo radermi la barba, perché dicevo che come
Cappellano Francese, secondo le prescrizioni del mio Ordine, avevo il di-
ritto di portarla; ne accennai quindi al Colonnello Ravazzoni, il quale mi
disse che non conveniva irritare ancora di più il Comandante Inglese per
cose così da poco. Ma io insistetti, aggiungendo che ne avrei parlato col
Capitano De Borg e se occorreva avrei fatto un atto di protesta davanti
al Comandante Inglese. Così infatti ~~un~~ un giorno dopo ne fu parlato all'Uffi-
ciale Interprete, il quale disse apertamente che il Colonnello Inglese NON
VOLEVA VEDERE NESSUNA BARBA LUNGA IN CAMPO. Però io mi convinsi che tale
ordine non fosse proprio un atto della volontà del Colonnello Inglese, ma
piuttosto un capriccio dell'Interprete, in quanto che se il primo avesse co-
nosciuto la mia condizione di Cappellano Francese non mi avrebbe ob-
bligato a togliermi la barba. Scrissi perciò una dichiarazione per il Co-
mando Inglese, spiegando che come Cappellano Francese, a ~~nessa~~ norma dell'
costituzioni del mio Ordine avevo non solo il diritto, ma anche il dovere
di portare la barba, e quindi ritenevo ingiusto che mi veniva imposto di

se alla setta PRESBITERIANA.

Finalmente verso la fine Maggio cominciò a correre per il campo la voce, che tra due mesi o poco più noi tutti si sarebbe rimpatriati. Si penserà il lettore che questa voce, ormai sicura e quasi certa, avrà dovuto portare una immensa gioia in tutta il campo, dato che da tutti si sognava il giorno della liberazione. Eppure se in molti apportò una grande soddisfazione, in altri invece e non pochi, non diede che un momentaneo sollievo, non scevro da tristezza. Se a tutti infatti recava conforto il pensiero di rivedere la famiglia e la propria patria, tuttavia molti sapevano che una parte dei loro cari non li avrebbero mai più veduti; sapevano che il loro paese o anche la propria famiglia era stata distrutta; altri sapevano che in patria li attendeva qualche tragedia familiare. Leggendo poi i giornali Italiani e anche sentendo la radio si era venuti a conoscere che in Italia esistevano tre campi FAMIGERATI, dove stavano ben guardati e anche MALTRATTATI, con quei sistemi che da noi si conoscevano molto bene, dei nostri COMNAZIONALE, rei di aver combattuto contro GLI INGLESI a fianco dei TEDESCHI tra le brigate Fasciste, o altri che avevano apertamente manifestato idee ANTILINGLESIS. Questi campi erano quelli che portano il nome di COLTANO, TARANTO e AFRAGOLA, vicino Napoli. Noi potevamo anche venir rimpatriati dall'Inghilterra, per venir rinchiusi in uno di quei campi e venir quindi maltrattati per mano dei nostri. Era questo un dubbio che passava per la mente di molti e che essendo fondato sulla BUONA CONSCENZA che noi avevamo sia degli Inglesi, sia ancora del GOVERNO PARTIGIANO che allora governava l'Italia, nessuno di noi riusciva a cacciare del tutto dalla mente una tale ipotesi. A tutto questo si aggiungeva ancora che per molti Prigionieri del 175, i quali conservavano fermo l'animo nell'idea fascista oppure se non altro mostravano una fortissima avversione contro gli Inglesi, i quali pure avevano un giorno combattuto a costo di grandi sacrifici, con fede ardente, sotto il governo di Mussolini, l'Italia in lotta contro il Fascismo e alleata dei suoi peggiori nemici, gli Inglesi, appariva come una Patria quasi degenera, una Patria, che aveva accettato liberamente di farsi schiava e dove quelli che volessero star liberi con le idee di prima non si sarebbero trovati bene. Più di uno infatti esprimeva apertamente il suo pensiero dicendo, che se non fosse stato per la famiglia e per i suoi genitori, che con tanto ~~xxxx~~ desiderio lo attendevano, avrebbe volentieri rinunciato di rimpatriare; avrebbe scelto piuttosto di andare in un paese straniero. Fra gli stessi Ufficiali non pochi facevano dei progetti per andare a finire in qualche altra nazione. Alcuni per mezzo di loro parenti, speravano di poter andare in America del Sud o in Spagna o in Francia. "Meglio, dicevano, andare a guadagnarsi un pezzo di pane all'estero, anziché vivere da schiavi e poco sicuri anche della vita nei nostri Paesi. Almeno una volta sotto il Fascismo si poteva camminare sicuri, ma oggi in Italia il viaggiatore, se è sicuro di partire, non è però sicuro di ritornare!" Altri Prigionieri invece, al pensiero del rimpatrio, dicevano: "Noi torneremo in Italia, non per poter godere un po' di pace, ma appena salutata la famiglia, dovremo metterci sotto la guida di un capo e fare una seconda guerra di liberazione". Queste idee di ribellione e di guerra contro gli Inglesi, che spadroneggiavano in Italia e contro i Partigiani a loro fedeli, erano in parte sostenute da alcune lettere che arrivavano in campo dall'Italia, le quali, con certe frasi particolari, il cui significato, era stato prima combinato fra i corrispondenti, senza che gli Inglesi avessero il minimo sospetto su quanto si scriveva, danno a conoscere che in Italia secretamente si lavorava per il RITORNO DEL FASCISMO e già alcuni capi erano riusciti a formare dei gruppi di uomini decisi a saltar fuori e combattere nel momento stabilito. Per le ragioni dunque che qui ho esposte, il prossimo ritorno in patria non portava in molti quella gioia e quel sollievo morale, che si sarebbe dovuto attendere in chi da più anni viveva fra i reticolati, lontano dalla propria famiglia. Io talvolta dicevo a Graff: "Credi tu, caro Graff, che in Italia ci lasceranno tranquilli? E' vero che ci sono molte gatte da pelare, e molte cose a cui il governo deve attendere in Italia, per occuparsi della nostra situazione PARTICOLARE; ma tuttavia non si dovrebbe escludere che noi prima di essere avviati alle nostre famiglie abbiamo a venir interrogati a lungo e passare sotto diverse Commissioni, e fosse anche fermati in qualche campo, come quello di Taranto o di

- 304 -

l'Inglese è un tipo freddo, calcolatore, brutale, e anche vendicativo. Sa mostrare maniere gentili e per molto tempo anche davanti a quelli che gli hanno fatto del male; sa dissimulare molto bene, o come usano dire gli Inglesi stessi parlando di sé, sanno INCASSARE; salvo poi saper al tempo giusto tirare quel colpo maestro, che toglie per sempre il fiato all'avversario. - In generale in Inghilterra non esiste una vita intima di famiglia e le leggi del matrimonio sono ordinariamente e per sistema concilianti; il marito non si preoccupa più che tanto di quello che fa la moglie né la moglie del marito, basta soltanto che l'uno non sciupi il denaro dell'altro. E' inoltre abbastanza diffusa e par che si diffonda sempre più fecondazione umana artificiale. - Di cristianesimo vero in Inghilterra ora ben poco vestigio; la maggioranza si può dire che è tutta materialista, e per persuadersi di leggeri basta osservare con che facilità gli Inglesi fanno BRUCIARE i loro corpi dopo morte oppure senza alcun rito religioso si fanno seppellire ai piedi di un albero, come cani. - Le famiglie che ancora esempio di una onestà almeno naturale e di morigeratezza, a parte le famiglie cattoliche, sono ancora la famiglia del CLERO ANGLICANO, che sembra abbia saputo conservare abbastanza bene ~~xxx~~ questo patrimonio di virtù ricevuto da Roma; e in effetto ancora oggi sono queste famiglie che danno all'Inghilterra i migliori Uomini di Stato. - Contro tutto quello che si dice di Roma e di Papato principalmente c'è un odio sordo, radicato, profondo in tutti i ceti del popolo Inglese; la stampa che si scaglia talvolta contro il Papa, quando si presenta qualche occasione, è letta avidamente da tutto il popolo e ne fa quasi vita della propria anima. Con quale gioia la propaganda Inglese faceva comprendere al popolo Inglese la NECESSITÀ di abbattere la famosa Abbazia di Montecassino! C'erano dentro i Tedeschi si diceva per la versione Italiana; E' un baluardo di Roma e del Vaticano si diceva per la versione degli Inglesi. Montecassino fu abbattuto e in Inghilterra gran parte della stampa fece buon viso, perché finalmente le armi Inglesi aveva potuto atterrare quella rocca del Papato. - Alcuni storici cattolici, anche di fama hanno detto talvolta che l'Inghilterra, sempre più avvicinandosi alla Conversione, e si facevano forti. - Movimento cattolico cosiddetto di Oxford, di cui il principale esponente è stato il Card. Newman. Questo movimento però a mio giudizio ha lasciato ben pochi segni di vita in Inghilterra, e io non ho potuto notare altro che non questo che il popolo Inglese anziché avvicinarsi alla vera Chiesa, si è abilmente allontanando sempre di più; è già in gran parte materialista, non gli manca che un passo per diventare pagano addirittura. - Gli Inglesi salutano in generale in questa maniera, come tutti gli altri popoli della terra: "How are YOU?" = Come state voi? = Ma lo fanno con un gesto metodico, freddo, compassato e si presentano ancora con quel loro sorriso tra beffardo e ironico, che loro non manca mai, nemmeno quando hanno mal di pancia, e par che vi dicano nel momento stesso: "Attenti alla borsa!..." oppure: "Avete qualche soldo in tasca? Si potrebbe davvero fare qualche bel negozio!" Alcuni poi mentre salutano pare ~~xxx~~ proprio che abbiano rabbia che voi stiate bene e par che siano disposti a trovar qualche modo di farvi star male. - Ricordo I°: Lettore, guardati dagli Inglesi, che sono perfidi, ipocriti, malvagi, crudeli. - Ricordo II°: Guardati dagli Inglesi che sono violenti e satanici NEMICI del cristianesimo in genere e del Cattolicesimo in particolare. - Ricordo III°: Guardati dagli Inglesi, che sono NEMICI di ogni ben ORDINATO e tranquillo vivere sociale. - L'Inghilterra E' davvero la NEMICA capitale di tutta l'UMANITÀ.

Giulio 27.8.1947

29.8.

Non E. Bortolato